

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E  
LINGUÍSTICA

DAYANE CRISTINA PAL

**Descrição e análise de construções  
seriais  
em baulê**

São Paulo  
2010  
Exemplar revisado

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E  
LINGUÍSTICA

## **Descrição e análise de construções seriais em baulê**

Dayane Cristina Pal

Tese apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Semiótica e  
Linguística Geral do Departamento de  
Linguística da Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo para a  
obtenção do título de doutora em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Exemplar revisado

São Paulo  
2010

*A todos os africanos que lutam para manter viva sua identidade.*

## **Agradecimentos**

Agradeço à Capes pela bolsa concedida.

Ao pessoal do LLACAN, CNRS, pela orientação acadêmica, pelo incentivo ao estudo das línguas africanas e pela generosidade no acolhimento durante minha estada em Paris.

Aos meus colaboradores, falantes de baulê, Léa, Koffi Théodore, Michel, Maurice. Sem eles esta pesquisa não teria se realizado. Agradeço pela dedicação e pela prontidão em me ajudar com as dúvidas sobre o baulê.

A Érica, Ben-Hur e Robson, pelo eficiente atendimento no Departamento de Linguística.

Ao professor Emilio Bonvini, pelas conversas sobre línguas africanas e sobre outros diversos assuntos. Pela receptividade durante meu estágio em Paris.

A todos os professores do Departamento de Linguística, por compartilharem o conhecimento.

Aos membros do GELA, pelas discussões africanistas.

A minha orientadora, Margarida Petter, pela orientação acadêmica, pela generosidade, pela compreensão e por todo o incentivo que me deu durante minha trajetória acadêmica, desde o mestrado.

Aos meus pais, por tudo o que representam em minha vida.

## RESUMO

Esta tese tem por objetivo (i) fazer uma análise de construções seriais em baulê, classificando-as segundo a tipologia elaborada por Aikhenvald & Dixon (2006), que subdivide construções seriais em dois grandes grupos semânticos - construções simétricas e construções assimétricas - de acordo com suas propriedades sintáticas e semânticas, e (ii) interpretar tais construções sob a perspectiva de duas teorias de orientação cognitivista, a saber, a Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 2008) e a Gramática de Construções (Goldberg, 1995).

A análise buscou, ainda, comparar as construções seriais em baulê com construções coordenadas sem conectivo.

O *corpus* constitui-se da gravação de narrativas contadas por falantes de baulê e de frases elaboradas em português e francês e traduzidas para o baulê.

Palavras-chave: baulê, gramática de construção; gramática cognitiva; séries verbais; línguas africanas.

## ABSTRACT

This thesis has the objective (i) to present a descriptive analysis of serial constructions in Baule, classifying them according to the typology elaborated by Aikhenvald & Dixon (2006), which subdivides serial constructions in two major semantic groups – symmetrical and asymmetrical constructions – pursuant to their syntactic and semantic properties, and (ii) to analyze its conceptual organization based on the perspective of two theories of cognitivist orientation, namely, Cognitive Grammar (Langacker, 1997, 2008, 2010) and the Grammar of Constructions (Goldberg, 1995).

Furthermore, the analyzes sought to compare the serial constructions in Baule to coordinate constructions without connective for being similar in structure, emphasizing that, in serialization, occurs the description of a single event, and, in coordination, it is possible to represent two or more events, what fundamentally differentiates them.

The *corpora* is constituted by the recording of narratives related by native speakers of Baule and by sentences elaborated in Portuguese and French translated to Baule.

**KEYWORDS:** baulê; construction grammar; cognitive grammar; serial verbs; linguistic.

## SUMÁRIO

### ABREVIATURAS

### INTRODUÇÃO

<b>CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DA LÍNGUA BAULÊ</b>	<b>1</b>
1.1. FONOLOGIA	2
1.2. ORTOGRAFIA DO BAULÊ	4
1.3. O GÊNERO	6
1.4. O NÚMERO	6
1.5. CLASSES DE PALAVRAS	6
1.5.1 Pronomes	7
1.5.1.1 Pronomes pessoais/possessivos	8
1.5.1.2 Pronome demonstrativo/reflexivo/pessoal indefinido	9
1.5.2 Verbos	10
1.5.2.1 Morfemas aspectuais e de negação	10
1.5.2.2 Futuro	11
1.5.2.3 Reduplicação de verbos	11
1.5.3 Adjetivos	12
1.5.3.1 Adjetivos indefinidos	12
1.5.4 Numeral	13
1.5.5 Palavras de sentido adverbial	14
1.5.6 Elementos que indicam posição	15
1.6. SINTAXE	15
1.6.1 Frase simples	15
1.6.2 Frase complexa	16
1.6.2.1 Coordenação	16
1.6.2.2 Subordinação	16
1.7 INTERROGATIVAS	17
1.8 NEGAÇÃO	18
<b>CAPÍTULO 2 – LITERATURA SOBRE CONSTRUÇÕES SERIAIS</b>	<b>19</b>
2.1 CONSTRUÇÕES SERIAIS: PRIMEIROS ESTUDOS	19
2.2 O “MITO” QUE INCIDE SOBRE CONSTRUÇÕES SERIAIS	25
2.3 ABORDAGENS MAIS RECENTES SOBRE A TIPOLOGIA DE CONSTRUÇÕES SERIAIS	26
2.4 PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS	31

2.4.1	Construção serial como predicado único	31
2.4.2	Construção serial como uma única oração	33
2.4.3	Propriedades prosódicas	34
2.4.4	Tempo/Aspecto/Modo	36
2.4.5	Composição dos argumentos	38
2.4.6	Argumentos compartilhados	41
2.5.	PARÂMETROS PARA UMA CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA	43
2.5.1	Construções seriais	46
2.5.1.1	Orientação espacial	46
2.5.1.2	Marcas gramaticais (TAM) e mudança de estado	47
2.5.1.3	Conceitos secundários expressos por verbos na serialização	48
2.5.1.4	Valência, função morfológica e introdução de argumento ou adjunto	49
2.5.1.5	Comparativos e superlativos	53
2.5.1.6	Construções que indicam modo	54
2.5.2	Construções seriais simétricas	54
2.5.2.1	Ações sequenciais ou concomitantes	54
2.5.2.2	Construções de causa-efeito	55
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	<b>CAPÍTULO 3 – PERSPECTIVAS TEÓRICAS</b>	<b>57</b>
3.1	PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA COGNITIVA (GC)	59
3.1.1	Nomes e verbos	60
3.1.2	Complexidade simbólica e elaboração conceitual	64
3.1.3	Trajedor e Marco ( <i>Trajector e landmark</i> )	67
3.1.4	Determinante do <i>Profile</i>	71
3.1.5	Autonomia e dependência	73
3.1.6	Hierarquia de constituintes e organização do significado	74
3.1.7	Verbos complexos	75
3.1.8	Representação conceitual do evento em construções seriais	79
3.2	PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	83
3.2.1	Organização da língua e princípios psicológicos	87
3.2.2	Construções, motivação e herança	87



3.2.2.1 Polissemia	88
3.2.2.2 Relação entre subpartes	88
3.2.2.3 Instanciação	89
3.2.2.4 Metáfora	90
3.2.3 Verbos e construções	91
3.2.4 Limites entre léxico e sintaxe	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
<b>CAPÍTULO 4 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>98</b>
4.1. PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES SERIAIS EM BAULÊ	101
4.1.1 Construções seriais assimétricas	102
4.1.2 Construções seriais simétricas	114
4.2 SERIALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO	119
4.3 GRAMATICALIZAÇÃO E CONSTRUÇÕES SERIAIS	126
4.4 MARCAS ASPECTUAIS	131
4.5 EXPRESSÃO DO ASPECTO	133
4.6 MARCAS DE NEGAÇÃO	138
4.7 REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO	140
4.8 REPRESENTAÇÃO DO OBJETO	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
<b>CAPÍTULO 5 - DOMÍNIOS CONCEITUAIS E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES</b>	<b>145</b>
5.1 CONSTRUÇÕES ASSIMÉTRICAS	146
5.1.1 Introdutoras de beneficiário	147
5.1.2 Introdutoras de instrumento	158
5.1.3 Comparação	164
5.1.4 Indicativas de modo	173
5.1.5 Indicativas dos participantes de um evento	174
5.2 CONSTRUÇÕES SIMÉTRICAS	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
CONCLUSÃO	190
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	194
ANEXO	203

## Abreviaturas

ACC – *accompli* ‘perfeito’

ADJ.INDEF – adjetivo indefinido

ADV – advérbio

APRES – apresentativo

ASP – aspecto

CAUS-SUBORD – causativo - subordinado

COMPL – completivo

CONJ – conjunção

CONT – continuativo

DEM – demonstrativo

DET – determinante

DET-PL – determinante plural

ESC – *empty subject construction* ‘construções de sujeito vazio’

EST – estativo

EXPL – expletivo

FUT – futuro

HAB – habitual

IMP – aspecto imperfeito ( $\emptyset$ )

INDEF – indefinido

INF – infinitivo

INTER – interrogativo

LOC – locativo

M – masculino

MORF – morfema

NEG – negação

O – objeto

OD – objeto direto

OI – objeto indireto

PASS – passado

PAS.REM – passado remoto

PER – *person* ‘pessoa’

PERF – aspecto perfectivo ( -li, -ni)

PL – plural  
POSS – possessivo  
POT – potencial  
Prep – preposição  
PRES – presente  
PROG – progressivo  
REAL – realista  
RED – reduplicado  
REDUP – reduplicado  
REFL – reflexivo  
REL – morfema relativo  
REM.PAST.REP – *remote past reported* ‘passado remoto reportado’  
RES – aspecto resultativo  
RSC – *resumed subject construction* ‘construção de sujeito recuperado’  
S – sujeito  
Sg – singular  
SN – sintagma nominal  
TEMP – tempo  
V – verbo

## INTRODUÇÃO

O propósito de analisar construções seriais em baulê despontou durante o período de leituras realizadas para a confecção de nossa dissertação de mestrado, defendida em 2005, na Universidade de São Paulo (USP), sob o título “Construções seriais em português brasileiro: estudo com dados da comunidade negra de Pedro Cubas, Vale do Ribeira/SP”. Nessa pesquisa, desenvolvemos um estudo sobre construções com o verbo *pegar*, tais como “Daí ele *pegou* e foi embora sem se despedir”, nas quais esse verbo não apresentava propriedades típicas de verbo pleno nem de verbo auxiliar. Recorrendo aos pressupostos da teoria da gramaticalização, verificamos que o verbo PEGAR nessas estruturas não apresentava características sintáticas de verbo pleno ou auxiliar, mas sim propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas semelhantes às que caracterizam tipicamente as séries verbais. Verificamos, então, que se tratava de um processo de mudança linguística em que um novo uso do verbo estava sendo incorporado ao português brasileiro.

Construções seriais são bastante difundidas em línguas africanas da região oeste do continente, principalmente em línguas do grupo quá, da família nigero-congolesa, no chinês mandarim e na maioria das línguas crioulas. Conceitualmente, descrevem um único evento e suas propriedades entonacionais são semelhantes às de uma sentença de um único verbo. Todavia, apesar de haver grande variação na maneira como elas se constroem, esse conjunto de propriedades orienta a sua identificação a partir de sua adequação às especificidades de cada língua.

Em nossa pesquisa de doutorado, propusemo-nos a observar o processo de serialização verbal em baulê e a descrever suas propriedades morfossintáticas e semânticas à luz de teorias da Linguística Cognitiva, a saber, a Gramática Cognitiva e a Gramática de Construções. As principais razões para essa escolha foram: analisar as construções seriais em baulê e contribuir para o conhecimento geral dessas estruturas, utilizando para isso um olhar analítico que não se limitasse a observar apenas o seu aspecto estrutural, mas que tentasse compreendê-las também como um produto resultante de processos cognitivos.

Esta tese foi estruturada da seguinte maneira: no capítulo 1, apresentaremos brevemente uma descrição da gramática do baulê, com base em Kouadio & Creissels (1977) e Kouadio & Kouame (2004). No capítulo 2, discutiremos a literatura sobre construções seriais, principalmente em línguas africanas. Discorreremos também sobre a produtividade de verbos com significado de PEGAR (investigado em nossa pesquisa de mestrado sobre o português) e DAR (comumente empregado nessas estruturas como introdutor do papel semântico de beneficiário) em línguas seriais prototípicas. Na tentativa de sistematizar as

propriedades semânticas e sintáticas de construções seriais, Aikhenvald & Dixon (2006) elaboraram uma tipologia, com dados de diferentes línguas, e dividiram essas estruturas em dois grandes grupos: construções seriais simétricas e assimétricas. Faremos a exposição dessa tipologia, que também será utilizada em nossa análise para a classificação dos dados de nosso *corpus* do baulê.

No capítulo 3, discorreremos sobre os pressupostos das teorias da Gramática Cognitiva e da Gramática de Construções, que servirão de suporte para a análise. Tais teorias, como veremos, integram um conjunto maior de teorias denominado Linguística Cognitiva. Essa nova abordagem, que começou a se desenvolver na década de 70, nos Estados Unidos, a partir de divergências epistemológicas entre os estudiosos gerativistas, insere a investigação linguística numa perspectiva de análise que abrange não apenas a sintaxe e suas propriedades formais mas também os processos cognitivos implicados na elaboração dos enunciados. Com essa nova abordagem, a capacidade humana da linguagem passou a ser entendida como resultante de mecanismos cognitivos relacionados a qualquer outra habilidade humana, e não como um módulo à parte. A escolha dessas teorias justificase ainda pelo fato de que as construções seriais, se analisadas apenas sob a perspectiva de suas propriedades formais, podem ser comparadas a construções coordenadas sem conectivo. Julgamos, assim, determinante expandir nossa pesquisa à análise da estrutura conceitual dessas construções em baulê.

Finalmente, o capítulo 4 traz a análise das construções em baulê. Primeiramente, fizemos uma classificação tipológica de acordo com o que propõem Aikhenvald & Dixon (2006). Para uma melhor compreensão do tema, discutiremos também a questão da aparente semelhança entre os processos de serialização e coordenação. Apresentaremos também uma caracterização das propriedades das construções seriais em baulê e, para fechar, no capítulo 5, faremos a análise dos dados à luz das teorias da Gramática Cognitiva e da Gramática de Construções.

### **Coleta de dados**

O *corpus* desta pesquisa está organizado da seguinte maneira:

1. *Corpus* 1: narrativa de uma história em quadrinhos sem legendas. A sequência da história escolhida, a gravação e a transcrição dos dados foram realizados pela própria pesquisadora.

2. *Corpus* 2: duas narrativas coletadas pelo Departamento de Linguística da USP e cedidas para esta pesquisa. Aqui foi utilizado o filme “The pear film”, uma produção

realizada por Chafe (1980) para a coleta de narrativas em diferentes línguas. Trata-se de um filme sem falas, composto por uma sequência de eventos, às vezes simultâneos, alguns triviais e outros não, alguns bastante codificáveis e outros não, com personagens e objetos que participavam dos eventos de diversas maneiras (cf. CHAFE, 1980). O objetivo era transpor a história representada de forma não verbal para uma representação verbal, em diversas línguas, para que fossem analisadas e comparadas.

3. *Corpus 3*: frases elaboradas pela pesquisadora e traduzidas para o baulê pelo colaborador<sup>1</sup>. As demais gravações do *corpus* são compostas de narrativas livres contadas a partir de um tema de interesse do próprio falante.

4. *Corpus 4*: dados disponibilizados na literatura sobre o baulê, tais como os trabalhos de Creissels & Kouadio (1977), Kouadio (2000) e Larson (2002, 2005). Esses dados foram utilizados em caráter secundário.

As variantes de baulê analisadas são da região de Toumodi e Bouake. Os dados foram transcritos foneticamente e traduzidos em parceria com os colaboradores. Todos os colaboradores são estudantes de pós-graduação, residentes no Brasil e na França.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos o termo “colaborador” para designar os falantes de baulê que nos auxiliaram na pesquisa. Contamos com a ajuda de três colaboradores e uma colaboradora, que foi a nossa principal referência para as dúvidas e os esclarecimentos sobre a língua durante a pesquisa.

# CAPÍTULO 1

## A LÍNGUA BAULÊ

Baulê é uma língua cuá da família nigero-congolesa falada por, aproximadamente, 2 milhões de pessoas na Costa do Marfim, na região noroeste do continente africano. O país foi colonizado pela França e conquistou sua independência em agosto de 1960; atualmente, tem como língua oficial o francês, de acordo com o que estabelece a Constituição Marfinense. A população marfinense soma, aproximadamente, 17 milhões de pessoas e o país tem cerca de 60 línguas nacionais, repartidas em quatro troncos linguísticos (gur, mandé, cru e cuá). Entre essas línguas, estão o diulá<sup>1</sup> e o baulê, contudo, é o francês a língua do ensino fundamental, médio e superior, das instâncias públicas, políticas e da mídia. A seguir, apresentamos uma classificação<sup>2</sup> do baulê dentro da família nigero-congolesa e um mapa<sup>3</sup> da Costa do Marfim:

### Niger-Congo

#### Atlantic-Congo

#### Volta-Congo

#### Kwa

#### Nyo

#### Tano

#### Central

#### Bia

#### Northern

#### Baoulé

---

<sup>1</sup> O diulá é falado por 7 milhões de pessoas, aproximadamente, de acordo com dados estimados em 1998 pelo Instituto Nacional de Estatística da Costa do Marfim. É considerada a segunda língua do país e a língua de excelência das transações comerciais.

<sup>2</sup> [http://www.ethnologue.com/show\\_lang\\_family.asp?code=bci](http://www.ethnologue.com/show_lang_family.asp?code=bci).

<sup>3</sup> [www.bernardini.com.br/novo/mapas/images/mapa\\_costa\\_marfim.jpg&imgrefurl](http://www.bernardini.com.br/novo/mapas/images/mapa_costa_marfim.jpg&imgrefurl)



Com o objetivo de familiarizar o leitor com a língua, nesta seção faremos uma breve apresentação da gramática do baulê com base principalmente na descrição realizada por Kouadio & Creissels (1977) e Kouadio & Kouame (2004).

### 1.1 FONOLOGIA

O baulê possui 7 vogais orais ( i, e, ε, a, ɔ, o u), 5 vogais nasais (ĩ, ã, õ, ã, ã) e 21 consoantes (b, c, d, f, g, Gb, j, k, kp, l, m, n, ɲ, p, r, s, t, v, w, j, z). As palavras, em geral, são monossílabas, dissílabas ou trissílabas, e todas terminam em vogais. Não há palavra que termine em consoante. A seguir, pares mínimos que evidenciam a oposição entre vogal oral e nasal (p.33), consoante surda e sonora (p.15) e alguns pontos de articulação (p.15) (Creissels Kouadio, 1977):

#### Orais e nasais

fɛ ‘ficar cansado’	fɛn ‘embranquecer’
fi ‘vomitar’	fin ‘vir (de)’
fia ‘esconder’	fian ‘raspar’
kuku ‘recolher’	kunkun ‘cassar as moscas’

#### Surda e sonora

blā ‘mulher’	plā ‘viveiro de plantas’
--------------	--------------------------



di 'comer'                      ti 'ouvir'

jê 'solitário'                  ce 'dique'

Pontos distintos de articulação

fê 'agradável'      ce 'durar'      kpe 'cortar'      ké 'pronome'

Baulê é uma língua tonal que comporta três tons pontuais: alto, baixo e médio; e dois modulados: baixo-alto e alto-baixo. No sistema nominal, o tom fonológico é uma propriedade inerente às unidades lexicais e a sua variação distingue dois termos semanticamente. Por outro lado, a função gramatical no sistema nominal não é determinada pela tom. Exemplos (Kouadio & Kouame, 2004: 14):

sá      'mão'                  sà      'assim, dessa forma'

àluà      'cachorro'      áluà      'antílope real'

No sistema verbal, o tom é determinado pela estrutura silábica do radical e não realiza distinção lexical. Pode desempenhar função gramatical para indicar o modo indicativo, o modo intencional, o injuntivo, o perfectivo e a negação. Exemplos (Kouadio & Kouame, 2004: 14):

ḡ      fà      dūò

3Ss pegar inhame

'Ele pega o inhame' (indicativo)

ó      fà      dūò

3Ss pegar inhame

'Ele vai pegar o inhame' (intencional)

ḡ      fāà      dūò

3Ss pegar inhame

'Ele pegou o inhame' (perfectivo)

## 1.2. ORTOGRAFIA DO BAULÊ

Atualmente, existe uma proposta de ortografia do baulê, elaborada por Kouadio & Kouame (2004) de acordo com princípios convencionais do Instituto de Linguística Aplicada (ILA), que tem como objetivo uniformizar a ortografia das línguas da Costa do Marfim. Essa convenção ortográfica optou por marcar apenas os tons que tivessem alguma relevância gramatical, deixando as demais marcações para as transcrições fonéticas. A seguir, tabela com a notação fonética, a correspondência ortográfica e um exemplo.

### VOGAIS

<u>API</u>	<u>Ortografia baulê</u>	<u>Exemplos</u>
A	a	ta ‘plantar’
E	e	be ‘cozinhar’
ɛ	ɛ	tɛ ‘mal’
I	I	ti ‘cabeça/rosto’
O	o	bo ‘fundo’
ɔ	ɔ	kɔ ‘ir’
U	u	fu ‘subir’
I	in	fin ‘vir de’
Ã	an	bakan ‘criança’
ẽ	ɛn	fɛn ‘esvaziar’
õ	ɔn	tɔn ‘cozinhar, fazer cozinhar’
Ū	un	wun ‘ver, inchar’

### CONSOANTES

<u>API</u>	<u>Ortografia baulê</u>	<u>Exemplos</u>
b	b	ba ‘criança’
c	c	cɛn ‘engordar’

d	d	dɔn 'hora'
f	f	fu 'subir'
g	g	gali 'mandioca'
gb	gb	gba 'armadilha'
ʃ	j	ʃɔ 'rede'
k	k	kale 'crédito'
kp	kp	kpe 'cortar, interromper'
l	l	la 'deitar, dormir'
m	m	damun 'jogo'
n	n	nnun 'cinco'
ɲ	ny	nyin 'crescer, fechar'
p	p	panndu 'garrafa'
r	r	rɛrɛ 'escala'
s	s	se 'dizer'
t	t	tu 'desenterrar'
v	v	vi 'rim, lombo'
j	y	yi 'esposa'
z	z	nza 'inhome'

### 1.3 O GÊNERO

Não existe a oposição de gênero masculino e feminino. Quando necessário, a distinção, para os seres animados, é feita pela realização dos conceitos de macho-fêmea, como observamos a seguir:

bla	'mulher, menina, fêmea'	ako bla	'galinha'
yasua	'homem, menino, macho'	ako yasua	'galo'

#### 1.4 O NÚMERO

Para formar o plural, adiciona-se junto ao nome o morfema *mun*:

Sran            *mun*

Ser humano   PL

‘Os seres humanos’

#### 1.5 CLASSES DE PALAVRAS

As unidades significativas do baulê podem ser divididas em dois grupos: as que constituem uma classe de número fixo e com propriedades combinatórias específicas (morfemas e pronomes); e as de número variável, que desempenham as funções de nomes, verbos, adjetivos e advérbios.

No que se refere a nomes e verbos, é possível estabelecer critérios que os distingam: verbos podem constituir um enunciado (valor imperativo); nomes isolados devem vir acompanhados de um morfema predicativo (☉) para que o enunciado tenha significado; apenas os nomes podem se combinar aos morfemas que indicam valor definido/indefinido e plural; apenas verbos se combinam aos morfemas aspectuais; os pronomes pessoais que acompanham o lexema verbal têm formas diferentes dos que acompanham os lexemas nominais. Exemplos<sup>4</sup>:

*di*

Comer

‘Coma!’

*àlwá      ò*

cachorro pred.

‘É um cachorro’

*biá      kùn*

cadeira INDEF.

‘Uma cadeira’

---

<sup>4</sup> Os exemplos a seguir compõem o *corpus* de dados coletados pela pesquisadora.

ò fà- lì wá n mán-ní mí

3Ss pegar-PERF filho DET dar-PERF 1Os

‘Ele me deu o filho dele’

### 1.5.1 Pronomes

Constituem uma categoria não homogênea e, com exceção dos pronomes pessoais, se caracterizam por estarem aptos a assumir a função de um constituinte nominal, não serem seguidos de determinantes e poderem acompanhar o nome que determinam (cf. Creissels Kouadio, 1977: 173). Exemplos<sup>5</sup>:

bjá ngà

cadeira DEM

‘Esta cadeira’

blòfùè klò kún sú lò

branco vila INDEF dentro LOC

‘Numa vila...’

#### 5.1.1 Pronomes pessoais/possessivos

A seguir, quadro com pronomes pessoais em função de sujeito e de objeto:

SUJEITO	Singular	Plural
1a pessoa	n	e
2a pessoa	a	ámù
3a pessoa	o	be

---

<sup>5</sup> Exemplos de nosso *corpus*.

COMPLEMENTO	Singular	Plural
1a pessoa	mí	é
2a pessoa	wó	ámù
3a pessoa	í	bé

Os pronomes pessoais de complemento também são empregados em **construções possessivas** como: *ámù ànglò* (2Poss ‘lua’, ‘vossa lua’) ou *bé klò* (3POSS ‘aldeia’, ‘aldeia deles’). Kouadio define que tal construção é formada por pronome pessoal + X, onde X é o objeto possuído ou o que está na esfera pessoal do referente do pronome pessoal (cf. KOUADIO & KOUAME, 2004). O morfema *liɛ*, de uso facultativo, reforça a construção possessiva. Exemplo (cf. KOUADIO & KOUAME, 2004: 22):

Min si liɛ

1Ss pai MORF

‘Meu pai (a mim)’

Be nianman bian<sup>6</sup> liɛ mun

3Opl irmão homem MORF PL

‘Os irmãos deles’

Para formar o **pronome possessivo**, basta juntar o pronome pessoal complemento e o morfema *liɛ*. Para formar o plural das formas seguintes, basta adicionar o morfema *mun*:

POSSESSIVO	Singular	Plural
1a pessoa	mí liɛ ‘meu/minha	é liɛ ‘nosso/a’
2a pessoa	wó liɛ ‘teu/tua’	ámù liɛ ‘vosso/a’
3a pessoa	í liɛ ‘seu/sua’	bé liɛ ‘dele/a’

---

<sup>6</sup> Este termo também é usado para indicar um elemento do sexo masculino, assim como *yasua*.

### 1.5.1.2 Pronome demonstrativo/reflexivo/pessoal indefinido

Comumente, a forma **nga** é usada para indicar o demonstrativo singular, e **ngamun** para indicar o plural. Ambas as formas devem ficar em posição posterior ao nome que determinam<sup>7</sup>:

Gbó ngà

Poço DEM

‘Este poço’

srán ngà mún

Ser humano DEM PL

‘Estes seres humanos/estas pessoas’

A indicação de um evento reflexivo é feita pela introdução do nome **wun/un** ‘corpo’, como se observa a seguir (KOUADIO & KOUAME, 2004: 24):

Be fa be un

3Spl parecer 3Opl corpo

‘Eles se parecem’

Para exprimir um evento que apresente sujeito indefinido ou indeterminado, utilizam-se os pronomes **be** (plural) ou **a** (singular) (KOUADIO & KOUAME, 2004: 24):

Be wan Kofi ba-li

3Spl dizer Kofi vir-PERF

‘Dizem que o Kofi veio’

---

<sup>7</sup> Exemplos de nosso *corpus*.

## 1.5.2 Verbos

A maioria dos verbos em baulê apresenta-se sob a forma de monossílabos e dissílabos (número mais restrito). Alguns exemplos: *di* ‘comer’, *si* ‘conhecer’, *m̄lin* ‘perder’, *sin* ‘passar’, *kun* ‘matar’, *wandi* ‘correr’, *jaso* ‘levantar’, entre outros.

### 1.5.2.1 Morfemas aspectuais e de negação

A marcação aspectual é realizada por meio de morfemas acoplados ao(s) verbo(s), indicando o perfectivo (-li, -ni), o resultativo (a-), o progressivo (su), o imperfectivo (zero) e o continuativo (tè). A negação é expressa pelo morfema *man* colocado após o(s) verbo(s).

Exemplos:

ò      trá      lí      àcé      klé      lètrì

Ele s    sentar    PERF    solo    escrever    carta

‘Ele se sentou para escrever uma carta/Ele escreveu uma carta’

ò      à      bá      má

3Ss   RES   chegar   NEG

‘Ele não chegou’

bà      sú      wá      kó      láfi

criança   PROG   FUT   ir   dormir

‘A criança está indo dormir’

yè      ò      fà      flwà      ngà

então   3Ss   pegar   livro   DEM

‘Então, ela pega este livro...’

ò      tē      làfi

3Ss   CONT   dormir

‘Ele continua a dormir’



### 1.5.2.2 Futuro

A expressão do tempo futuro é feita pelo tom alto aplicado sobre o pronome sujeito ou pelo acréscimo do auxiliar **wa** ‘ir antes do verbo. Para exprimir o futuro próximo, emprega-se o morfema aspectual de progressivo e o auxiliar de futuro **wa**. Vejamos alguns exemplos:

làflè kún bà yè wà làfi  
sono matar criança então FUT dormir  
‘A criança tem sono, então ela vai dormir (dormirá)’

o su wa so *television* n  
3Ss PROG FUT ver televisão DET  
‘Ele vai aumentar a televisão’<sup>8</sup>

### 1.5.2.3 Reduplicação de verbos

É comum a reduplicação de verbos para expressar a existência de muitos sujeitos realizando a mesma ação ou para indicar uma ação que se repete, se prolonga ou se faz em muitas repetições.

o wo le **titi** waka ma wie  
3sg estar loc. colher árvore filho ADJ.INDEF.  
‘Ele colhia umas frutas’

### 1.5.3 Adjetivos

O adjetivo qualificativo posiciona-se imediatamente após a palavra que determina. Se houver artigo ou marca de plural, eles devem ser colocados após o adjetivo.

Sran dan  
Ser humano grande  
‘Um homem grande’

<sup>8</sup> Kouadio & Kouame, 2004: 31.

<sup>9</sup> Trata-se do verbo *ti* (colher). A sua repetição indica o aspecto iterativo.

Bla kpenngben mun be si able

Mulher velha PL elas dançar (loc.verb)

‘As mulheres velhas dançaram’,<sup>10</sup>

### 1.5.3.1 Adjetivos indefinidos

a) wie, vie, bie (singular) e wie mun, vie mun, bie mun (plural):

algum(ns), certo (s). Exemplo:

srān vie mun be bali wa

ser humano alguns 3Spl ir-PERF LOC

‘Alguns homens vieram aqui’

b) fi: algum. Exemplos:

like fi n kɔ̃ a lika fi

coisa algum 1Ssg ir NEG lugar nenhum

‘alguma coisa’ ‘Eu não vou a nenhum lugar’

c) kwlaa/ngba: tudo, todos

Ba sɔ̃'n si sa kwlaa !

Criança DEM-DET saber coisa tudo

‘Esta criança sabe de muita coisa’

d) kun: ‘um, um e outro, cada um’

wākā kùn

árvore uma

‘uma árvore’

---

<sup>10</sup> Este exemplo foi retirado de (Kouadio & Kouame, 2004: 36). A tradução emprega o verbo no perfectivo, no entanto, não há nenhuma marca para esse aspecto na frase em baulê.

e) uflɛ: ‘outro(a)’

Like uflɛ

coisa outra

‘outra coisa’

f) kunngba: ‘mesmo, parecido’

like kunngba

coisa mesmo

‘a mesma coisa’

g) sɔ: ‘tal, dessa forma’

talua sɔ’ n ti’ A kpa

menina tal DET ser NEG bom

‘Tal menina não é boa’

### 1.5.4 Numeral

Apresentaremos uma listagem com numerais de 1 a 11 e dezenas até 100 e a centena 200.

1 kun k

11 blu nin ku

2 nnyɔn

20 ablaɔn

3 nsan

30 ablasan

4 nnan

40 ablanan

5 nnun

50 ablenunn

6 nsien

60 ablesien

7 nso

70 ableso

8 mɔɔɛ

80 ablauncɛ

9 ngwlan

90 ablangwlan

10 blu

100 ya 200 ya nnyɔn

### 1.5.5 Palavras de sentido adverbial

Em baulê, não há propriamente uma classe de palavras que desempenhe unicamente a função de advérbio, mas sim palavras de outras classes, especialmente nomes e adjetivos, que adquirem caráter adverbial em determinados contextos. Podemos tomar como exemplo o lexema *kpa*, que pode ser empregado em sentido adverbial e adjetival.

Nian *kpa*

Olhar bom

‘Olhe bem!’

Da mesma maneira, o lexema *gbòlò*<sup>11</sup> ‘excessivo, grande’ pode ser empregado como adjetivo e advérbio:

ì      fìtè      nì      ímà      gbòlò      gbòlò

3Ssg    sair    3CLpl    olho    grande    grande

‘Ele sai com seus olhos grandes’

Kuasi    klo      Amlan    ngboko

Kuasi    amar    Amlam    Muito

‘Kuasi ama muito Amlan’

O exemplo seguinte traz um lexema de sentido adverbial de quantidade<sup>12</sup>:

Kē      ò      ā      guè      lī      lɛ́,      ò      fù      lí      ékùn.

Depois    3Ss.    RES    amontoar    PERF.    Loc    3Ssg.    Subir    PERF    de novo

‘Depois de ter amontoado pela primeira vez, ele subiu de novo na árvore’

---

<sup>11</sup> Kouadio & Kouame (2004: 44) cita o mesmo adjetivo como *ngboko*.

<sup>12</sup> Esses exemplos fazem parte de nosso *corpus*.

### 1.5.6 Elementos que indicam posição

Nomes indicativos de partes do corpo, em baulê, podem adquirir o sentido de advérbios de lugar, como, por exemplo, *sin* ‘costas/atrás’, *nyrun* ‘rosto/ na frente’. Há, contudo, outros que têm a função única de locativos. São eles: *su* ‘sobre’, *nun* ‘dentro’, *bo* ‘sob, na presença’, *wun* ‘perto de, ao redor, contra, na casa de’, *lele* ‘até’.

## 1.6 SINTAXE

### 1.6.1 Frase simples

As frases simples em baulê seguem, em geral, o esquema Sujeito+Verbo+Objeto, no qual o objeto indireto antecede o objeto direto. Exemplos:

∅    *le*    *kekεba*    *nsan*  
3Ss    ter    cesta    três  
‘Ele tem três cestas’

*Kpekun*    ∅    *man*    *ni*    *be*    *waka*    *mma*    *nsan*.  
Em seguida    3Ss    dar    PERF    3Opl    árvore    filho    três  
‘Em seguida, ele deu três frutas para eles’

Em construções seriais, no entanto, a ordem dos complementos verbais é invertida: primeiro, objeto direto; em seguida, objeto indireto. Exemplo:

∅    *yó*    *lí*    *swà*    *ngà*    *mán*    *ní*    *mí*  
3Ss    fazer    PERF    Casa    DET    dar    PERF    1Os  
‘Ele fez esta casa para mim’

### 1.6.2 Frase complexa

#### 1.6.2.1 Coordenação

A coordenação de proposições em baulê é realizada por meio dos seguintes morfemas: *ye*, *nan* ‘e’; *anze*, *kusu/kusuman*, *kanzu* ‘ou’; *sange* ‘mas’. Alguns exemplos:

o ti ke *avocat* sangε naan *avocat* o a wun!  
3Ss ser como abacate mas não abacate 2Ss RES ver

‘Ele parece com abacate, mas não é abacate, viu!’

Yε o sie-li lε, yε o bo i komin ekun.

Conj. 3Ss guardar-PERF APRES. conj. 3Ss amarrar 3Os pescoço adv.

‘E ele a guardou e amarrou o lenço no pescoço dele’

Ke o ko o fa-li koko bakan kun kusuman o fin lo su ba

Qdo 3Ss ir 3s pegar-PERF adv. menina DET também 3Ss vir LOC PROG vir

‘Quando ele estava indo, realmente uma menina vinha do outro lado’

### 1.6.2.2 Subordinação

O recurso da subordinação por meio de morfemas pode ser empregado para expressar um objetivo (*man*, *nan*), causa (*nan*, *ke mo*), condição (*se*), tempo (*ke*, *i nun mo*, *ka nan*, *kpo*, *kpe*), maneira (*ke ye*), concessão (*kanzε*), comparação (*ke sa*). Exemplos ilustrativos:

Ke o ʒaso-li, o kplekple i ʒa wun kwlakwla

Qdo 3Ss levantar-PERF 3Ss limpar 3Os pé corpo todo

‘Quando ele se levantou, limpou todo o seu pé’

i ti kε nε ye

3Ss ser como animal ADV

‘Ele é como um animal’

o ti ke kekeba umuan ye o ʒu i ò

3Ss ser como cesta inteira REL 3Ssg satisfazer 3Os PRED

‘É como se fosse a cesta inteira que era suficiente para ele’

A comparação de superioridade em geral é expressa pelo verbo *tra* ‘ultrapassar’.

Exemplo:

e wo Paris tra Lion

1Spl ir Paris ultrapassar Lion

‘Eu vou mais a Paris que a Lion’

### 1.7 Interrogativas

Alguns termos podem expressar a interrogação. *wan* ‘quem?’; *benin/onin* ‘qual?’; *nzu/nzukɔɛ* ‘o que?’; *sɛ* ‘como?’.

nzu yɛ ɔ yo-li man-ni mi ɔ?

O que 3Ss fazer-PERF dar-PERF 1Os Pred.

‘O que ele fez para mim?’

a fa mannin wan?

2Ss pegar dar-PERF INTER.

‘A quem você deu isso?’

ɔ duman suan<sup>13</sup> sɛ?

3Ss chamar INTER.

‘Como você se chama?’

### 1.8 Negação

O morfema *man* ‘não’ é a principal marca de negação em baulê; deve vir após a marca aspectual. Se a marca aspectual anteceder o verbo, como no caso do resultativo, o morfema de negação vem acoplado ao verbo. Exemplos:

---

<sup>13</sup> Trata-se de uma locução verbal que significa ‘charmar-se’.

M'a            fa   man        m'a            fia        man  
 1Ssg RES pegar-NEG    1Ssg-RES    esconder-NEG  
 'Eu não o escondi'

ké            bà            láfífi            màn  
 quando criança dormir-PERF-NEG  
 'Quando a criança não dormiu...'

Para exprimir a certeza de que um evento não irá acontecer no futuro, deve-se acrescentar o morfema su<sup>14</sup> antes do verbo e o morfema man após o verbo. Vejamos:

mì        s̄ì    sù        mán    m̄ān    mì        lívrú    kún  
 POSS pai NEG dar    NEG 1Osg livro INDEF  
 'Meu pai (certamente) não me dará um livro'

Outras marcas de negação: man+kun 'não mais', nin+a/na+man 'ainda não', man + bobo 'nem mesmo'.

ō        trán    m̄ān    lò        k̄ūn  
 3Ssg morar NEG LOC NEG  
 'Ele não mora mais lá'<sup>15</sup>  
 ò        niān    wò    m̄ān    Buàkē  
 3Ssg NEG ir NEG Buake  
 'Ele ainda não foi a Buake'

<sup>14</sup> Neste caso, o morfema su não indica o progressivo e, portanto, a junção com o morfema de negação não expressa a negação desse aspecto.

<sup>15</sup> Creissels & Kouadio, 1977: 397.



## CAPÍTULO 2

### LITERATURA SOBRE CONSTRUÇÕES SERIAIS

A literatura sobre construções seriais (CS) é abrangente, porém insuficiente no que diz respeito a traçar um inventário claro e conciso sobre suas propriedades definidoras. Inúmeros trabalhos foram realizados sobre o tema, tendo como *corpus* de análise línguas de origens distintas, principalmente da Oceania e da África, além das línguas crioulas, mas, ainda assim, devido à acentuada heterogeneidade de exemplos, parece não ser possível afirmar que seja um tipo de construção com propriedades sintáticas e semânticas formadoras de uma categoria uniforme.

Neste capítulo, reunimos uma seleção de textos que orientará a compreensão do tema por meio do percurso que realizaram a maioria dos pesquisadores até então. Inicialmente, traçamos um panorama diacrônico de estudos variados sobre tais construções, incluindo os mais recentes, com análises de diversas línguas. Apresentaremos, por último, uma nova tipologia de classificação (AIKHENVALD & DIXON, 2006) para construções seriais, pautada em critérios semânticos e funcionais, que divide as CS em dois grandes grupos: simétricas e assimétricas. Essa tipologia irá nortear a descrição desenvolvida nesta pesquisa.

#### 2.1 CONSTRUÇÕES SERIAIS: PRIMEIROS ESTUDOS

Construções seriais foram identificadas pioneiramente por Christaller (1875) em estudo sobre o twi, língua benue-cuá, falada em Gana, Togo e Nigéria. Christaller é considerado um dos precursores dos estudos de línguas africanas principalmente por seu trabalho de descrição da língua twi, bem como pela tradução da bíblia, a elaboração de um dicionário e a coleta de provérbios nessa língua.

Um dos pontos de destaque em sua pesquisa está em ter identificado um tipo de combinação verbal que apresentava o mesmo sujeito para mais de um verbo, sem nenhum conectivo entre eles. Outro ponto meritório é a distinção semântica que ele atribui a dois tipos de combinações possíveis para as partes coordenadas de uma sentença formada por um único verbo, a saber, “combinação essencial” e “combinação acidental” (SEBBA, 1987: 5). Em combinação essencial,

Um verbo é o principal, o outro é o auxiliar, preenchendo, como for, um advérbio de tempo ou modo, (...) ou formando ou introduzindo um complemento (...) ou adjunto (...); ou o segundo verbo é suplementar, fazendo parte de uma frase verbal. As ações expressas por ambos os verbos são simultâneas e numa relação ou conexão inseparável ou interna. Nesse caso, o auxiliar ou verbo suplementar é coordenado apenas na forma, mas subordinado no sentido, se for precedido ou sucedido pelo verbo principal.<sup>16</sup> (CHRISTALLER apud SEBBA, 1987: 5-6)

Em combinação accidental,

Dois ou mais predicados (verbos com ou sem complementos ou adjuntos), expressando diferentes e sucessivas ações, ou um estado simultâneo a outro estado ou ação, com o mesmo sujeito, são apenas ligados sem conjunção ou sem repetir o sujeito. Nesse caso, duas (ou mais) sentenças são contraídas em uma, e os verbos são coordenados tanto no sentido quanto na forma.<sup>17</sup> (CHRISTALLER apud SEBBA, 1987: 6)

Essa distinção marca a primeira tentativa de firmar as relações entre os componentes de uma construção multiverbal e suas funções semânticas, cumprindo até hoje papel importante para os estudos sobre o tema. Mais adiante neste capítulo, na seção em que apresentaremos o trabalho de Aikhenvald & Dixon (2006), veremos que estes estabelecem uma dicotomia semelhante à que Christaller pioneiramente elaborou.

Também se sobressai a pesquisa de Westermann (1907; 1930) sobre a gramática da língua ewe. Esse autor observou o mesmo processo de combinação verbal em ewe e tentou oferecer uma explicação de cunho “cognitivo” para a construção.

A explicação para isso é que o povo ewe descreve todo detalhe de uma ação ou acontecimento do início ao fim, e cada detalhe tem de ser expresso por um verbo especial: eles dissecam todo acontecimento e o

---

<sup>16</sup> “One verb is the principal, and another is an auxiliary verb, supplying, as it were, an adverb of time or manner, [...] or forming or introducing a complement [...] or adjunct [...]; or the second verb is supplemental, forming part of a verbal phrase. The actions expressed by both verbs are simultaneous and in an internal or inseparable relation or connection. In this case, the auxiliary or supplemental verb is coordinate only in form, but subordinate in sense, whether it be preceding or succeeding the principal verb. »

<sup>17</sup> “Two or more predicates (verbs with, or without, complements or adjuncts), expressing different successive actions, or a state simultaneous with another state or action, but having the same subject are merely joined together without conjunction and without repeating the subject. In this case two (or more) sentences are thrown or contracted into one, and the verbs are coordinate in sense as well as in form. »

apresentam em muitas partes, considerando que em inglês nós pegamos o essencial de um evento e expressamos isso por meio de um verbo, embora eventos subordinados não sejam considerados ou sejam expressos pelo significado de uma preposição, advérbio, conjunção ou um prefixo ligado ao verbo.<sup>18</sup>(WESTERMANN apud SEBBA, 1987: 7)

Westerman ensaia uma justificativa imprecisa e pouco fundamentada, baseada muito mais em sua percepção que em conceitos propriamente linguísticos. Ao comparar a língua ewe com o inglês, aponta que pode haver diferenças entre as tipologias das línguas, de maneira geral, e que esse fato incidiria na maneira como um mesmo evento seria traduzido em diferentes idiomas. Além disso, o autor observa que alguns verbos desempenham funções que não são propriamente as que correspondem a esse item lexical, demonstrando que os limites definidores de um item lexical não são absolutamente precisos e variam consoante sua posição e função em uma determinada construção<sup>19</sup>. As intuições de Westerman coincidem com o rumo que tomaram muitos estudos posteriores (BOLE-RICHARD, 1978; LORD, 1993) apesar de não terem sido aprofundadas pelo autor.

A introdução do termo ‘séries verbais’ cabe a Balmer e Grant (1929), mas é com Stewart (1963 apud SEBBA 1987) que ele ganha força e começam propriamente os estudos sobre o que passou a ser denominado processo de “serialização verbal”. Suas pesquisas analisam exclusivamente o twi por meio do paradigma da teoria gerativa transformacional<sup>20</sup>. O principal ponto da análise de Stewart está em explicar as construções seriais em termos de transformações obrigatórias que combinam duas ou mais sentenças. Vejamos um exemplo (STEWART apud SEBBA 1987: 7):

(1)  
o femm                      me ne pônkó nó  
Ele emprestar-PASS me seu cavalo DET-o  
‘ele emprestou o seu cavalo a mim’

---

<sup>18</sup> “The explanation of this is that the Ewe people describe every detail of an action or happening from beginning to end, and each detail has to be expressed by a special verb: they dissect every happening and present it in its several parts, whereas in English we seize on the leading event and express it by a verb, while subordinate events are either not considered or are rendered by means of a preposition, adverb, conjunction, or a prefix on the verb.”

<sup>19</sup> Vale notar que essa perspectiva coincide com o que postula a Gramática de Construções (Goldberg, 1995), como veremos no capítulo 3 desta tese.

<sup>20</sup> Outros autores desenvolveram estudos sobre construções seriais em línguas africanas sob a perspectiva da teoria gerativa transformacional; entre eles, podemos citar: Stahlke (1970), *Semântica Gerativa*; Bamgbose (1974), Chomsky 1965; Schachter (1974), *Standard theory* (CHOMSKY 1965) e Williams (1976).

(2)

\*o femm me no

Ele emprestar-PASS me o

‘Ele o emprestou a mim’

(3)

o de no femm me

3Ss pegar o emprestar-PASS 3s (construção serial)

‘ele o emprestou a mim’

Em consequência de restrições lexicais, alguns verbos bitransitivos dessa língua não admitem o uso de pronomes em função de objeto direto nas orações simples, admitem apenas o item lexical, como se observa nos exemplos (1) e (2) apresentados. A produção de um enunciado com o verbo *fem* ‘emprestar’, por exemplo, e um pronome objeto direto exigiria uma construção sintática multiverbal, como a do exemplo 3, em que o pronome objeto direto fosse compartilhado por ambos os verbos que compusessem a construção. Por meio de exemplos como esse, Stewart demonstra que restrições morfológicas dessa língua teriam motivado a mudança e o surgimento de novas estruturas sintáticas, como as construções seriais.

Em transformações como as dos exemplos citados, os verbos não perdem suas propriedades, mas passam a atuar em novas construções sintáticas. Contudo, há casos em que esses itens passam a desempenhar diferentes funções sintático-semânticas, tais como a de preposição (introduzindo um beneficiário ou indicando caso instrumental, por exemplo), advérbios (muito comum para indicar a maneira como um evento se realizou), entre outras, também formando uma nova construção sintática. Foi o que observou Ansre, em estudo sobre a língua eve e também sobre o twi, denominando-os *verbids*. De acordo com Sebba (1987), o ponto principal da análise de Ansre foi o de identificar que construções seriais não poderiam ser analisadas em termos da combinação de duas sentenças nos casos em que um dos verbos tivesse as características do que ele denominou *verbids*, pois estes não preenchem a função de verbo e, conseqüentemente, não compartilham argumentos com o outro verbo da sentença nem portam marcas gramaticais.

Bole-Richard (1978) também se debruçou sobre a classificação de verbos que em construções seriais não preenchem propriamente essa função e, diferentemente de Ansre, ainda os classificou como verbos. O autor argumenta que o fato de esses itens lexicais, nessas construções, adquirirem outra função não é suficiente para que deixem de ser verbos, visto que continuam a desempenhar tal função em outras construções. Em momento posterior, outros autores (LORD, 1993; SEBBA, 1987) discutiram essa questão apresentando propostas diferentes.

O caminho da pesquisa sobre construções seriais abrange perspectivas teóricas distintas. Autores que optaram por uma abordagem formal passaram a considerá-las como uma estrutura frasal e não mais como um fenômeno transformacional e, a partir de Williams (1976), incluíram nas pesquisas a observação das relações temáticas estabelecidas na construção.

Sob uma perspectiva funcionalista, como a da gramaticalização (Heine, 1991; Hopper & Traugott, 1993), construções seriais foram analisadas muitas vezes como resultantes de mudança motivada por processos metafóricos e metonímicos. Devido a sua heterogeneidade e variabilidade, tais construções são consideradas como um fenômeno difícil de ser isolado e que pode ser mais bem compreendido como um *continuum* que como uma categoria de construção homogênea (cf. Noyau & Tayassi, 2005).

Há um percurso considerável de formas aparentes, significados associados e propriedades sintáticas entre essas estruturas que as pessoas chamam de séries verbais, do Oeste africano à China e à Papua Nova Guiné. Mas nós não precisamos cruzar continentes ou mesmo fronteiras dialetais para achar variação. Em uma mesma língua como ewe, algumas construções seriais contêm longas sequências de sentenças verbais nomeando ações sucessivas, e outras construções seriais contêm verbos-morfemas defectivos, os *verbids* de Ansre, com capacidade sintática enfraquecida, tendo a função de modificador adverbial.<sup>21</sup> (LORD, 1993: 2)

Numa perspectiva diacrônica, o emprego de certos verbos, em construções seriais, desempenhando outra função sintática que não a de um verbo propriamente

---

<sup>21</sup> “There is a considerable range of surface forms, associated meanings, and syntactic properties among those structures people have called “serial verbs”, from West Africa to China to Papua New Guine. But we do not need to cross continents or even dialect boundaries to find variation. Within a single language such as Ewe, some serial constructions contain long strings of verb phrases naming successive actions, and other serial constructions contain defective *verblike* morpheme’s, Ansre’s « *verbids* », with impaired syntactic capacity, having the function of adverbial modifiers. »

pode ser também analisado pela identificação da relação semântica instituída entre os argumentos da construção. Consoante Lord (1993), esse novo uso pode acarretar mudanças tipológicas às estruturas de sentença da língua, bem como uma recategorização do léxico. No que tange especificamente às línguas africanas, uma análise diacrônica só é possível por meio da comparação entre línguas afins, uma vez que a maioria não tem registro escrito. Por sua vez, se atentarmos para a grande variação dessas construções até mesmo em uma mesma língua, essa metodologia demandará atenção. Estudos como esse contribuíram para identificar o que motivaria o surgimento de uma construção serial e indicaram que há forte relação entre o uso linguístico e as estruturas lexicais e gramaticais, mas que o ponto de partida de um processo de mudança não é facilmente identificável.

A aplicação de verbos designadores de processos, ações e estados, em contextos nos quais adquirem função distinta, em decorrência da inovação promovida pelos falantes da língua, indica que esse verbo está em meio a um processo de ressignificação. Na literatura sobre gramaticalização, é comum denominar esse processo de apagamento ou dessemanticização, o que implica considerar que os verbos perdem conteúdo semântico. Seria apropriado ter em conta, nesses casos – nos quais se incluem as construções seriais –, que esse item lexical passa também a adquirir novas propriedades semânticas, sintáticas e funcionais que atribuem a ele outro estatuto na língua. No que tange às construções seriais, é possível que o verbo que assumiu caráter menos verbal na construção continue a ser empregado, em outras sentenças, como verbo pleno. A nova utilização desse item lexical, portanto, não inviabiliza seu uso anterior e indica a possibilidade de desempenhar diferentes funções sincronicamente.

A esse propósito, podemos lembrar aqui a perspectiva da Gramática de Construções, para a qual a atribuição de um significado a uma construção resulta da inter-relação entre os termos componentes e o sentido básico da própria construção. Dessa forma, sob essa abordagem, os verbos integrantes de uma construção serial não são interpretados como itens polissêmicos que adquirem novo sentido em cada construção sintática, ao contrário, o que propõe essa abordagem é que a arquitetura do significado seja vinculada à interação entre o que requer o verbo e o que requer a própria construção.

## 2.2 O “MITO” QUE INCIDE SOBRE CONSTRUÇÕES SERIAIS

Construções seriais atualmente são consideradas como uma estratégia sintática da qual se valem muitas línguas e que não representa nenhuma sorte de habilidade cognitiva peculiar. No entanto, houve no passado uma visão equivocada que concebia tais construções como um mecanismo resultante de algum tipo de falha do sistema cognitivo, característico principalmente de línguas de tradição oral.

Vale aqui um parêntese: a palavra é um dos traços que distingue o homem de outros animais e, a rigor, a capacidade da linguagem está caracterizada como uma habilidade cognitiva inerente a todo e qualquer ser humano. O que fundamenta a concepção de que alguns povos, especialmente os de tradição oral, não sejam capazes de produzir determinados enunciados é a prática de compará-los a línguas de longa tradição escrita. Essa superapreciação da linguagem escrita põe em segundo plano culturas baseadas na oralidade e perpetua uma hierarquia que privilegia as línguas de tradição escrita, muitas vezes com mais destaque no cenário político e econômico.

Ao longo do século 18 e início do 19, algumas das pesquisas de investigação linguística na África foram realizadas por missionários que tinham como objetivo principal a catequização e divulgação da Bíblia.

Alain Delplanque (1998), em seu artigo *Le mythe des ‘séries verbales’*, denunciou essa variedade de preconceito linguístico que permeava os estudos sobre construções seriais e as classificava como o resultado de uma provável incapacidade para coordenar os pensamentos e uma forma particular de inteligência, típica de povos africanos ou “primitivos”. Delplanque, sem se referir particularmente a nenhum autor, rebate esse tipo de comentário, afirmando que “Não se trata de uma sequência, que testemunha não sei qual incapacidade - tipicamente africana -, ligando solidamente as ideias entre elas”<sup>22</sup> (DELPLANQUE, 1998: 232). O autor contesta o argumento de que essas construções refletiriam uma inteligência especial com tendência a decompor eventos complexos em processos menores para que fossem mais facilmente compreendidos. Bonvini (1992) também visita o tema e questiona o fato de essa construção ter sido considerada exótica por muitos pesquisadores, bem como a pecha de que se trata de uma representação sintática tradutora de uma estrutura cognitiva peculiar a povos africanos. Por trás de classificações como essas, permeava a ideia de que alguns

---

<sup>22</sup> “Il ne s’agit pas d’une ribambelle qui témoignerait de je ne sais quelle incapacité – ‘typiquement africaine’ – à relier solidement les idées entre elles.”

povos, aqueles com uma organização social e com hábitos culturais diferentes dos desenvolvidos pelas sociedades ocidentais, não tinham grande potencial cognitivo e, conseqüentemente, suas línguas refletiam em seu sistema essa “incapacidade”, produzindo enunciados com estruturas como as construções seriais. Trata-se, certamente, de um recurso sintático desenvolvido para expressar conteúdos que em outras línguas são expressos de outra maneira, por um item lexical ou um morfema, por exemplo, sendo, portanto, concernente à tipologia das línguas. Como afirma, Lord (1993: 238): “O conjunto de relações expressas por uma série verbal numa dada língua depende de quais outras estruturas são viáveis na língua e a quais funções comunicativas elas servem”.<sup>23</sup>

Estudos como o de Delplanque (1998) situam as construções seriais como mais uma possibilidade de expressão do sintagma verbal, entendido como uma estrutura sintática universal necessária para a veiculação do pensamento humano.

### **2.3. ABORDAGENS MAIS RECENTES SOBRE A TIPOLOGIA DE CONSTRUÇÕES SERIAIS**

Nas décadas de 1980 e 1990, a atenção voltou-se para a investigação de propriedades sintáticas por meio de estudos que focalizavam apenas a descrição do fenômeno em uma língua em particular, sem se voltar para uma análise comparativa que pudesse ser um contraponto para a pesquisa. Mais precisamente, no final da década de 1980, Sebba (1987) realiza estudo detalhado com dados do crioulo surinamês<sup>24</sup>, no qual também apresenta uma compilação de outros trabalhos sobre o tema, numa tentativa de análise que pudesse ser aplicada *cross-linguistically*. A partir da metade da década de 1990, a perspectiva amplia-se ainda mais e volta-se para a identificação de traços tipológicos correlatos entre as línguas, bem como de propriedades correlatas entre as próprias construções seriais (LAWAL, 1993; LARSON 1995; AGBEDOR, 1994). Essa abordagem resulta da percepção de que não era possível assumir generalizações para todas as línguas e que havia grande variedade de construções seriais (cf. LORD, 1993).

No artigo de Lawal (1993) sobre o iorubá, foram identificadas sentenças contendo um ou mais verbos, sem marca de coordenação ou subordinação, e que

---

<sup>23</sup> “The set of relationships expressible with serial verb constructions in a given language depends on what other kinds of structures are viable in the language and what communicative functions they serve.”

<sup>24</sup> Língua falada no Suriname.



dispunham, em geral, da seguinte estrutura [S V O V (O)]. Por meio de exemplos como o que será apresentado a seguir, Lawal indaga se construções seriais devem ser analisadas como sentenças simples, formadas por um único verbo, ou complexas, e quais critérios sintáticos determinariam a opção por uma ou outra classificação. Alguns exemplos:

(4)

*Olú mú iwé wa*

Olu pegar livro vir

‘Olu trouxe o livro’

(5)

*Olú gún íyan je*

Olu pounded yam ate

‘Olu made and ate pounded yam’

Por meio de testes sintáticos, como omissão de sujeito correferencial, inserção de advérbio, anteposição de advérbios e focalização, aplicados em estruturas seriais e construções causativas<sup>25</sup> - pois têm a mesma estrutura sintática de algumas séries verbais - e também em construções que portavam marcas abertas de coordenação, o autor buscou identificar se se tratava de construções simples ou complexas. Apesar de não esgotar a questão, os dados mostraram que construções seriais em iorubá não tinham a estrutura de sentenças complexas e não se comportavam como tal, ao contrário, eram sentenças simples que continham verbos complexos<sup>26</sup>.

Outros autores também investigaram a estrutura de construções seriais na tentativa de determinar se seriam casos de subordinação, coordenação ou adjunção (cf. JOHNSON 1991; LARSON 2002, 2005; HELLAN, BEERMANN & ANDENES 2003), mas o desafio que ainda se mantém está em estabelecer, a partir de uma análise comparativa entre as línguas seriais, um inventário amplo de suas propriedades sintáticas, semânticas e prosódicas que possa contribuir para sua caracterização, bem como para distingui-la, da maneira mais precisa possível, de outras construções multiverbais.

---

<sup>25</sup> No capítulo da análise dos dados, apresentaremos exemplos de estruturas causativas seriais em baulê.

<sup>26</sup> Também veremos na análise do baulê uma proposta que classifica os verbos seriais como verbos complexos.

Mais recentemente, com a ampliação dos modelos linguísticos e as novas abordagens que não desprivilegiam os níveis discursivos da língua, há maior interesse pela semântica e pragmática de construções seriais. Permanece, no entanto, o propósito de firmar uma definição mais exata sobre tais construções, bem como suas características funcionais, sintáticas e semânticas, para estabelecer parâmetros que as diferenciem de outras construções multiverbais (cf. LARSON, 2005; AMEKA, 2006).

O trabalho de Aikhenvald & Dixon (2006) oferece uma discussão sobre a tipologia de construções seriais, suas propriedades gerais e algumas propriedades específicas restritas a determinadas línguas. A definição apresentada pelos autores para a construção é:

Uma construção serial (CS) é uma sequência de verbos que agem juntos, num único predicado, sem nenhuma marca aberta de coordenação, subordinação ou dependência sintática de qualquer tipo. Construções seriais descrevem o que é conceitualizado como um único evento. Elas são orações simples; suas propriedades entonacionais são as mesmas de uma oração simples e elas têm apenas um valor temporal, aspectual e de polaridade. CS podem também compartilhar o núcleo e outros argumentos. Cada componente de uma CS deve ser capaz de atuar sozinho. Na CS, os verbos individuais podem ter os mesmos ou diferentes valores de transitividade.<sup>27</sup> (AIKHENVALD & DIXON, 2006: 1)

Essas construções são entendidas como uma técnica gramatical que abrange uma variedade de significados e funções, sem constituir categoria gramatical homogênea. Ademais, possuem similaridades semânticas com as estruturas subordinadas e coordenadas em línguas não seriais, o que, por vezes, causa certa dificuldade em sua análise ou resulta em traduções um pouco diferentes do enunciado produzido na língua de base.

Como Matisoff (1969:71) coloca, CS servem para fornecer, de uma maneira uniforme, um tipo de informação que, na gramática de línguas como o inglês, é controlado por um diferente conjunto de artifícios de subordinação: infinitivos complementares, complementos -ing, auxiliares

---

<sup>27</sup> “A serial verb construction (SVC) is a sequence of verbs which act together as a single predicate, without any overt marker of coordination, subordination, or syntactic dependency of any other sort. Serial verb constructions describe what is conceptualized as a single event. They are monoclausal; their intonational properties are the same as those of a monoverbal clause, and they have just one tense, aspect, and polarity value. SVCs may also share core and other arguments. Each component of an SVC must be able to occur on its own. Within an SVC, the individual verbs may have same, or different, transitivity values.”

modais, advérbios, frases preposicionais ou mesmo orações subordinadas inteiras.<sup>28</sup> (AIKHENVALD & DIXON, 2006: 3)

A distribuição geográfica dessas construções acontece de maneira desigual, pois, apesar de serem encontradas em provavelmente 1/3 das línguas do mundo, são quase inexistentes na Europa, na Ásia Central ou do Norte e pouco frequentes na América do Norte e na Austrália (AIKHENVALD & DIXON, 2006: 339). Outro fator a acrescentar é que a tipologia das línguas parece não restringir a existência de CS, todavia, são mais comuns em línguas analíticas.

Vejamos alguns exemplos dessas construções em duas línguas do nigero-congolês:

Baulê (cuá, nigero-congolês, CREISSELS, 2000: 240)

(6)

ò	à	fà	í	swǎ	n	à	klè	mĩ
3Ss	RES-pegar	3Os	casa	DET	RES-mostrar	1Os		

‘Ele mostrou sua casa para mim’ (pegar-mostrar)

Ibo (iboide, benue-congo, nigero-congolês: LORD 1975 :27)

(7)

ó	tì-wà-rà	étere	à
3S	bater-quebrar.abrir-TEMP	prato	o

‘Ele destruiu o prato’

No exemplo do baulê, o verbo *fa* ‘pegar’ não é interpretado isoladamente e em seu sentido prototípico de segurar, prender, mas sim em composição com o verbo *kle* ‘mostrar’. Não há conectivos entre os verbos e os elementos compartilhados por eles são sujeito e marca aspectual. Sintaticamente, o argumento interno de V1 é compartilhado

<sup>28</sup> “As Matisoff (1969:71) puts it, SVCs ‘serve to provide in a uniform way the sort of information that in the surface grammar of languages like English is handled by a formally disparate array of subordinating devices: complementary infinitives, *-ing* complements, modal auxiliaries, adverbs, prepositional phrases, even whole subordinate clauses.’”

por V2; semanticamente, porém, o V1 não carrega seu sentido prototípico. Sua função é mais pragmática que sintática, mas ele ainda obedece a algumas regras morfossintáticas da língua, como se observa na marca aspectual a ele acoplada.

O significado do verbo **fa** ‘pegar’, no exemplo 6, adquire caráter secundário na elaboração da cena em relação ao verbo **kle** ‘mostrar’. Em se tratando de um caso de serialização, sabe-se que não há eventos coordenados nem subordinados, o que põe apenas um núcleo verbal em primeiro plano. Dessa forma, como veremos adiante no capítulo da análise, a atenção direcionada ao verbo em posição nuclear não anula completamente o significado do verbo periférico. Verbos utilizados em casos como esse são classificados por Sebba (1996: 176) como *dummy verbs*<sup>29</sup>. Na construção acima, o *dummy verb* (**fa**- ‘pegar’) é seguido por um sintagma nominal cuja função é de complemento direto do verbo núcleo (**kle**). A classificação de Sebba, porém, mostra-se parcialmente satisfatória, visto que considera exclusivamente as propriedades sintáticas, mas não atenta ao conteúdo pragmático atribuído pelo verbo à construção.

O exemplo 7, do *ibo*, traz uma construção em que os verbos se acoplam num único lexema para formar um só predicado. O objeto direto se posiciona após os verbos, assim como a marca temporal, que tem escopo sobre todos eles. A ação é descrita por meio da composição de traços semânticos do primeiro e do segundo verbo, que não podem ser analisados separadamente. Em casos como esse, fica mais evidente a adequação dos verbos componentes à construção serial e a representação de apenas um evento.

Comparando-se os exemplos (6) e (7), depreendemos um traço comum: ambos descrevem um único evento. Essas representações, no entanto, apesar de virem expressas em construções que permitem a introdução de mais de um lexema verbal, associam a um desses lexemas um valor mais gramatical, restringindo suas propriedades verbais. No caso do *baulê*, o item em posição inicial tem função mais pragmática que sintática, mas, no caso do *ibo*, os verbos estão aglutinados de forma a compor um único lexema, indicando maior coesão semântica entre eles. O significado completo da construção é depreendido, pois, da composição de traços semânticos do primeiro e do segundo verbo.

---

<sup>29</sup> Verbos esvaziados de sentido.

Partindo da premissa de que a língua não pode ser compreendida de forma compartimentada, mas sim em todos os seus níveis, que se inter-relacionam e se complementam, não poderíamos nos valer somente das propriedades formais de CS para analisá-las. O que tentaremos demonstrar ao longo deste trabalho é que interferem na estrutura gramatical fatores semânticos e pragmáticos, e, conseqüentemente, suas regras e restrições acabam intermediadas por esses níveis. No caso específico das construções seriais, essa perspectiva pode contribuir para a distinção entre estruturas coordenadas e seriais. Dessa forma, o exemplo do baulê citado anteriormente poderia ser analisado, se fossem observadas exclusivamente as suas propriedades formais, como uma construção coordenada sem conectivo; contudo, o elemento que impossibilita essa classificação está no nível semântico, pois seria inverossímil pensar que alguém pegaria literalmente uma casa e mostraria a outra pessoa.

## **2.4 PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS**

Nesta seção, elencaremos um conjunto de propriedades identificadas em CS, de línguas com tipologias variadas, por diversos pesquisadores que, apesar de não esgotarem o tema, traçam um panorama abrangente que contribui para a identificação e classificação dessas construções. As pesquisas organizadas por Aikhenvald & Dixon (2006) têm por principal mérito a sistematização dos resultados dos trabalhos e a elaboração de uma classificação semântico-funcional de CS englobando dois grandes grupos e suas subdivisões. Ao elencar propriedades semânticas e sintáticas, os autores contribuíram para distingui-las de outras construções. Devemos ter em conta, porém, que, desde os primeiros estudos sobre o tema, pesquisadores como Christaller e Westermann indicavam haver diferenças estruturais e semânticas entre as construções e chegaram a esboçar definições para elas, conforme apresentamos anteriormente, mas seus estudos não atingiram o ponto de organizá-las de forma metódica.

### **2.4.1 Construção serial como predicado único**

Uma das características mais peculiares a essas construções é a de que, a despeito de serem compostas por mais de um verbo, funcionam como um predicado simples, de um único verbo. Por essa razão, **não** admitem marcas de dependência sintática entre eles. Construções seriais podem, todavia, estar subordinadas a outra

oração, contanto que a relação entre seus componentes mantenha-se inalterada, como se observa no exemplo a seguir do tariana, língua aruak falada na região noroeste da Amazônia (AIKHENVALD, 2006: 5):

(8)

nhuta            nu-thaketa -ka            di-ka-pidana

1sg+pegar    1sg-cruzar+CAUS-SUBORD.    3sgnf-ver-REM.PAST.REP.

‘Ele viu que eu atravesssei’

Nesse exemplo, há apenas um morfema de subordinação (*-ka*), inserido no final da construção serial, indicando que a oração subordinada é a que contém verbos seriais, ou seja, a primeira oração do período. Notamos que, na CS, o sujeito é repetido antes de cada verbo, e a oração a que a CS está subordinada tem sujeito diferente daquele da CS, o que também indica tratar-se de uma oração distinta. As marcas gramaticais da CS aparecem apenas uma vez, associadas ao segundo verbo da construção. O morfema de subordinação indica que toda a CS, e não apenas um dos verbos que a compõem, está subordinada à oração seguinte.

Observemos, agora, o exemplo da língua lango<sup>30</sup> (NOONAN 1992: 212: 5 apud AIKHENVALD, 2006)

(9)

ámittò            cwè            kàttò            rwòt

1sg+querer+PROG.    engordar+INF.    exceder+INF.    rei

‘Eu quero engordar mais que o rei’

Nessa construção serial de função comparativa, o verbo *kàttò* ‘exceder’ é o elemento que imprime o valor de comparação à construção. Em línguas africanas, verbos que significam ultrapassar ou exceder comumente compõem esse tipo de estrutura, traço indicativo de certa similaridade entre as línguas na escolha dos termos componentes de uma CS e de que essa escolha não é aleatória, ou seja, depende da composição semântica do item lexical. No exemplo (9), ambos os verbos que formam a

---

<sup>30</sup> Língua nilo-saariana falada em Uganda.

CS estão no infinitivo, denotando a existência de concordância entre as marcas gramaticais, propriedade peculiar de CS. No que tange a esse traço, é preciso acrescentar que a concordância pode ser uma qualidade distintiva entre construções seriais e outras construções multiverbais, como as coordenadas sem conectivo, que, de forma contrária, permitem a cada um de seus componentes portar marcas gramaticais independentes. Como veremos adiante, em construções seriais é aceitável que algumas marcas tenham valores similares – como portar morfema do aspecto resultativo e do perfectivo –, porém jamais divergentes.

#### **2.4.2 Construção serial como uma única oração**

Este critério não difere muito do anterior e define uma CS como uma construção de oração única (*monoclausal*) que não permite dependência sintática entre seus componentes. Os autores apresentam os critérios separadamente, mas seria possível constituirlos numa única propriedade. Num primeiro momento, poderíamos distinguir uma CS de uma construção coordenada, subordinada ou de outras estruturas multiverbais, no entanto, essa distinção não é facilmente apreendida. Atribui-se a essa dificuldade o fato de que alguns termos componentes de CS estejam em processo de gramaticalização e preservem ainda certas propriedades verbais, ao mesmo tempo que adquirem um valor funcional. Assim, a sua classificação e, conseqüentemente, a compreensão de seu significado por vezes é divergente entre os próprios falantes, visto que o item em questão ainda não adquiriu um estatuto gramatical definido.

Alguns autores afirmam (cf. WATTERS 2004: 219-20) que, em línguas africanas, a presença de um elemento conectivo – o tom, por vezes, ou uma conjunção – ajuda a distinguir uma construção coordenada de uma CS. No entanto, a presença desse conectivo por si só já elimina a possibilidade de que essa construção seja uma CS. Por essa razão, não nos parece pertinente essa observação dos autores.

Se considerarmos, porém, que os itens numa construção serial se adaptam ao que determina a semântica da própria construção, teremos um caminho mais favorável de compreensão do significado desses itens nesses contextos. Não se trata, assim, de integrar o item lexical a uma categoria de limites rígidos, o que não é absolutamente possível, mas de interpretá-lo a partir de seu próprio comportamento linguístico, ou seja, do uso que o falante faz dele.

### 2.4.3 Propriedades prosódicas

Na maioria das línguas, CS têm as mesmas propriedades entonacionais de uma oração simples (*monoclausal*), não admitem pausas entre os verbos, nem queda de entonação, como confirmam os autores a seguir: “Em muitas línguas fronteiras oracionais são indicadas pela quebra na entonação, nenhum tipo de quebra ou pausa pode ocorrer entre os componentes de uma CS”<sup>31</sup> (AIKHENVALD & DIXON, 2006: 7). Os autores não se detêm muito sobre essa propriedade, apresentando apenas uma definição concisa sobre ela.

Unidades gramaticais possuem estruturas internas que se organizam e, em língua escrita, obedecem a uma gramática sintática e discursiva, o que determina um limite máximo de encaixamento, correspondente a uma sentença. Nesse sentido, de fechamento e de possuir uma propriedade que determine um limite máximo de organização, as sentenças gramaticais podem se assemelhar às unidades entonacionais.

Chafe (1994) define que os limites de uma construção gramatical revelam a complexidade de sua organização informacional, uma vez que, para esse autor, os interlocutores apresentam em seu discurso uma informação relevante por vez, o que pode ser compreendido como uma informação relevante ‘encaixada’ em cada estrutura gramatical. Dessa forma, se se compreende uma construção serial como representativa de um único evento, e se esse evento (ou cena) é a informação mais importante no discurso, então, na prosódia essa construção deve estar encaixada em uma única unidade entonacional, entendida aqui como a unidade em que se estruturam as ideias ou informações e por meio da qual os falantes organizam e representam a informação no discurso. Essas unidades podem ser identificadas na fala principalmente por uma queda na curva entonacional e pela pausa; no que se refere ao nosso objeto de estudo, os limites entonacionais de uma construção serial são semelhantes aos limites de uma oração de um único verbo.

A partir da constatação de que o elemento prosódico é relevante para a caracterização desse tipo de construção gramatical, podemos supor que também se sobressaia na determinação da quantidade de lexemas verbais que compõem a série verbal. Em geral, as línguas não utilizam mais de dois ou três verbos em construções seriais, o que pode estar relacionado a restrições de ordem prosódica. Isso, pois, a

---

<sup>31</sup> “In many languages, clause boundaries are indicated by an intonation break; no such break or pause markers can occur between the componentes of an SVC .”



prosódia compreende também fatores físicos, como a respiração necessária para que uma sentença seja proferida, o que associa a unidade entonacional às limitações da capacidade física humana.

Como afirma Givón (1991), não se pode ser taxativo na afirmação de que é nula a ocorrência de pausas entre os elementos de uma construção serial, uma vez que na fala tal precisão não é possível de acontecer. O que se pode depreender disso é que, se houver alguma pausa, ela será mais suave e não determinará a fronteira da unidade entonacional.

A identificação de uma construção serial resulta, portanto, da análise de traços formais e semânticos e de como essa construção pode ser representada conceitualmente, uma vez que entendemos a língua como o resultado da projeção que o falante faz de uma determinada cena, do mundo real ou não, e que, portanto, agrega capacidades cognitivas de representação conceitual expressas fonologicamente de acordo com a tipologia de cada língua. Os seres humanos têm a habilidade de projetar e construir uma mesma situação de maneiras bastante diferentes; essa projeção ocorre de forma abrangente e natural nas línguas e é relativa a qualquer construção linguística (Langacker, 2003). Como bem afirma Creissels,

(...) na maioria das vezes, não há distinções óbvias entre construções seriais e sequências de verbos nas quais cada verbo constitui um predicado diferente, em particular, construções consecutivas (i.e.. construções em que duas ou mais orações sucessivas representam eventos sucessivos). Infelizmente, em muitas descrições de línguas africanas, qualquer sequência verbal mais ou menos *exótica* (i.e. qualquer sequência verbal que não exiba todas as características de uma sequência verbal encontrada em línguas europeias) é vagamente denominada série verbal. Na África, casos certos de séries verbais são encontrados nas línguas *cuá* (ex. *eve*) e *benue-congo*, inicialmente classificadas como *cuá oriental* (ex. *iorubá*).<sup>32</sup> (CREISSELS, 2000: 240)

---

<sup>32</sup> “(...) there is most of the time no obvious distinction between serial verbs and verb sequences in which each verb constitutes a distinct predicate, in particular consecutive constructions (i.e. constructions in which two or more successive clauses represent successive events...). Unfortunately in many descriptions of African languages, any more or less “exotic” verb sequences (i.e. any sequence of verbs that does not exhibit every characteristic of the sequence of verbs found in European languages) is loosely termed ‘serial verbs’. In Africa, uncontroversial cases of serial verbs are found mainly in Kwa languages (e.g. Ewe) and in Benue-Congo languages previously classified as Eastern Kwa (e.g. Yoruba).”

#### 2.4.4 Tempo/Aspecto/Modo

Em construções seriais, não há restrição em relação ao **valor** das marcas de tempo, modo e aspecto acopladas aos verbos. As condicionantes mais recorrentes, conforme o que já foi apresentado, concernem à maneira de marcá-los, que pode ser feita em ambos os verbos ou em apenas um deles, desde que haja concordância entre elas. Todavia, essa condição não determina que sejam empregadas as mesmas formas e que tenham rigorosamente o mesmo valor, trata-se, sim, de considerar a semelhança entre os seus traços semânticos a fim de que se obtenha, quando necessário, a concordância por aproximação. Não seria possível, por exemplo, um morfema indicativo de aspecto **habitual** para o primeiro verbo e um morfema indicativo de aspecto **resultativo** para o segundo verbo de CS. Vejamos um exemplo do acan<sup>33</sup> (Ameka, 2003):

(10)

Kwasi da ho re di di

Kuazi EST.deitar lá PROG RED comer

‘Kuazi está deitado lá, comendo’

No enunciado (10), o primeiro verbo traz consigo o morfema de valor estativo, e o segundo, de valor progressivo. A observação desse exemplo nos mostra que os valores aspectuais, apesar de distintos, não são antagônicos, mas similares, possibilitando a concordância entre seus traços semânticos. O valor de estativo do primeiro verbo se harmoniza com o valor de progressivo do segundo verbo, pois, a rigor, são subtipos do aspecto imperfectivo, uma vez que ambos descrevem a cena em seu desenvolvimento. Dessa forma, a concordância entre as marcas aspectuais ocorre por aproximação, e não por equivalência absoluta, já que a categoria aspectual não é constituída por entidades discretas, mas sim por uma série de subtipos que se encaixam em dois gêneros opostos maiores: perfectivo e imperfectivo.

Esse critério gramatical mostra-se como um dos mais apropriados para distinguir uma CS de outro tipo de construção. Considerando que seus verbos componentes devam

---

<sup>33</sup> Língua nigero-congolesa de Gana.

compartilhar os mesmos valores de tempo, aspecto e modo, entendemos que nenhum contraste entre essas marcas verbais seja possível (cf. AIKHENVALD & DIXON, 2006). Abaixo, dados do anhi-sanvi (VAN LEYNSEELE 1975 apud AIKHENVALD & DIXON, 2006: 9).

(11)

cùá      ñjî                      ákó      n- ní

Cachorro NEG.agarrar+HAB.    frango NEG.comer+HAB.

‘O cachorro não come galinha’ (lit.agarra-come)

Nesse exemplo, as marcas de aspecto e de negação são agregadas ao primeiro e ao segundo verbo. Comparemos com o exemplo a seguir:

(12)

cùá      cì                      ákó      óngú                      ì

cachorro    agarrar+HAB    frango    ele+NEG.+matar+HAB    3Osg

‘O cachorro agarra o frango e não o mata’

Aqui, temos a representação de uma ação (agarrar) e da não realização de outra ação (matar). Dessa forma, identifica-se que o morfema de negação pode ter escopo apenas sobre o evento representado pelo verbo ao qual está acoplado; essa variação está de acordo com a tipologia de cada língua. Em (12), a negação (η) vem acoplada ao segundo verbo e tem escopo apenas sobre ele, demonstrando que a descrição da ação que, neste caso, não se realiza (ele não matou o frango) não invalida a ação anterior, de agarrar o frango. A configuração dos pronomes também difere da configuração do exemplo (11), em que não há repetição junto ao segundo verbo. A marca de negação parece, então, ter comportamentos distintos em uma construção serial e em uma oração coordenada.

Vejamos o seguinte exemplo de nosso *corpus* do baulê:

(13)

Be    sin-ni                      lɛ    be    wo-li.

3pl passar-PERF ali 3pl ir-PERF

‘Eles passaram ali e foram embora’

Temos nesse exemplo duas construções coordenadas sem conectivos que representam, portanto, dois eventos diferentes. As marcas gramaticais aparecem pospostas ao primeiro e ao segundo verbo, e o pronome sujeito também vem repetido junto aos verbos. Apesar de não haver conectivos entre eles, não é possível classificar essa construção como serial, uma vez que há dois eventos consecutivos coordenados. No nível sintático, a repetição das marcas gramaticais e do pronome sujeito junto aos verbos parece ser um indicativo de que a construção é formada por orações coordenadas. Um de nossos colaboradores, no momento da tradução, não hesitou em elaborar duas orações e afirmar que se tratava de uma sequência de ações. Entendemos que a escolha por uma ou outra estrutura sintática resultou, então, da elaboração do falante sobre a cena. A diferença entre elas está na escolha por construir sintaticamente a cena como eventos sequenciais, tal qual nas orações coordenadas, ou um único evento, como em construções seriais.

#### 2.4.5 Composição dos argumentos

Prototipicamente, os verbos em CS compartilham ao menos um argumento. Aikhenvald & Dixon (op.cit.) distinguem argumentos principais (*core arguments*) de argumentos periféricos (*peripheral arguments*) e definem os primeiros como “o básico, argumentos do verbo conceitualmente necessários, como especificado no item lexical”<sup>34</sup>, e os segundos, “oblíquos ou adjuntos, os quais são menos dependentes da natureza do verbo e podem ser opcionalmente incluídos”<sup>35</sup> (AIKHENVALD, 2006: 12). Ambos podem pertencer à CS como um todo.

Essa propriedade, porém, não se restringe às CS e, portanto, não é a característica que as distingue de outras construções. Estruturas coordenadas ou subordinadas também têm argumentos compartilhados pelos verbos, o que não as caracteriza, contudo, de imediato, como construções seriais. Os argumentos requeridos

---

<sup>34</sup> “The basic, conceptually necessary arguments of a verb, as specified in its lexical entry”.

<sup>35</sup> “Obliques or adjuncts, which are less dependent on the nature of the verb and may be optionally included”.

por um verbo em uma CS podem diferir daqueles requeridos pelo mesmo verbo em outro tipo de construção. “Os argumentos de uma CSC não são um simples somatório de argumentos de seus componentes; além disso, um verbo que é transitivo, quando usado sozinho, pode tornar-se menos transitivo numa SVC.”<sup>36</sup>(AIKHENVALD, 2006: 13). Essa mudança na valência de um dos verbos na CS pode existir por influência da valência do verbo ao qual ele está combinado, o que indica que o número de argumentos requeridos na construção serial não é o mesmo dos verbos em construções simples; pois resulta da combinação e adequação de ambos à construção. A autora nos apresenta o seguinte exemplo do ibo (LORD, 1975: 28, 33-4 apud AIKHENVALD, 2006: 13).

(14)

ó	̀	̀	nwóké	áhù	òkpó
Ele	bater	TEMPO	homem	REL	soco

‘Ele bate naquele homem’ (lit. Ele bate um soco naquele homem)

(15)

ó	̀	gbù	rù	nwóké	áhù
Ele	bater	matar	TEMPO	homem	REL

‘Ele bate naquele homem até a morte’ (lit. bater-matar)

Em ibo, o verbo *ti* ‘bater’ requer dois argumentos internos: *nwóké* ‘homem’ e *òkpó* ‘soco’. No exemplo (15), por sua vez, que representa uma estrutura serial, o mesmo verbo requer apenas um argumento interno – *nwóké* ‘homem’, indicando, então, a mudança de valência. Nesse caso, por se tratar de uma construção serial, o verbo *gbù* ‘matar’, que também compõe a série, compartilha os argumentos externo e interno com o verbo *ti* ‘bater’, bem como a marca temporal. Os verbos comportam-se sintaticamente como se fossem um único verbo que significasse “bater até a morte”. A estrutura argumental da CS resulta, então, de uma reestruturação dos valores de

<sup>36</sup> “The arguments of an CSC are not a simple sum of arguments of its components; moreover, a verb which is transitive when used on its own may become less transitive in an SVC.”

transitividade dos verbos que a compõem, o que implica a quantidade de argumentos que irão compartilhar. Contudo, o fato de esses verbos compartilharem ao menos um argumento – o sujeito, por exemplo – não caracteriza por si só a construção como uma serialização. A mudança de valência de um verbo e o fato de esses verbos compartilharem não apenas o argumento externo, mas também o interno, são características que, analisadas em conjunto, podem delinear uma construção como a apresentada acima como uma CS.

O exemplo a seguir, de nosso *corpus* do baulê, também ilustra esse caso:

(16)

ì	klē	mòn	wlà	ī	tí	klē	n	ɔ	à	tú	à	tó
3Osg	chapéu	REL	colocar	3Osg	cabeça	chapéu	DET	3Ssg	RES	<b>arrancar</b>	RES	<b>cair</b>

‘O chapéu que estava na sua cabeça caiu’

Consideremos como CS o trecho  $\text{ɔ à tú à tó}$  com tradução literal “Ele arrancou-caiu”. Do trecho anterior, depreende-se o sintagma nominal  $\text{ì klē}$  ‘seu chapéu’ ao qual se refere o pronome de terceira pessoa do singular -  $\text{ɔ}$  -, na função de sujeito da CS. As marcas aspectuais se repetem e são idênticas para os dois verbos, indicando concordância, um dos traços que caracterizam uma CS.

O verbo  $\text{tú}$  ‘arrancar’ é transitivo e numa oração simples pediria argumento interno; na CS, em combinação como verbo  $\text{tó}$  ‘cair’ intransitivo, adquire a valência desse verbo. Como demonstramos aqui, verbos transitivos parecem se tornar menos transitivos quando compõem uma CS, conforme demonstra esse exemplo do baulê.

Pelo que foi apresentado, a estrutura argumental de uma CS parece proceder da combinação da valência dos verbos componentes, tendo como característica o fato de que verbos intransitivos mantêm-se inalterados diante dos transitivos e “impõem” sua valência à construção. O sujeito e as marcas gramaticais podem ou não se repetir diante de cada verbo da série. O somatório de características como essas compõe um conjunto de propriedades que auxiliam na identificação de uma CS.

#### 2.4.6 Argumentos compartilhados

A classificação de uma CS não se dá por meio da identificação de apenas uma propriedade sintática ou semântica, mas sim por um conjunto de propriedades que, quando integradas, caracterizam essa construção. Ainda assim, tais propriedades variam consideravelmente entre as línguas e mesmo aquelas propriedades tidas como prototípicas podem não ser identificadas em algumas línguas. Compartilhar argumentos ou um único argumento que desempenhe papéis sintáticos diferentes para cada verbo são traços característicos de CSs.

Podemos identificar em algumas línguas seriais que um mesmo termo componente pode ter funções distintas em relação a um e a outro verbo em uma CS. “O sujeito de um componente de uma CS pode ser idêntico a um constituinte não-sujeito de um outro componente. CS em que o objeto de V1 é o mesmo que o sujeito de V2 pode ser entendidos como *switch-function*.”<sup>37</sup> (AIKHENVALD, 2006 : 14). Essa propriedade indica uma profunda coesão sintático-semântica entre os elementos da CS e é denominada na literatura *switch-function*. Vejamos um exemplo do Mwotlap<sup>38</sup> (AIKHENVALD, 2006: 16).

(17)

Tali mi-tit        tēntēn        Kevin

Tali PER-socar    chorar:REDUP Kevin

‘Tali fez Kevin chorar batendo nele’

Esse é um exemplo de CS de causa-efeito. Nela temos um elemento que realiza uma ação que tem efeito sobre outro elemento; sintaticamente, o objeto do primeiro verbo (tit ‘socar’), sob o qual recai o efeito da ação desempenhada pelo sujeito desse primeiro verbo, é, por sua vez, o sujeito do segundo verbo (ten ‘chorar’): um mesmo elemento desempenha a função de sujeito para o V1 e de objeto para o V2.

---

<sup>37</sup> « The subject of one component of an SVC can be identical to a non-subject constituent of the other component. SVCs where the object of V1 is the same as the subject of V2 will be referred to as switch-function SVCs.»

<sup>38</sup> Língua austronésia falada em Vanuatu.

Para que esse tipo de sequência se realize é necessário um ordenamento icônico entre os verbos (o verbo que expressa a causa precede o verbo que expressa o resultado) que possibilite a sua interpretação como uma única cena. O fato de haver duas ações não impede essa interpretação justamente por serem integradas e por uma ação só existir como resultante da outra. Esse tipo de representação sintática possibilita que seja dada proeminência ao resultado da primeira ação, que, por sua vez, se posiciona nessa relação como elemento de fundo ou apoio à cena.

Outro tipo de *switch-function* é observado em CSs de semântica causativa. Em geral, são construções formadas por um verbo causativo e por um verbo lexical, seguindo uma ordem icônica na maioria dos casos. Exemplo (AIKHENVALD, op.cit., p.16):

(18)

na-bu-wul-cay-pra-kiak

3Osg-3Ssg-estar **amedrontado-tentar fazer-vir**-PAS.REM

‘Eles tentaram amedrontá-lo enquanto ele vinha’

O sujeito de **wul** ‘estar amedrontado’ é idêntico ao objeto de **cay** ‘tentar fazer’ e também é sujeito de **pra** ‘vir’. Construções causativas e de causa-efeito são similares em termos semânticos e a primeira contempla algumas das propriedades da última, que é menos específica.

A ordem dos componentes de uma construção serial causativa não é sempre icônica, enquanto na serialização de causa-efeito tende a ser assim. Há alguma sobreposição semântica entre verbos seriais causativos e construções seriais de causa-efeito. Além disso, em muitas línguas, a diferença entre construções seriais causativas e de causa-efeito não é muito evidente. Há sempre algumas diferenças sintáticas entre as duas, e o conjunto de verbos de causa em construções seriais causativas *switch-function* é bastante abrangente.<sup>39</sup> (AIKHENVALD, op.cit., p.16, nota 8)

---

<sup>39</sup> “The order of components in causative SVCs is not always iconic; while in cause-effect serialization it tends to be so. There is some semantic overlap between causative serial verb constructions and cause-effect serial verb constructions. In addition, in a number of languages the difference between causative SVCs and cause-effect SVCs is not at all clear-cut. There are often hardly any syntactic differences between the two, and the set of verbs of causation in causative switch-function SVCs is quite large.”



Outro dois tipos de construção serial *switch-function* similares às de causa-efeito são as que indicam experiências simultâneas e consecutivas - ambos os casos raros na literatura. No primeiro (experiência simultânea), a construção é formada de um verbo transitivo seguido de um intransitivo, em que objeto de V1 é idêntico ao sujeito de V2; nesse caso, não há nenhuma relação imediata de causa-efeito. Nas construções consecutivas, temos um verbo intransitivo seguido por um transitivo, em que o sujeito de V1 é equivalente ao objeto de V2.

Há, ainda, CSs interpretadas como orações complemento. Temos o exemplo do goemai, língua chádica do oeste falada na área central da Nigéria (HELLWIG apud AIKHENVALD, 2006: 102).

(19)

kafin goe na mat tu bi n-s'et (...)  
antes 2sgM ver mulher(sg) matar(sg) coisa LOC-floresta  
'Antes você viu a mulher (e ela) matou algo na floresta (...)'

Nessa língua, construções seriais são também usadas para codificar relações temporais entre subeventos, sendo possível que a CS receba interpretação sequencial ou de simultaneidade. No último caso, o falante pode se valer de uma construção progressiva quando o primeiro verbo for um verbo estativo, e de uma CS caso o primeiro verbo seja um verbo de percepção, como no exemplo 15 acima.

Cada uma dessas formas de manifestar a troca-compartilhamento de funções (*switch function*) em uma CS ocorrerá numa língua de acordo com sua tipologia e os recursos disponíveis para que o falante elabore seu enunciado. Não obstante, fica demonstrado que a relação entre os argumentos e os verbos pode dar pistas para a identificação de uma CS.

## 2.5 PARÂMETROS PARA UMA CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA

Nesta seção, vamos discorrer sobre a proposta de tipologia para construções seriais elaborada por Aikhenvald (2006), que classifica tais construções de acordo com suas características semânticas. A autora distribui as CSs em dois grandes grupos – construções seriais **simétricas** e **assimétricas** – e adota como critérios de classificação a relação semântica entre os verbos e as propriedades funcionais adquiridas por eles na

construção. Construções em que os verbos representam conjuntamente um único evento, seus traços semânticos se inter-relacionam para formar uma composição harmoniosa, obedecem a uma ordem icônica de organização e nenhum dos seus componentes determina as propriedades semânticas ou sintáticas da construção pertencem ao grupo das construções seriais **simétricas**. O segundo grupo é denominado grupo das construções seriais **assimétricas**. Nesse grupo, as construções também representam um único evento, porém, essa representação é feita por meio de um único verbo. O outro(s) verbo(s) desempenha (m) função gramatical, discursiva ou semântica específica naquela CS, como, por exemplo, o valor aspectual. Segundo Aikhenvald:

Em termos de composição, construções seriais se dividem em duas grandes classes. (...) Elas podem consistir de um verbo de uma classe relativamente grande, aberta ou até irrestrita, e de outro verbo de uma classe gramatical e semanticamente restrita (ou fechada). Essas são as construções assimétricas (...) Construções assimétricas denotam um único evento descrito por um verbo de uma classe não restrita. O verbo de classe fechada estipula uma especificação modificadora: é sempre um verbo de movimento ou postura expressando direção ou levando o significado de tempo e aspecto a toda a construção.<sup>40</sup> (AIKHENVALD, 2006: 21)

Não nos parece muito esclarecedora a diferenciação estabelecida entre verbos pertencentes a uma classe irrestrita (*unrestricted class*) e os que pertencem a uma classe restrita, fechada (*closed class*). Poderíamos interpretar essa classificação como uma divisão semântica que indicaria quais os verbos mais adequados e propensos, de acordo com seus traços semânticos, a atribuir um valor gramatical à construção (*closed class*) e quais aqueles que têm menos propensão a isso (*unrestricted class*). Em geral, os verbos que a autora classifica como os de classe fechada são aqueles que resultam de processos de gramaticalização, em que um item lexical adquire propriedades gramaticais e passa desempenhar uma função gramatical na CS. Podemos interpretar tal processo como a adequação de propriedades semânticas em um novo contexto sintático, em que não ocorre puramente um esvaziamento semântico do item lexical, e sim a adequação desse

---

<sup>40</sup> “In terms of their composition, serial verbs constructions fall into two broad classes. (...) They may consist of one verb from a relatively large, open, or otherwise unrestricted class, and another from a semantically or grammatically restricted (or closed) class. These are Asymmetrical serial constructions (...). Asymmetrical SVCs denote a single event described by the verb from a non-restricted class. The verb from a closed class provides a modificational specification: it is often a motion or posture verb expressing direction, or imparting a tense-aspect meaning to the whole construction.”

conteúdo em um novo contexto. São essas propriedades adquiridas pelos verbos que podem distinguir a serialização entre as línguas, ademais, a expansão das funções gramaticais de um item lexical pode fazer emergir novas categorias gramaticais ou ampliar as possibilidades funcionais de uma categoria já existente.

Partindo dessa classificação, a autora propõe que é possível verificar os tipos semânticos de verbos que ocorrem preferencialmente nas CS assimétricas, pois são as propriedades gramaticais, semânticas e discursivas desses itens lexicais que darão condições para que eles exerçam novas funções. Essa nova tipologia permite estabelecer quais os tipos de CS assimétricas mais recorrentes e para cada tipo indica os grupos semânticos dos verbos mais propensos a constituí-las. Tal maneira de classificação nos parece eficiente, já que determina partir de campos semânticos com base na constituição das próprias CS para, então, verificar, dentro desses limites, os verbos que as constituem. No entanto, há sempre a possibilidade de criação de novos gêneros e, conseqüentemente, ampliação desse inventário de verbos. Abaixo, seguem a os gêneros de CS e os verbos mais propensos a constituí-los:

- 1 – Direção e orientação: verbos de movimento;
- 2 – Aspecto, extensão e mudança de estado: verbos de movimento, postura, mudança de estado, como ‘completar’, ‘terminar’, ‘começar’, ‘pegar’;
- 3 – Modo: verbos com significados de ‘querer’, ‘ser capaz de’, e alguns verbos não-modais, como ‘receber’, ‘tocar’;
- 4 – Ampliação da valência e acréscimo de argumento: ‘dar’, ‘pegar’, ‘fazer’;
- 5 – Grau comparativo e superlativo: verbos como ‘ir’, ‘exceder’, ‘ultrapassar’;
- 6 – Redução da valência: esse tipo de construção tem valor negativo e emprega verbos como ‘tocar’, ‘derrubar’, entre outros.

A autora acrescenta que línguas com limitado uso da serialização tendem a apresentar os tipos 1 e 2 e, por vezes, o 3; e línguas que fazem amplo uso da serialização tendem a utilizar esse recurso também como uma estratégia linguística complementar, principalmente com verbos de elocução; no entanto, a autora não esclarece o que seria essa estratégia e diz apenas que sua classificação não abrange todos os tipos, apenas os mais usuais, uma vez que, como já dissemos, é comum a criação de novos tipos de CSs.

### 2.5.1 Construções seriais assimétricas

Construções assimétricas podem ter diferentes manifestações semânticas. A seguir, apresentamos uma análise de cada uma de suas possibilidades.

#### 2.5.1.1 Orientação espacial

Muito comum entre as línguas seriais, são compostas por um verbo de movimento ou que indique direção/posição - em geral, o primeiro verbo da sequência - e outro(s) verbo(s) que se refere(m) ao evento representado. Kilian-Hatz (AIKHENVALD 2006: 114) identificou esse tipo de CS em khwe, língua koisan central falada na África do Sul:

(20)

Djiri      [yà    kx'áà    à      té]  
Macaco    vir    beber    I      PRES  
'Enquanto vem, o macaco bebe'

Creissels & Kouadio (1977: 424) identificaram em baulê casos em que um verbo indicativo de origem combinado a um verbo de movimento pudesse expressar, ao mesmo tempo, a origem e as circunstâncias de chegada.

(21)

ò    ā    fīn    Buàkē    à    bā  
3Ssg RES vir de Buake RES chegar  
'Ele acabou de chegar de Buake'

Esse exemplo se encaixa na classificação de Aikhenvald e é semelhante ao encontrado em kwhe. Possuem a seguinte estrutura sintática: [S + V1 + (LOC) + V2]. Ambos apresentam uma orientação (de sentido) em relação ao evento principal. No primeiro caso, é o momento em que se deu o evento principal (beber), e, no caso do baulê, é a orientação do lugar de partida.

### 2.5.1.2 Marcas gramaticais (TAM) e mudança de estado

Há línguas que não possuem morfemas temporais e/ou aspectuais e fazem uso de outros recursos para expressá-los. Entre esses recursos estão as CSs. Exemplo do kristang, língua crioula malaio-portuguesa, demonstra esse uso (BAXTER 1998: 213 apud AIKHENVALD, op, cit., p.23).

(22)

kora      yo      ja      chegá      nali      eli      ja      kaba      bai  
quando   1sg   PER   chegar   LOC   3sg   PER   terminar   ir  
'Quando eu cheguei lá, ele tinha ido'

Casos semelhantes a esse são descritos como resultantes de um processo de gramaticalização, em que um item lexical é reanalisado e passa a desempenhar uma função mais gramatical, como a de marcador aspectual, por exemplo. Esse processo de mudança linguística também demonstra que os falantes tendem a empregar verbos não apenas para representar eventos, mas também, quando necessário, para cumprir alguma outra função, como a de uma preposição, um advérbio uma conjunção, entre outras. Em casos de reanálise, um item lexical não «perde» conteúdo semântico, como afirma Lord (1993), pois não ocorre puramente um esvaziamento semântico, mas promove uma adequação de suas propriedades semânticas a um novo contexto sintático.

Devemos considerar também que verbos que adquirem outras funções em CS ainda continuam ser empregados como verbos plenos em outras construções, pois processos de gramaticalização não são compostos de etapas estanques, o que admite, portanto, a manifestação de um mesmo item lexical em construções diversas. Como afirma Castilho (1997: 53), a reanálise de um item lexical é um “processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua estão ordenados no eixo sintagmático”. Houpper & Traugott (1993:40) entendem a reanálise como um processo que pode resultar em gramaticalização e a definem como uma sorte de mudança na estrutura de uma expressão não necessariamente envolvida com uma mudança intrínseca de sua manifestação superficial.

Aikhenvald (2006) não adentra na discussão sobre a recategorização desses verbos em CS e sobre o fato de indicarem um processo de mudança linguística. A

autora limita-se a descrevê-los e a apontar uma aproximação entre expressão aspectual e temporal em línguas africanas, pois algumas costumam indicar o tempo por meio do aspecto. A pertinência de se tratar dos processos de gramaticalização em estudos sobre CS está no fato de que os itens constituintes de CS muitas vezes resultam de tais processos e podem contribuir para identificação dessas construções.

Sobre CS que indicam mudança de estado, segue um exemplo do khwe, apresentado por Kilian-Hatz (op.cit., p.119).

(23)

tí [cì |éú-á-xu-a-tí]

1sg chegar ser.grande-II-COMPL-II-PAS

‘Eu me tornei grande’

Segundo a autora, apenas um verbo nessa língua é uma instância do tipo “mudança de estado”: “(...) o verbo cii ‘chegar’ pode também ser usado como primeiro verbo em séries com significado de ‘tornar-se’ (...)”<sup>41</sup> (op.cit., p.119). Quando empregado em CS, esse verbo aparece na posição V1 e adquire o significado de “transformar-se”, indicando o mecanismo de reanálise e uma conseqüente adequação de seu conteúdo semântico de origem ao novo contexto. Nota-se que V1 e V2 têm traços semânticos que, combinados e reinterpretados metonimicamente<sup>42</sup>, resultam em um novo significado.

### 2.5.1.3 Conceitos secundários expressos por verbos na serialização

Conceitos como obrigação, probabilidade, pretensão, habilidade, tentativa e até negação podem ser expressos por um dos verbos que compõem uma CS. Tais conceitos, em línguas não seriais, são expressos por lexemas e afixos e promovem uma modificação semântica aos verbos com os quais estão relacionados em uma construção morfológica ou sintática. São denominados verbos modais e não podem ocorrer sozinhos, mas sempre acompanhando outro verbo, modificado por eles. O exemplo a

---

<sup>41</sup> “(...) the verb cii ‘arrive’ may also be used as first verb in a series with the meaning ‘become’ (...)”.

<sup>42</sup> Para maiores detalhes sobre gramaticalização e os processos cognitivos que a caracterizam ver Heine et al. (1991).

seguir é novamente do crioulo papia kristang<sup>43</sup> (BAXTER 1988: 213 apud AIKHENVALD, op.cit., p. 24).

(24)

eli ja acha bai Singapore  
3Ssg PER receber ir Cingapura  
'Ele tem de ir a Cingapura'

#### 2.5.1.4 Valência, função morfológica e introdução de argumento ou adjunto

Muito comum em línguas do oeste da África, mas também identificadas em papua e línguas austronésias, esse tipo de CS indica relações causativas, benefactivas, instrumentais, comitativas e associativas. Em geral, há alguns verbos na língua que passam a ser utilizados nas construções seriais especificamente para cumprir as relações semânticas acima citadas; todavia, podem continuar a ser empregados também como verbos plenos em construções não seriais. A seguir, exemplo de CS usada em saramacan para indicar a introdução de um beneficiário (BYRNE 1990: 152 apud AIKHENVALD op.cit., p. 26).

(25)

Kófi Bi baí dí búku da dí muyé  
Kofi TEMP comprar DET livro dar DET mulher  
'Kofi comprou o livro para a mulher'

O segundo verbo da CS é o que introduz o beneficiário da ação expressa pelo primeiro verbo. Traços semânticos do verbo dá 'dar' - tais como indicar um processo (+télico;+dinâmico;-durativo) envolvendo os papéis semânticos de agente, tema e beneficiário - possibilitam que ele seja empregado nessa função. O fato de esse verbo, quando empregado em construções de um único verbo, envolver na relação semântica entre seus argumentos um participante de papel beneficiário propiciou o seu emprego em CS como a do exemplo (25).

---

<sup>43</sup> Crioulo de base portuguesa falado em Malaca.

Outro exemplo de CS em que um dos verbos é empregado para a introdução de um beneficiário vem da língua jeh<sup>44</sup>, do Vietnã (GRADIN, 1976; COHEN, 1976 apud KROEGER 2004: 239):

(26)

Baã tənoh dòh bäl.ěn tədrong i...

Pai explicar dar 3Opl assunto este...

‘O pai explicou este assunto a eles’

Nota-se que, no caso acima, a ordem dos verbos da CS é sequencial e os argumentos externo e interno são posicionados, respectivamente, antes e depois dos verbos. Vejamos o que afirma Kroeger, sobre sequência de verbos:

As construções seriais que temos analisado até aqui podem ser analisadas como uma sequência de Vs. E, como já observamos, esse é o padrão mais comum. De qualquer forma, há algumas línguas em que os verbos se agrupam, com todos os SNs objeto também os seguindo (...), Línguas desse tipo envolvem um tipo de estrutura diferente.<sup>45</sup> (Kroeger 2004: 239)

Fica mais evidente que não se trata de duas ações sucessivas e que o verbo em posição não inicial na CS introduz um beneficiário (ou receptor), pois o termo em posição inicial não é um verbo que representa uma atividade física, e sim mental. O objeto de V1 não é algo material, palpável, que possa ser interpretado também como o objeto de V2. É possível, no entanto, por extensão metafórica, formar uma sentença não serial em que o argumento interno do verbo DAR não seja algo concreto (como, por exemplo, em “dar uma ajuda”, “dar uma força” etc); porém, esses casos não representam o uso mais prototípico do verbo, de onde proveem essas extensões metafóricas, entre elas as demonstradas na CS.

Construções semelhantes do baulê foram analisadas por Larson (2005) como coordenadas de sujeito vazio sem conectivo (*empty subject construction-ESC*). O principal argumento da autora em favor dessa classificação é o de que a cena

---

<sup>44</sup> Língua austro-asiática.

<sup>45</sup> “The SVCs we have considered so far can be analyzed as a sequence of V’s. And as we have noted this is the most common pattern. However, there are some languages in which all the verbs cluster together, with all the object NPs either following (...) the verbs. Languages of this type involve a different kind of structure.”



representada apreende duas ações consecutivas realizadas por um único sujeito e que a não expressão desse sujeito diante do segundo verbo representa um caso de pronome nulo. A seguir, exemplo da autora (LARSON, 2005: 60):

(27)

Aya fa-li                fluwa-‘n     man-ni     mi

Aya pegar-COMPL livro’DET. dar-COMPL. 1Osg

‘Aya me deu o livro’

A autora também acrescenta que o verbo *fa* ‘pegar’, comumente empregado em CSs de diversas línguas, é um verbo completo, e não defectivo, pois pode formar sentenças simples e acoplar marcas morfológicas, como a de aspecto. “Porque *fa* pode ocorrer em sentenças simples (não ESC) e pode carregar a morfologia de tempo e aspecto, pode-se concluir que se trata de um verbo completo em baulê.”<sup>46</sup> (LARSON, op.cit., p. 73). Esse argumento, contudo, não é capaz de demonstrar que a construção acima seja uma coordenação, uma vez que, como já demonstrado neste trabalho, verbos integrantes de uma CS podem integrar também sentenças de um único verbo. Em alguns casos, é possível que se trate de um verbo em processo de gramaticalização em estágio ainda não muito avançado e, por isso, sejam possíveis construções com o mesmo item lexical exercendo funções distintas, o que Robert denomina “gramaticalização em sincronia”<sup>47</sup>.

O verbo inicial da série, *fa* ‘pegar’, não representa a cena principal do evento, mas expõe uma minúcia da cena. Em sentido amplo, V1 coloca em evidência um momento preambular que, em geral, já está pressuposto no ato representado por V2. Contudo, sentenças como a do exemplo (27) tangenciam tanto a classificação de coordenada sem conectivo quanto a de construção serial, por se assemelharem a uma e a outra. Desde Christaller (1875 apud SEBBA 1984) essa dificuldade para a classificação já vinha sendo identificada, no entanto, o autor ainda não falava propriamente em serialização, mas apontava a existência de duas possibilidades de combinação para

---

<sup>46</sup> “Because *fa* can occur in a simple (non ESC) sentences and can bear full tense/aspect morphology, it can be concluded that it is a full-fledged verb in Baule.”

<sup>47</sup> Para maiores detalhes, ver Robert (2006), que apresenta casos semelhantes em línguas africanas .

verbos que compartilham o mesmo sujeito em uma construção, a saber, “essential combination” e “accidental combination”<sup>48</sup>.

Aikhenvald apresenta exemplo de CS com verbo introdutor do papel semântico de instrumento da língua tetun dili<sup>49</sup> (p.26).

(28)

Abó lori tudik ko'a paun

avô pegar faca cortar pão

‘O avô usou uma faca para cortar o pão’

São muito usuais em construções com papel instrumental verbos com sentido de “pegar” e “segurar” (cf. AIKHENVALD, op.cit., SEBBA, 1987). Larson (op.cit., p.60) também analisa exemplo semelhante do baulê, classificando-o como uma coordenada sem conectivo com sujeito vazio.

(29)

o fa-li laliε kpe-li kpaun-‘n

3Ss pegar-COMPL faca cortar-COMPL pão-DEF

‘Ele/a usou uma faca para cortar o pão’

Larson classifica exemplos como o (29) como construções coordenadas de um único sujeito, denominando-as *Resumed Subject Construction* (RSC), pois podem ter o sujeito de V1 retomado de forma não obrigatória em V2 por um pronome. Essas construções são uma variação das construções de sujeito vazio (*empty subject construction*- ESC).

Sebba (1984) já apontara que construções com verbo “pegar” instrumental não apresentam nem estrutura de orações coordenadas nem de orações subordinadas. Em estudo sobre a sintaxe das CS, o autor determinou que construções com verbo “pegar” são as mais comuns em línguas seriais, mas nem por isso são facilmente classificáveis, visto que são depreendidas em diferentes contextos. Construções com verbo “pegar”

---

<sup>48</sup> Aprofundaremos a discussão na seção que abordará a análise de nosso *corpus* do baulê.

<sup>49</sup> Crioulo do Timor Leste, baseado no tetum.

instrumental são classificadas por ele como um tipo de serialização coordenada que tem como V2 um verbo denotador de uma ação realizada por algum instrumento.

A atribuição de papéis semânticos feita por meio de verbos em estruturas como as apresentadas não facilita a sua classificação como construções seriais ou coordenadas. O que é mais facilmente identificável nessas estruturas é que os verbos que atribuem o papel semântico a um argumento já carregam em sua composição semântica de base os traços que possibilitam essa nova função. A imprecisão da análise reside no nível mais aparente da sentença, uma vez que nesse nível ela se mostra como uma sentença híbrida entre a serialização e a coordenação.

### 2. 5.1.5 Comparativos e superlativos

Esse tipo de construção serial, em geral, envolve verbos como “exceder” “ultrapassar” e, algumas vezes, pode resultar em morfemas gramaticalizados de construções seriais. A seguir, exemplo do goemai<sup>50</sup> (HELLWIG in AIKHENVALD, 2006: 101):

(30)

kuma	<u>f</u> yer		<u>ma</u>	ni
também	tornar-se.grande(sg)		ultrapassar	3sg

‘E (ele/a) cresceu mais do que ele/a’

Em nosso *corpus* do baulê, também identificamos uma construção serial comparativa:

(31)

n	si	Kofi	kpa	tra	Kuakou
1sS	conhecer	Kofi	bem	ultrapassar	Kuakou

‘Eu conheço melhor o Kofi que o Kuakou’

Em casos como esses, um dos verbos tem seu sentido lexical preservado e o outro indica a comparação. A ordem dos verbos dependerá da morfologia da língua. Há algumas que permitem que o verbo indicador da comparação venha na primeira posição,

---

<sup>50</sup> Língua chádica falada na Nigéria.

como é o caso de khwe, língua coissam da África do Sul, e outras que o fazem em segunda posição, como nos exemplos apresentados.

### 2.5.1.6 Construções que indicam maneira

Nesse tipo de CS, um dos verbos indica a maneira como o evento representado pelo outro verbo se realizou. Em kwhe, são muito comuns (KILIAN-HATZ in AIKHENVALD, 2006: 113): “Esse tipo focaliza a simultaneidade de eventos únicos em que o primeiro verbo pode também ser interpretado como o que descreve a maneira como a outra ação se realizou.”<sup>51</sup>

(32)

tí [gì-é yaa-à -gòè]

1Ssg ser.atrasado-II vir-I-FUT

‘Eu chegarei atrasado’

### 2.5.2 Construções seriais simétricas

#### 2.5.2.1 Ações sequenciais ou concomitantes

Muitas vezes, os verbos integrantes de CS representam um ordenamento icônico da sequência temporal de determinados subventos que, por sua vez, compõem um evento maior. Vejamos um exemplo do eve (p. 28) em que a ação de comer traz como pressuposto a ação de cozinhar:

(33)

Áma â-ɖa nú ɖu

Ama POT-cozinhar coisa comer

‘Ama vai cozinhar e comer’

---

<sup>51</sup> “This type focuses on the simultaneity of the single events where the first verb may also be interpreted as describing the way the other action is performed. »

Nesse caso, a tradução acaba por explicitar a ação pressuposta em comer, pois do contrário a noção não ficaria subentendida. Interfere, aí, um dado depreendido pragmaticamente e que parece se perder no percurso da tradução.

### 2.5.2.2 Construções seriais de causa-efeito

O ordenamento icônico é uma das características principais de uma construção serial simétrica. Em CS de causa-efeito, o verbo de causa precede o verbo que indica o efeito ou o resultado. Em geral, os verbos compartilham o mesmo sujeito, mas há casos em que o objeto do primeiro verbo é idêntico ao sujeito do segundo verbo (*switch-function*). Vejamos o exemplo do taba<sup>52</sup> (AIKHENVALD, op.cit., p.2):

(34)

n=babas weli n=mot do  
3sg=bater porco 3sg=morrer REAL  
'Ele bateu no porco até a morte'

Esse evento permite duas interpretações, uma indicando causa-efeito; outra indicando a maneira pela qual a ação se realizou.

---

<sup>52</sup> Língua austronésia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aikhenvald & Dixon reuniram de forma sistemática diversos trabalhos sobre o tema construções seriais, depreendidos de línguas tipologicamente variadas, no intuito de elaborar uma proposta de classificação para as CSs que considerasse suas propriedades sintáticas, semânticas e funcionais, e identificasse seus parâmetros de variação. Dessa forma, foi possível verificar a grande heterogeneidade dessas construções entre as línguas, fato justificador da dificuldade de se estabelecer parâmetros de classificação abrangedores dessas diferentes manifestações. Sintaticamente, a propriedade que se demonstrou quase unânime entre as línguas é a de compartilhar ao menos um argumento, em geral, o argumento externo. Além dessa característica, a ausência de conectivos também se constituiu como um traço homogêneo. Em termos semânticos, a descrição de um único evento, ou de um mesmo evento representado em subpartes, pareceu ser o elemento norteador no percurso de identificação e distinção entre uma construção serial e outras construções multiverbais.

Contudo, a divisão das construções seriais em dois grupos, formados de acordo com a maneira como se compõem os verbos e a função que adquirem nesse contexto, mostrou-se particularmente eficaz, pois estabeleceu uma distinção fundamental e um ponto de partida para a análise dos subtipos dessa construção.

## **CAPÍTULO 3**

### **PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

Neste capítulo, apresentaremos o filtro teórico adotado para analisar as construções seriais do baulê. Optamos por duas teorias que privilegiam a observação dos processos cognitivos que sustentam a elaboração dos enunciados linguísticos, pois entendemos que as línguas são o produto de nossas habilidades cognitivas, que traduzem nossos sentidos e nossas percepções sobre o mundo, transformando-as em código.

O termo Linguística Cognitiva é usado para designar um conjunto de perspectivas teóricas que observa as línguas não apenas a partir de suas estruturas, mas relacionando a capacidade mental dos seres humanos e o mundo ao seu redor à elaboração desses enunciados. Essa abordagem teve origem no final da década de 1970, nos Estados Unidos, irradiando-se por diversos países e constituindo-se, atualmente, como um movimento mundial.

O primeiro passo para a emergência da Linguística Cognitiva deu-se entre os estudiosos de semântica gerativa, como bem afirma George Lakoff, linguista americano precursor e grande expoente dessa teoria. O mote da divergência entre os teóricos gerativistas mais dedicados ao campo da sintaxe e os semanticistas incidiu no fato de que as línguas se fazem também de expressões idiomáticas que não se encaixavam nas propostas formalistas da teoria gerativa, o que resvalava a pouca dedicação dos pesquisadores às questões de sentido. Tais limitações resultaram em posicionamentos teóricos discordantes e levaram os membros dissidentes a uma trajetória sem volta. Nesse percurso, procedimentos analíticos diferentes deram origem a um conjunto heterogêneo de teorias, a saber: teoria dos protótipos (LAKOFF, 1982; GIVÓN, 1986), teoria da metáfora (LAKOFF & JOHNSON, 1980), teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER E TURNER, 1998), teoria da gramática cognitiva (LANGACKER, 1987, 2008) entre outros, que, no entanto, se encontram fundamentadas em algumas premissas comuns. Salomão (2006) as resume da seguinte maneira:

- (i) A cognição linguística é contínua aos demais sistemas cognitivos; portanto, a linguagem não é um sistema cognitivo autônomo.
- (ii) A gramática é uma grande rede de construções; portanto, postula-se uma continuidade básica entre sintaxe e léxico, calcada no uso linguístico.

(iii) Todo processo de significação procede pela projeção entre domínios cognitivos; portanto, a semântica cognitivista tem um viés inferencialista que a diferencia do referencialismo da ortodoxia.

Um dos pontos basilares da Linguística Cognitiva é a noção de que a linguagem está em conexão com o conhecimento humano de mundo e a de que o estudo de suas estruturas não deve ser realizado como se estas fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais dos seres humanos. De forma geral, na Linguística Cognitiva está o pressuposto de que as formas gramaticais simbolizam a organização de estados mentais dos falantes, expressos por meio de proposições e em diversas situações discursivas (cf. LANGACKER, 1987).

Acrescentamos a isso a afirmativa de que algumas postulações orientadoras da Linguística Cognitiva sejam referentes à simbolização e ao uso de termos linguísticos, à própria cognição e à naturalidade da língua. A abrangência de vertentes que compõem a Linguística Cognitiva nos submete, então, a uma escolha, que condiz à nossa própria maneira de observar e entender as línguas. Nesta pesquisa, nos limitaremos a abordar as propostas elaboradas por Ronald Langacker (1987, 2008) e Adele Goldberg (1995), as quais serão utilizadas em nossa análise de forma complementar. A Gramática Cognitiva, desenvolvida por Langacker, tem como propósito a compreensão do significado de itens lexicais e de construções gramaticais para a análise da representação linguística de nosso pensamento. Nessa abordagem está inserida a noção de que os seres humanos são aptos a construir conceitualmente uma mesma situação de diversas maneiras, e que o significado não é apenas uma questão referente ao conteúdo conceitual que ele evoca, mas depende igualmente da estruturação (*construal*) imposta a esse conteúdo (cf. LANGACKER, 1987); e a Gramática de Construções, elaborada principalmente por Adele Goldberg (1995), postula que não há limites rígidos entre léxico e sintaxe e que a elaboração do significado resulta de uma polissemia construcional, ou seja, o item lexical não é entendido como central na estrutura, e a relação entre o léxico que compõe a construção e a estrutura semântico-argumental da própria construção é projetada como a desencadeadora desse novo sentido. É abolida, assim, a hierarquização entre os módulos linguísticos na composição do enunciado. Passemos à caracterização de ambas.



### 3.1 PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA COGNITIVA (GC)

Essa teoria pressupõe também uma relação intrínseca entre gramática e discurso e tem como comprometimento principal oferecer um conjunto de constructos<sup>53</sup> que descrevam explicitamente as estruturas linguísticas. Para isso, postula que a gramática é simbólica - pois expressa um conteúdo conceitual - e composta de dois pólos - o fonológico e o semântico. Inclui-se no pólo semântico o significado das expressões, e no fonológico, sons, gestos e até representações ortográficas (cf. LANGACKER, 2008), formando estruturas simbólicas simples que se combinam para dar origem a estruturas simbólicas complexas que, por sua vez, originam estruturas de complexidade simbólica ainda maior. Ademais, a gramática não é tida como uma parte central da língua ou um módulo autônomo, mas como um indicativo de como se organiza o significado em uma determinada língua (LANGACKER, 1987).

Para a GC, o significado é uma noção fundamental intimamente relacionada à conceitualização, entendida, em termos gerais, como a capacidade de cingir qualquer tipo de experiência mental (cf. LANGACKER, 2007: 431), constituindo-se como o aspecto experimental (empírico) de nossa interação com o mundo. Dessa perspectiva, compreendemos que a representação linguística de eventos em um enunciado é moldada pela tipologia da língua, pelos esquemas conceituais que estão por trás da gramática dessa língua e pela interação dinâmica estabelecida entre os interlocutores (essa interação faz parte também do processo de conceitualização). Em uma situação discursiva estão pressupostas as hipóteses e as certezas que o falante assume sobre as estratégias e “crenças” de seu interlocutor, as quais têm incidência sobre a eficiência da transmissão da informação.

A determinação do que é cognitivo na Linguística Cognitiva e na Gramática Cognitiva está relacionada a uma perspectiva funcionalista da língua, em que a característica comunicativa/interativa da linguagem não é posta de lado, dado que estamos o tempo todo “negociando” com nosso interlocutor e também conosco na elaboração dos enunciados.

---

<sup>53</sup> A definição de “constructos” dada pelo dicionário Houaiss é de que se trata de construções puramente mentais, criadas de elementos mais simples, que passam a ser parte de uma teoria.

### 3.1.1 Nomes e verbos

Tal como as categorias lexicais, as categorias gramaticais também se estruturam em termos de protótipos, ou seja, a partir de exemplares típicos ou mais representativos dessas unidades. A noção de protótipos, no entanto, gera certa polêmica, uma vez que não há propriamente uma categoria que seja preenchida por elementos absolutamente idênticos. A prototipicidade é depreendida, então, pelas similaridades, e não necessariamente por características comuns entre os membros de uma mesma categoria. Duas propriedades centrais definidoras de um protótipo foram identificadas por Geeraerts (cf., sobretudo, GEERAERTS 1989 e GEERAERTS, GRONDELAERS & BAKEMA 1994 apud SOARES DA SILVA<sup>54</sup>, s/d): *não-igualdade*, que demonstra os graus de saliência dos membros de uma mesma categoria, e a *não-discrrição*, indicativa da dificuldade de demarcação de limites e a flexibilidade dos membros e da própria categoria.

As respectivas características ou efeitos de prototipicidade, identificadas nos vários estudos psicológicos e linguísticos dos protótipos, mas não sistematizadas, entende-as Geeraerts como manifestações de duas propriedades fundamentais da categorização: a *não-igualdade* entre os elementos de uma categoria, isto é, os seus diferentes graus de saliência e a estrutura interna da categoria sob a forma de um centro e uma periferia, e a *não-discrrição*, ou seja, a flexibilidade desses elementos e dessa categoria e as dificuldades de demarcação daí resultantes. A *não-igualdade* manifesta-se, *extensionalmente*, nos diferentes graus de representatividade entre os membros de uma categoria e, *intensionalmente*, no agrupamento de significados (diferentes ou subconjuntos de um mesmo significado) por (e sob a forma de) "parecenças-de-família" (do tipo AB, BC, CD, DE) e em consequentes sobreposições ou imbricações ("overlap, overlapping"). E a *não-discrrição* tem também dois efeitos: *extensionalmente*, as flutuações nas margens de uma categoria, sinal de ausência de limites precisos, e, *intensionalmente*, a impossibilidade de definições em termos de "condições necessárias e suficientes".

Langacker considera a existência de duas classes gramaticais universais, nome e verbo. Nomes denotam esquematicamente uma 'coisa' e prototipicamente um objeto físico; verbos, por sua vez, denotam, em termos esquemáticos, um processo, e, em

---

<sup>54</sup> Professor da Universidade Católica Portuguesa.

termos de protótipos, uma interação energética ou transferência de energia entre corpos físicos que conduz a uma mudança. Esses modelos não esgotam todas as possibilidades de representação conceitual, mas são parâmetros de categorização; todo nome ou verbo que não se encaixar nesses modelos será interpretado como desvio do modelo prototípico.

Tais categorias são descritas por meio de arquétipos elementares e pressupõem a existência de certas habilidades cognitivas básicas, a saber: agrupar e reificar (para nomes), perceber relações e seguir (*tracking*) relações (para verbos). Para nomes, Langacker (2008: 104) destaca os seguintes arquétipos:

- I. um objeto físico é composto de substância material;
- II. pensamos num objeto como ocupando originalmente um espaço, no qual
- III. limitado por fronteiras e tem sua própria localização;
- IV. por outro lado, um objeto pode persistir no espaço indefinidamente, e não ocupa nenhuma localização particular;
- V. um objeto é conceitualmente autônomo, no sentido de que podemos conceitualizá-lo independentemente dos participantes de qualquer evento.

E, para verbos, o autor destaca:

- I. uma interação energética não é por si só material, ao contrário, consiste de mudança e transferência de energia;
- II. um evento reside originariamente no tempo; é circundado temporalmente e tem sua própria localização temporal;
- III. por contraste, a localização de um evento no espaço é mais difusa e derivada, uma vez que depende da localização de seus participantes;
- IV. um evento é conceitualmente dependente; não pode ser conceitualizado sem conceitualizar os participantes que nele interagem e o constituem.

Por ser a linguagem apenas uma parte da cognição humana, sua organização resulta de um conjunto de fenômenos cognitivos independentes, que se manifestam também em outras capacidades humanas, mas que são determinantes na expressão linguística. Alguns desses fenômenos são: associação, automatização, esquematização e categorização, atuantes na composição simbólica do léxico, bem como na organização das estruturas complexas da gramática. De maneira geral, as associações são realizadas

por meio do estabelecimento de conexões psicológicas que têm o potencial de influenciar processamentos subsequentes (cf. LANGACKER, 2008: 16).

Consoante Langacker, construções gramaticais são conceitualizadas em termos de dois modelos cognitivos representativos do modo fundamental pelo qual enxergamos o mundo, os quais o autor nomeou de “modelo da bola de bilhar” e “modelo do palco”.

Pensamos em nosso mundo como sendo povoado por objetos físicos discretos. Esses objetos são capazes de se mover pelo espaço e fazer contato entre si. O movimento é guiado por energia, que alguns objetos tiram de dentro de si e outros recebem de fora. Quando o movimento resulta contato físico forte, a energia é transmitida do movedor ao objeto impactado, que pode assim ser colocado em movimento para participar de outras interações.<sup>55</sup> (LANGACKER, 2008: 103).

No “modelo da bola de bilhar” descrito acima, o sujeito é o termo que encabeça a cadeia de ação e dá início à transmissão de energia, prototipicamente é um agente; o objeto direto é a cauda da cadeia de ação e o elemento que fecha o fluxo de energia, prototipicamente é um paciente ou um objeto que assimila a energia transmitida. Qualquer outro elemento que componha a construção sintática nesse modelo não terá proeminência sobre esses dois termos: o sujeito é o primeiro elemento mais proeminente e o objeto, o segundo mais proeminente. Nesse modelo conceitualiza-se um conteúdo verbal que designe interação energética e possa ser representado por uma ação em cadeia em que um objeto impõe uma força a um outro objeto resultando numa transferência de energia; por sua vez, esse segundo objeto pode impor sua força a um terceiro objeto que também poderá fazê-lo sobre um quarto objeto e assim sucessivamente. Os elementos centrais que compõem esse modelo são espaço, tempo, substância material e energia e são concebidos como constituintes de um mundo em que os objetos se movem no espaço, fazem contato com outros e interagem de forma ativa. Esse modelo pressupõe entre seus participantes um que esteja na cabeça do movimento e outro que esteja na ponta do movimento (cf. LANGACKER, 2008).

Há também outras estruturas transitivas que também representam um fluxo de energia e são representadas conceitualmente de outras maneiras:

---

<sup>55</sup> “We think of our world as being populated by discrete physical objects. These objects are capable of moving about through space and making contact with one another. Motion is driven by energy, which some objects draw from internal resources and others receive from the exterior. When motion results in forceful physical contact, energy is transmitted from the mover to the impacted object, which may thereby be set in motion to participate in further interactions.”

[...] se a oração transitiva apresenta a energia necessária para a cadeia de acção vinda de uma origem externa e constrói o iniciador do fluxo de energia como sujeito e o ponto final desse fluxo como objecto, na oração intransitiva fonte e alvo de energia convergem num único participante — o sujeito. E uma terceira alternativa consiste em conceber o evento autonomamente, isto é, sem qualquer referência à energia que o produziu: é o que Langacker designa por "absolute construal", como, por exemplo, nos chamados verbos "inacusativos" ou "ergativos" (isto é, verbos cujo sujeito é um objecto directo subjacente: "O João chegou/caiu"). (cf. SOARES DA SILVA, <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>)

O segundo modelo básico pertence ao das experiências perceptivas e é chamado modelo do palco (*stage model*); idealiza “um aspecto fundamental de nossa experiência momento-a-momento: a observação de eventos externos, cada um abrangendo a interação dos participantes no cenário”<sup>56</sup> (LANGACKER, 2003: 284). Pressupõe-se nesse modelo a projeção visual de um observador de uma cena cujos participantes se movem em um determinado espaço, comparado nesse modelo a um palco de teatro (*setting*).

No “modelo do palco”, a cena é vista como um cenário em que atuam os participantes de uma cadeia de ações, de onde se estabelece a distinção cenário/participante, na qual o cenário pode ser expresso linguisticamente por expressões adverbiais de lugar e tempo e o(s) participante(s) por complementos nominais ligados ao verbo. Nessa composição, os participantes atuam como elementos centrais e o cenário como elemento periférico; no entanto, nem os elementos que representam os participantes nem os que representam o cenário são imutáveis, uma vez que sua posição na construção gramatical vai depender do recorte dado pelo falante a uma determinada cena. Dessa forma, um advérbio de lugar pode, por vezes, atuar como participante e, por sua vez, um nominal pode também não atuar como participante.

Talmy (2003: 21) define língua como a composição de dois subsistemas, lexical e gramatical, com funções semânticas distintas, porém indispensáveis e complementares, que, por meio de sentenças, evocam no interlocutor uma experiência complexa particular denominada por ele “representação cognitiva”. Para esse autor, os dois subsistemas têm a função de expressar diferentes partes dessa experiência. O léxico

---

<sup>56</sup> “(...) a fundamental aspect of our moment-to-moment experience: the observation of external events, each comprising the interactions of participants within a setting”.

contribui com seus elementos para expressar o conteúdo dessa representação, enquanto a gramática determinará a maioria de sua estrutura.

Em Talmy, também está a noção de que as experiências humanas são traduzidas linguisticamente por meio do estabelecimento de uma relação entre elementos focais, ou mais proeminentes, e menos focais, ou menos proeminentes, segundo a elaboração do falante. Essa seleção é determinada pelo mecanismo da atenção, a partir do qual direcionamos nossa concentração mental de forma mais acentuada para algumas partes de um evento e deixamos outras em segundo plano na elaboração do significado.

As duas maiores categorias gramaticais, nomes e verbos, diferem entre si no que concerne à sua caracterização conceitual. Se, por um lado, nomes têm como protótipo uma substância material, delimitada em termos espaciais, verbos se caracterizam prototipicamente pela interação entre os participantes do evento que representam, que se desenvolve num intervalo de tempo. Apesar de suas qualidades antagônicas, entre eles há muito em comum, como se pode observar em estruturas que têm um verbo ou um nome como elemento central, como orações finitas e nominais, que, respectivamente, possuem traços semelhantes. Contudo, não adentraremos nesse tema por não ser relevante para nossa pesquisa.

### **3.1.2 Complexidade simbólica e elaboração conceitual**

Estruturas simbólicas, base da gramática de qualquer língua, são constituídas por uma estrutura semântica e outra fonológica. O polo semântico é designado pelo significado das expressões e o polo fonológico caracteriza-se por sons, gestos e sinais ortográficos. O grau de complexidade dessas estruturas simbólicas é variável e depende do seu nível de organização, o que leva à concepção de que não há limites claros entre léxico e gramática.

Processos cognitivos identificados na formação de estruturas linguísticas são claramente identificados também em outras habilidades humanas. Na formação do léxico, alguns mecanismos independentes da capacidade linguística são ativados e podem ser observados em sua organização. Langacker (2008) enumera quatro mecanismos, apontando como mais básico a **associação**, que consiste no estabelecimento de associações psicológicas que tenham potencial de influenciar processos subsequentes. O autor cita como exemplo a associação entre estrutura semântica e fonológica, que define uma estrutura simbólica.

Outro mecanismo envolvido é a **automatização**, observada no momento em que uma estrutura simbólica passa a ser empregada naturalmente pelos membros de uma comunidade linguística até se estabelecer como uma unidade. “Itens lexicais são expressões que alcançaram o status de unidade para membros representativos de uma comunidade de fala”.<sup>57</sup> (LANGACKER, 2008: 17). Como exemplo, o autor cita do inglês o lexema *dollarless*, analisável como uma unidade e passível de ser decomposto em duas partes menores, mas que, por sua vez, também atingiram o *status* de unidade, a saber, *dollar* e *less*. É possível aqui traçar um paralelo com o português e tomar como exemplo palavras que constituem uma unidade fonológica, tais como expressões com verbo auxiliar+principal em que os dois se amalgamam: “pó+dizê” (pode dizer), “tá+falando” (está falando) entre outros.

Também auxilia na elaboração conceitual a **esquemáticação**, entendida como o processo pelo qual se consegue extrair o que é inerente a uma série de experiências para que seja representado por meio de um esquema conceitual altamente abstrato. Uma expressão pode ser altamente esquemática ou específica em decorrência do grau de complexidade simbólica que ela manifesta e da precisão com que detalha suas características. Por exemplo, na sequência *caneta de prata–caneta*, a primeira expressão é mais específica e mais elaborada que a segunda, pois oferece um maior grau de detalhamento sobre suas características inerentes.

A **categorização** é descrita por Langacker (2008) como a interpretação de experiências a partir de estruturas previamente existentes. “Uma categoria é um conjunto de elementos considerados equivalentes para alguns propósitos.”<sup>58</sup> (LANGACKER, 2008: 17). Categorizar equivale a identificar traços comuns e essenciais de diversos elementos para que possam ser inseridos em um mesmo grupo ou categoria, o que faz com que estes não possam ser subcategorizados e, assim, tenham também traços particulares que não sejam compartilhados pelos outros membros da categoria a que pertencem. Essa perspectiva de que as categorias linguísticas e cognitivas são formadas por traços e não formam categorias discretas é também a da teoria dos protótipos, que tem como maiores expoentes Givón (1986), Lakoff (1982) e Taylor (1995). Como já foi observado, a teoria dos protótipos entende que as categorias não são definidas em termos de uma propriedade, “mas são formadas nas intersecções de um

---

<sup>57</sup> “Lexical items are expressions that have achieved the status of units for representative members of a speech community.”

<sup>58</sup> “A category is a set of elements judged equivalent for some purpose.”

número de traços ou propriedades típicas que tendem a coincidir estatística e probabilisticamente. Os elementos de um dado conjunto são os mais típicos – *os protótipos*”. (KEWITZ, 2007: 83).

Os mecanismos cognitivos mencionados em todos os processos linguísticos, seja na formação do léxico, seja na composição de estruturas mais complexas ou simples e dos constructos empregados para representar conceitualmente as noções gramaticais. Dessa forma, a gramática é, outrossim, descrita por meio de construções simbólicas e conceituais, que compõem categorias não discretas e formam, conforme o que foi dito no parágrafo anterior, um *continuum* com os itens lexicais. A partir dessa perspectiva, conseqüentemente, entendemos que todas as formas gramaticais têm significado e devem ser entendidas não como um módulo autônomo e completo, mas como uma representação formal de conceitos abstratos especificados pelos itens lexicais.

De qualquer maneira, a significatividade da gramática apenas torna-se aparente com um olhar apropriado sobre a semântica linguística. Primeiro, deve ser uma semântica conceptualista (TALMY 2000a, 2005b). Além disso, deve acomodar totalmente nossa manifesta e multifacetada habilidade de construir a mesma situação de diferentes maneiras. O significado de uma expressão não diz respeito apenas ao conteúdo conceitual que ela evoca, mas depende igualmente do *construal* que ela impõe a esse conteúdo.<sup>59</sup> (LANGACKER, 1993a).

E ainda:

Uma dimensão do *construal* é o grau de especificidade (ou, de modo inverso, esquematicidade) escolhido para caracterizar uma dada entidade, e.g., a decisão de descrever uma certa criatura como um animal, um cachorro ou um *beagle*. Inúmeros aspectos do *construal* pertencem à perspectiva tomada em uma cena.<sup>60</sup> (LANGACKER, 2003: 2).

Nessa concepção, realizar uma descrição de uma língua não é apenas descrever a sua forma, mas descrever explicitamente as estruturas conceituais envolvidas na

---

<sup>59</sup> “However, the meaningfulness of grammar only becomes apparent with an appropriate view of linguistic semantics. First, it has to be a conceptualist semantics (TALMY 2000a, 2000b). Moreover, it has to fully accommodate our manifest and multifaceted ability to construe the same situation in many different ways. An expression’s meaning is not just a matter of the conceptual content it evokes, but is equally dependent on the construal it imposes on that content.”

<sup>60</sup> “One dimension of construal is the degree of specificity (or conversely, schematicity) chosen for the characterization of a given entity, e.g., the decision to describe a certain creature as an *animal*, a *dog*, or a *beagle*. Numerous aspects of construal pertain to the perspective taken on a scene.”



situação comunicativa e que estão por trás das expressões gramaticais, que, por sua vez, refletem, entre outras coisas, a apreensão dos interlocutores sobre si mesmos, sobre o outro, sobre sua interação na fala, sobre o contexto e até sobre o desenvolvimento do próprio discurso.

Pode-se dizer que a GC pretende ser um modelo universal que dê conta das diversas línguas naturais e que consiga: a) apresentar uma caracterização explícita de um conjunto de estruturas linguísticas obtidas a partir de pesquisas empíricas; b) identificar quais são as estruturas prototípicas; e c) adotar uma abordagem funcional que dê conta de explicar as estruturas apreendidas empiricamente, incluindo as classificadas como prototípicas. (cf. LANGACKER, 2007: 453-454).

### **3.1.3 Trajetor e marco (*Trajector e landmark*)**

Os modelos de constructos que a GC se propõe a delimitar devem refletir tais relações e se compor de modo a demonstrar esquematicamente os níveis em que se estrutura a construção de um enunciado e, conseqüentemente, a elaboração de seu significado. Essa elaboração se dá, em termos formais, a partir de relações gramaticais de autonomia e dependência, que, por sua vez, são obtidas a partir da correspondência entre os seus elementos conceituais.

As duas categorias principais na gramática, nome e verbo, são determinadas não apenas a partir de seu conteúdo conceitual, mas também do *profile*, ou o perfil delineado da situação, que estabelecem. Langacker exemplifica essa distinção dando como exemplos os lexemas do inglês, *admire* e *admire*, que têm o mesmo conteúdo de base, mas impõem *profiles* diferentes. O primeiro, categorizado como nome, caracteriza uma condição de um ser humano, e o segundo, categorizado como verbo, caracteriza um processo. A noção de “condição” pode ser relacionada à noção de agrupamento e reificação, e não envolve noções temporais, de desenvolvimento ou aprofundamento. Contrariamente, na categoria verbo em geral há a noção de movimento, de algo que se desenvolve por um período de tempo, de alto grau de temporalidade e de transmissão de energia. Dessa forma, termos com um mesmo conteúdo de base podem pertencer a categorias gramaticais distintas e, assim, evocar diferentes *profiles*, indicando, então, a impossibilidade de se apreender o significado de um termo de forma objetiva.

Na perspectiva da GC, o significado de uma forma gramatical está relacionado não apenas ao conteúdo conceitual que ela evoca, mas também ao seu *construal*, noção

bastante difundida e relevante na literatura da Linguística Cognitiva, entendida como um fenômeno multifacetado cujas várias dimensões refletem algumas habilidades cognitivas básicas, tais como especificidade, perspectiva, proeminência e *background*, memória, atenção, planejamento, julgamento estético, entre outras. (cf. LANGACKER, 1997). Além dessas habilidades cognitivas, estão envolvidas, num ato de produção linguística, capacidades imaginativas reveladoras do potencial criativo humano. Tais capacidades são expressas por meio de processos metafóricos, *blending*, espaços mentais, evocação de entidades fictícias, entre outros.

A elaboração conceitual de uma cena, como vimos, é permeada por processos cognitivos, imagéticos por natureza, que determinarão a sua organização. Nossa percepção, principalmente a visão, dividirá a cena representada em partes constituídas por pano de fundo e primeiro plano. Nessa divisão, os elementos constitutivos do primeiro plano ficarão em proeminência em relação ao pano de fundo, determinando o que está sendo focalizado na cena, o que não está, o que é mais relevante para sua compreensão, o que é menos relevante etc.

Langacker (2003) destaca que para a gramática é crucial o grau de proeminência conferido aos participantes de um evento ou de uma cena, expresso por meio de dois elementos, denominados trajetor (elemento mais saliente) e marco (elemento menos saliente). A conceitualização que envolve a relação entre esses elementos projetada em um *construal* é denominada *profile* e é fundamental para a escolha das formas gramaticais que representaram linguisticamente o evento. Por meio de esquemas figurativos, é possível apreender essa relação abstrata.

Podemos aqui traçar um paralelo com Talmy (2003a) sobre a noção de figura e fundo (*figure/ground*), primordiais para o entendimento de como a língua estrutura o espaço. Vejamos as definições do autor (TALMY, 2003a, 184, apud KEWITZ, 2007: 87):

Uma figura é uma entidade em movimento ou conceitualmente movível cujo lugar, caminho ou orientação são concebidos como o valor particular variável no qual está a questão relevante.<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> “The figure is a moving or conceptually movable entity whose site, path, or orientation is conceived as variable the particular value of which is the relevant issue.”

O fundo é uma entidade de referência com uma posição imutável relativa ao enquadramento de referência, com respeito ao lugar, caminho ou orientação caracterizados pela figura.<sup>62</sup>

Vejam os a seguir um esquema conceitual demonstrativo da relação entre as noções de marido e esposa:

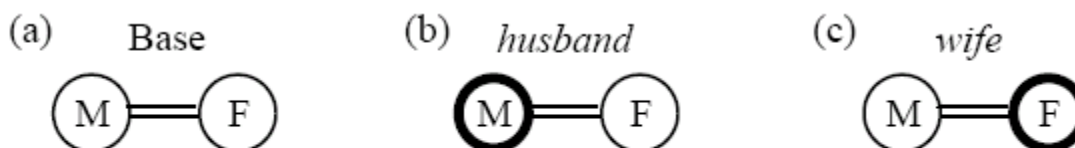


Figure 1

(LANGACKER, 2003: 252)

A figura (a) a base masculino/feminino. As figuras (b) e (c) adotam essa mesma base e estabelecem, em relação a ela, a representação conceitual dos papéis de marido e esposa numa situação de matrimônio. No papel de marido, é atribuída proeminência ao pólo masculino da base, e no papel de esposa a proeminência é dada ao pólo feminino.

A representação (b), que conceitualiza o nome *marido*, põe em evidência o elemento masculino da relação, composto de um conjunto de traços prototípicos, tais como “ser humano”, “masculino”, “parte masculina de uma relação de matrimônio entre homem/mulher”, entre outros. Analogamente, na representação (c), que conceitualiza o nome *esposa*, a proeminência foi dada ao elemento feminino, formado por um conjunto de traços prototípicos, como “ser humano”, “feminino”, “parte feminina de uma relação de matrimônio entre homem/mulher”, entre outros.

A construção de um conteúdo reflete a habilidade que os seres humanos têm de retratar uma mesma situação de diversas maneiras, e diz respeito ao grau de minúcia desejado por quem elabora a construção, bem como ao conhecimento que o interlocutor tem da cena e tudo que ela envolve. Relacionada a essa habilidade está também a possibilidade de **focalizar** um ou outro elemento que consideremos relevante, o que demonstra a maneira como elaboramos a estrutura informacional de uma determinada proposição<sup>63</sup>. Por meio das construções linguísticas, somos capazes de acessar porções particulares de nosso sistema conceitual e, dessa forma, selecionamos determinados

<sup>62</sup> “The ground is a reference entity, one that has a stationary setting relative to a reference frame, with respect to which the Figure’s site, path, or orientation is characterized.”

<sup>63</sup> Sobre isso, ver também Talmy (2000a) no capítulo “Windowing of attention”.

conteúdos e os organizamos de modo a colocá-los numa relação de primeiro e segundo planos.

Em relação à **especificidade**, os falantes podem optar por caracterizar uma determinada cena com mais ou menos detalhamento. Quanto mais detalhamento tiver essa escolha, ou seja, quanto mais específica ela for, maior será o grau de precisão com o qual a cena é representada.

Em termos gerais, segundo Langacker, é possível pensar que toda situação em que uma concepção precede ou fornece condições para que outra se sobressaia seja representativa da relação de **primeiro e segundo planos**. Por conseguinte, num sentido amplo, dizemos que todo enunciado linguístico pressupõe algum tipo de conhecimento prévio, ou de fundo, para que seja compreendido. Uma das manifestações discursivas dessa relação de primeiro e segundo planos é o que o autor denomina CDS (*current discourse space*), entendido como o espaço mental no qual se encerram todas as informações que são pressupostamente compartilhadas pelo falante e seu interlocutor, formando a base do discurso produzido.

No que se refere à capacidade de focalizar porções de conteúdo conceitual para elaborar enunciados linguísticos, está incluída a propriedade de escopo, ou a incidência que uma construção tem no domínio conceitual acessado. O escopo ancora-se em nossa capacidade cognitiva de apreender mentalmente um limitado conteúdo por vez. Dessa forma, direcionamos nossa atenção para a porção relevante à expressão da informação numa determinada estrutura linguística. No entanto, esse direcionamento não se mostra absolutamente objetivo e engloba noções da relação de primeiro e segundo planos. O escopo de expressões linguísticas compreende um grau máximo de abrangência, ou escopo máximo, e o grau diretamente relevante para o significado pretendido, ou escopo imediato. Para exemplificar, tomemos o termo BOCA. Seu escopo máximo é CORPO, e o escopo imediato é CABEÇA. Essa seleção evidencia uma dimensão hierárquica e a propriedade de o escopo máximo cingir o termo focalizado como escopo imediato.

Verbos também possuem a propriedade de focalizar um conteúdo conceitual em sua máxima e mínima dimensão. Se observarmos um verbo processual, por exemplo, em seu caráter infinitivo, teremos apenas a dimensão de máximo escopo, uma vez que nenhuma parte específica de seu conteúdo estará focalizada. Se, por sua vez, examinarmos um verbo em uma estrutura indicativa de ação em desenvolvimento, *cantando*, por exemplo, teremos o escopo máximo englobando o escopo mínimo, ou

seja, a porção focalizada na construção V+ndo está contida no limite dimensionado pelo escopo máximo.

Uma cena pode ser apresentada a partir da **perspectiva** do falante ou do(s) seu(s) interlocutor(es) e reflete a projeção do olhar do falante sobre algo. Como exemplo, temos: “O menino está **indo** para a casa de sua irmã/ O menino está **voltando** da casa de sua irmã”. Nessas construções, o ponto de vista do falante determina as formas gramaticais empregadas, suas relações de *profile*, a especificação de qual termo é o trajetor e qual é o marco, entre outras noções.

### 3.1.4 O determinante do *profile*

A construção conceitual de uma cena está submetida ao *profile* que cada um de seus elementos constitutivos estabelece entre si. Esses elementos se organizam de modo a relacionar suas subestruturas esquemáticas à projeção de outras estruturas esquemáticas, e assim sucessivamente até que a cena toda seja conceitualizada. Dessa forma, em geral, há um elemento que determina o *profile* ao qual estarão submetidos os *profiles* dos outros elementos. Por definição, o determinante do *profile* corresponde ao *profile* da estrutura constitutiva correspondente ao *profile* da construção. Assim, um termo constituinte será considerado determinante se a relação traçada por ele for a mesma relação traçada pela construção. A expressão “escova de dente”, por exemplo, designa um tipo de escova, e não um tipo de dente. Assim, o determinante é o nome “escova”, que corresponde ao *profile* designado pela expressão.

O termo ao qual se atribui a classificação de determinante do *profile* da construção é denominado HEAD (núcleo) e equivale à mesma categoria gramatical à qual pertence a própria construção. Essa equivalência leva a um dos preceitos básicos da GC, a saber, de que a categoria gramatical de uma expressão é determinada pela natureza de seu *profile*. Contudo, nem toda construção é formada de modo a ter um de seus termos constituintes como determinante. Nesse grupo de construções que não correspondem ao protótipo de ter um determinante do *profile*, há três tipos de classificação: correspondentes, fundidos e “exocentricity”. No primeiro caso, as estruturas constituintes de uma construção têm *profiles* correspondentes e, conseqüentemente, ambos equivalem ao *profile* da construção. Nesses casos, não há apenas um termo com o *profile* semelhante ao da construção, mas ambos os termos.

Há construções em que o *profile* da estrutura combinada não corresponde ao de nenhum dos termos que a compõem, mas sim à composição associada de ambos. Esse equilíbrio deve-se ao fato de que cada um dos *profiles* componentes conceitualiza uma parte da estrutura componível, e apenas coletivamente eles funcionam como um todo. Langacker (2008) considera que nenhum dos *profiles* componentes possa ser classificado como determinante. Como exemplo, cita um enunciado como “Minha câmera está no andar de cima, no quarto, no closet, na gaveta”<sup>64</sup>, e, para simplificar, analisa apenas a parte referente a “in the closet, on the shelf”. Nesse trecho, no *closet* tem como *profile* uma relação espacial de inclusão, e *na gaveta*, uma relação em que o trajetor faz contato com a superfície superior de uma prateleira. Ambos têm como trajetor *minha câmera* e estabelecem em relação a ele diferentes marcos: o interior do closet e a superfície da prateleira. Consequentemente, o enunciado completo determina um alinhamento complexo entre o trajetor e os diversos marcos designados por cada um de seus termos constituintes. Nenhum desses termos, portanto, designa o *profile* correspondente de forma absoluta ao *profile* da construção, mas, ao contrário, cada um deles é responsável por uma parte do *profile* observado na estrutura componencial.

Outro tipo de situação é aquela em que o determinante do *profile* não pode ser identificado porque nenhuma das estruturas componentes tem *profile* correspondente ao da estrutura componencial. Essa modalidade é chamada exocêntrica, uma vez que o *profile* central é indicado por um referente externo. Podemos citar o exemplo dado por Langacker (2008) do termo *pickpocket*, do inglês. Essa estrutura é formada por um verbo e um nome que perfilam, respectivamente, nessa construção específica, o ato de remover (*to pick*) algo de um lugar (*pocket*). No entanto, *pickpocket* não designa o processo determinado pelo verbo que o compõe, tampouco designa um local, mas sim um agente, a pessoa que “pega” bolsas, carteiras. Langacker (2008: 197) afirma que, apesar de o *profile* desse tipo de construção não corresponder ao de nenhum dos termos constituintes, ele é derivado de domínios cognitivos (nesse caso, a prática de pegar carteiras) não evocados por nenhum dos constituintes isoladamente.

Na medida em que as conceitualizações e relações entre *profiles* se tornam usuais, elas formam padrões gramaticais regulares. Esses padrões são, para a GC, denominados esquemas construcionais:

---

<sup>64</sup> “My camera is upstairs, in the bedroom, in the closet, on the shelf”

Um conjunto simbólico esquemático representando algum tipo de semelhança é observável através de expressões simbolicamente complexas. Esquemas construcionais servem como modelos para a construção e avaliação para novas expressões.<sup>65</sup> (LANGACKER, 2003: 257)

### 3.1.5 Autonomia e dependência

Estruturas simbólicas se constituem de elementos interligados por relações de correspondência e categorização. Em tais relações, usualmente um dos termos possui esquemas subestruturais que caracterizam um outro termo em detalhes mais refinados. Citamos como exemplo a expressão “vestido amarelo”, em que amarelo especifica um detalhe sobre o termo vestido, ou a construção *jar lid*, do inglês, em que “lid evokes a schematic container specified in finer detail by jar” (Langacker, 2008: 198). A esse termo esquemático elaborado por um outro termo componente denomina-se *elaboration site* (*e-site*).

Vale observar que a correspondência entre os termos pertence ao referente conceitual, enquanto a elaboração é uma questão de caracterização. A noção de correspondência está atrelada ao alinhamento estabelecido pelos termos caracterizados como trajectores e marcos, e a que entidade(s) eles se referem. Por sua vez, um termo considerado como *e-site* traz à construção uma determinada informação que refinará a caracterização de outro termo. Em uma estrutura como “cantou”, na qual há um radical verbal (*cant-*) seguido de um sufixo (*-ou*), o componente que funciona como *e-site* é *-ou*, pois ele acrescenta ao radical *cant-* uma informação que o modifica, indicando que o processo evidenciado em seu significado aconteceu no passado.

O conceito de elaboração é, portanto, fundamental para o entendimento da organização linguística, pois atesta que determinadas construções são formadas por termos que, em sua natureza, se apoiam em outro para a composição do significado, fato indicativo de que alguns termos são mais **autônomos** e outros mais **dependentes** em suas relações. Morfemas sufixais de verbos no português são exemplos de itens de dependência forte numa construção linguística. Podemos citar, também, do baulê, a estrutura *kēkēbà nún* ‘cesta dentro’, na qual a estrutura componencial *nun* ‘dentro’ é

---

<sup>65</sup> “Schematic symbolic assemblies representing whatever commonality is observable across a set of symbolically complex expressions. Constructional schemas serve as templates for the construction and evaluation of novel expressions.”

dependente em relação à estrutura  $k\bar{e}k\bar{e}b\grave{a}$  ‘cesta’, mais autônoma. Desse modo, o componente  $nun$  ‘dentro’ especifica a localização de um determinado trajetor no ambiente representado por  $k\bar{e}k\bar{e}b\grave{a}$  ‘cesta’, estabelecendo o alinhamento conceitual de autonomia/dependência desses elementos componentes.

A concepção do alinhamento de autonomia e dependência deve ser compreendida sempre em contextos de construções simbólicas e da relação entre essas e seus componentes. Dessa forma, nenhum constituinte da construção será proeminente sobre o outro, o que define uma situação de complementaridade entre eles e a própria construção, que já carrega significado, e não de proeminência para um ou outro termo isoladamente. Entendidos sob essa perspectiva, temos que esse alinhamento não existe de forma absoluta, e sim numa situação relacional.

### **3.1.6 Hierarquia de constituintes e organização do significado**

Para a GC, a maneira como se constituem os componentes de um enunciado não é fixa e imutável, mas sim flexível, adaptável e não essencial à descrição sintática. Tradicionalmente, para a sintaxe, o mecanismo da organização de constituintes é identificado por meio de agrupamentos simbólicos observados em estruturas componíveis que, num determinado nível da organização frasal, passam a ser estruturas componentes. Essa propriedade, no entanto, não é exclusiva da organização gramatical, mas facilmente identificada em outras áreas da cognição humana, tal como podemos constatar na maneira como organizamos, numa escala de agrupamento hierárquico representativo de contiguidade dos termos, as partes do corpo humano:  $corpo > perna > coxa > pé > dedos > unha$ .

A estruturação por constituintes identificada na gramática representa, para a GC, uma situação especial em que um agrupamento semântico é expresso por um agrupamento fonológico específico (cf. Langacker, 2008: 207). Não se trata, portanto, de um tipo de estruturação de constituintes desprovidos de conteúdo conceitual e que irão compor sempre o mesmo organismo sintático. De forma antagônica, a estruturação se dá a partir desse conteúdo conceitual, uma vez que a expressão fonológica é apenas a sua representação material. O caráter de não essencialidade advém do fato de que a GC considera a hierarquia de constituinte como emergente de outro fenômeno



(agrupamento) e como apenas mais uma configuração passível de ser assumida por instâncias simbólicas.

Formas sintáticas não derivam de uma estrutura profunda, ao contrário do que estabelece a gramática gerativa, uma vez que na GC não se admitem operações transformacionais que gerem estruturas sintáticas. Construções com os mesmos elementos componentes dispostos em ordens diferentes evidenciam caminhos alternativos de representação desses elementos que resultarão no mesmo conteúdo componencial. Langacker nos oferece o seguinte exemplo (2008: 212)

(a) *The package [that I was expecting] arrived.*

(b) *The package arrived [that I was expecting].*

Enunciados como esses são analisados pela GC como representantes do mesmo conteúdo semântico e gramatical, uma vez que a diferença reside apenas no modo de organização de seus termos constituintes. A sentença relativa pode ser compreendida do exemplo (b) estabelece correspondência com o trajetor (*the package*), o que permite que ele seja compreendido como seu objeto apesar da ordem não prototípica dos constituintes. Essa capacidade de relacionar os termos componentes demonstra que a sua constituição hierárquica não pode ser considerada um fator essencial para a significação do enunciado completo, o que leva a outro preceito basilar da GC: formas gramaticais podem ser compreendidas apenas na relação com a organização conceitual que expressam.

### 3.1.7 Verbos complexos

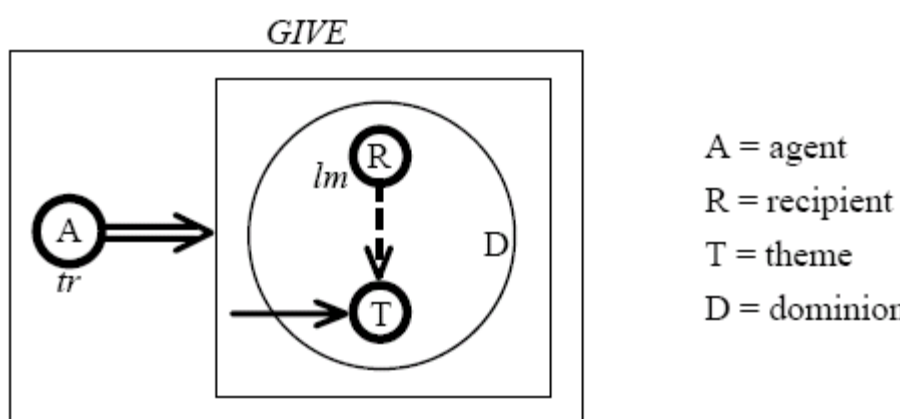
Partiremos da premissa ampla de que verbos perfilam processos, são de alta complexidade simbólica e nos permitem descrever eventos e situações diversas. A estrutura interna do verbo é também responsável pela organização gramatical de uma oração, uma vez que ele vai determinar os argumentos, e pelos espaços sintáticos que restam a ser preenchidos.

De acordo com Langacker (2008), numa estrutura oracional, o verbo contribui, no mínimo, com a determinação do *construal* e com o alinhamento trajetor-marco. Em línguas em que o constituinte verbal agrega muitas informações morfológicas, menos

resta a ser acrescido por meio de outros termos não verbais. Para ilustrar esse fato, o autor acrescenta, por exemplo, que verbos que incorporam a noção de marco não necessitam de um termo nominal separado para isso. É possível também codificar junto ao verbo noções de número e gênero e do alinhamento trajetor-marco, indicativos do tipo de frase (passiva, ativa, média etc).

A concepção do significado do verbo vem muitas vezes associada à ideia de uma única palavra, mesmo que a ela sejam acopladas diferentes marcas morfológicas indicativas de valores diversos, que poderiam ser expressos, em um contexto distinto, por outro termo. Há também línguas que expressam eventos e situações, ou processos, por meio de múltiplos verbos, em geral dispostos em sequência, que são designadores de um único evento, como é o caso das construções seriais. Esses itens lexicais não podem ser analisados como constituintes de uma oração complexa, na medida em que representam apenas um evento ou subpartes dele e, por conseguinte, não se caracterizam como verbos de orações coordenadas ou subordinadas.

O verbo DAR é comumente empregado em construções seriais como verbo funcional, promovendo a ligação entre o termo ao qual é atribuído o papel de marco e o que recebe papel semântico de tema. Elaborar o esquema conceitual de verbos complexos é uma maneira de lidar com casos de sobreposição conceitual em construções gramaticais. Langacker (2003) executa uma análise do verbo GIVE (do inglês), tomado inicialmente em seu valor prototípico, e estabelece um esquema que demonstra as relações de seu *profile*.



(LANGACKER, 2003: 270) Figura 2

GIVE é um verbo transitivo que pressupõe prototipicamente um **agente** (A) aplicando determinada força sobre um **tema** (T), que se moverá num **domínio** (D) de

um **recipiente** (R). A é classificado como trajetor, pois é a figura proeminente na cena, enquanto R é marco, por representar o elemento sobre o qual incide o movimento de A. Os domínios envolvidos no *profile* desse verbo podem ser interpretados de acordo com a construção gramatical em que esse verbo é empregado. A força empregada pode ser de natureza física ou abstrata e, em relação a ela, o tema pode ser a própria entidade transferida, quando a força for apenas abstrata, ou o próprio agente, quando a força for mesmo física. O domínio do recipiente é delimitado pela sua esfera de acesso, controle e influência. As setas duplas indicam causação, e a seta simples indica o movimento do tema em direção ao domínio do recipiente. A seta pontilhada indica o acesso do recipiente ao tema. (LANGACKER, 2003: 270)

Se considerarmos seu uso canônico, o verbo GIVE admite um tema originário no domínio do agente e transferido para o recipiente; porém, esse verbo frequentemente admite outros *profiles* e é possível então uma construção em que o tema não seja transferido pelo agente, mas sim induzido por ele (agente) ao domínio do recipiente (no caso em que DAR é verbo funcional). Langacker (2003) dá como exemplo dados da língua thai em que o verbo GIVE é empregado como verbo pleno e serial. Nesse caso, pode envolver tanto um recipiente quanto um beneficiário. Vejamos (LANGACKER, 2003: 271):

- a. *Chán hâi nănsǎ: kè: dèk.* (V) [Thai]  
 I gave book to child  
 'I gave a book to a child.'
- b. *Chán sòng nănsǎ: hâi dèk.* (R/B)  
 I sent book give child  
 'I sent a book {to a child/for the child}.'

No primeiro exemplo (a), GIVE envolve um tema (*book*) que é transferido pelo agente (*I*) a um beneficiário (*child*). Neste caso, o agente (A) é o trajetor e o beneficiário(R), o marco; O tema (*book*) é o elemento envolvido no processo de transferência evocado pelo verbo GIVE e entrará no domínio do beneficiário (*child*). Em termos esquemáticos, essa sentença teria uma representação semelhante à demonstrada na figura 2 acima.

No segundo exemplo (b), temos uma construção serial formada pelos verbos *sòng* (enviar) e *hâi* (dar/GIVE). Ambos indicam a transferência de um objeto e

envolvem, portanto, transmissão de energia; há também similitudes em suas representações conceituais, o que equivale a dizer que evocam *profiles* semelhantes, mas não equivalentes, acarretando na composição da construção serial a partir de uma sobreposição de traços conceituais. Por essas “afinidades”, esses verbos são aptos a compor a série de modo a combinar e sobrepor seus traços semânticos e também sua representação conceitual. Na série verbal do exemplo (b), o verbo *sòng* funciona como verbo principal do evento e o verbo *hâi* é verbo funcional, introdutor do beneficiário/recipiente, podendo ser analisado, portanto, como elemento de valor prepositivo. Em outras palavras, partindo da concepção de que construções seriais representam um único evento e, no caso do exemplo do thai, tem em *sòng* a representação central do evento, o que dá a esse verbo a escolha do trajetador (I) e do marco, o verbo *hâi* atua na série verbal como introdutor e focalizador do recipiente (marco), devido a sua composição semântica e conceitual.

Modelos conceituais foram concebidos a partir do princípio de que somos seres que armazenam experiência, nos movemos, sentimos e manipulamos objetos físicos do mundo real. A maneira pela qual os integrantes desses modelos se relacionam é dada por relações temáticas, traduzidas linguisticamente em papéis temáticos arquetípicos que constituem um dos elementos que nos permitem conceitualizar as cenas do mundo em que vivemos. Tais papéis podem ser resumidos em: agente, paciente, experienciador, motivador e instrumento. Esses papéis não são os únicos a atuar nas conceitualizações, mas são invocados como parte do significado das expressões linguísticas e estabelecem as relações entre os participantes da cena. A proeminência dada a um ou outro participante vai depender do *profile* estabelecido no *construal* elaborado de uma determinada cena.

Tomemos agora exemplo semelhante do baulê:

10) ɔ̄ fā̀ lì      tā̀nní   ɔ̄ mā̀n nī   kuà̀jō

Ele pegar-perf. tecido ele dar-perf. Kuajo

‘Ele deu o tecido a Kuajo/ Ele pegou o tecido e deu a Kuajo’

Em baulê, há dois morfemas alternantes para o aspecto perfectivo, a saber, *lì* e *nī*, como se observa no exemplo (10). Nesse enunciado, o sujeito (trajetador) é expresso

fonologicamente antes do primeiro e do segundo verbo, bem como as marcas aspectuais que, apesar de terem formas diferentes carregam o mesmo valor aspectual. O evento descrito é representativo de um encadeamento de ações, permeadas e motivadas por transferência de energia, o que é depreendido dos traços semânticos dos verbos *fǎ* (pegar) e *mān* (dar).

O termo que se apresenta como (marco) beneficiário da ação é *Kuajo*, que é também um dos complementos do verbo *DAR*, representante da ação principal da cena. O outro complemento é o lexema *TECIDO*, que desempenha papel temático de “tema” e é introduzido pelo verbo *PEGAR*. Por conseguinte, podemos considerar que, pelo fato de o verbo *DAR* carregar a informação mais relevante da cena descrita, foi possível numa das traduções para o português que se omitisse o verbo *PEGAR* - de acordo com essa perspectiva, secundário na representação da cena. No entanto, essa opção acarreta a perda de um valor discursivo representado no texto original em baulê pelo verbo *fa* ‘pegar’, uma vez que, além de ser um lexema introdutor do “tema”, ele pode imprimir um valor ilocucionário, que pode ser depreendido de seus traços semânticos. Essa possibilidade de interpretação resulta do fato de que a combinação dos traços semânticos dos lexemas constitutivos de uma construção serial pode resultar em valores que são compreendidos discursivamente pelo interlocutor. Esse exemplo é, em parte, semelhante ao exemplo da língua thai, em que o verbo de significado *DAR*, em construções seriais, passa a verbo funcional.

Formas gramaticais e lexicais não devem ser analisadas de modo a separá-las de seu significado e sua composição conceitual. Formas lexicais e construções gramaticais possuem uma elaborada estrutura interna e o melhor caminho para a descrição dessas formas e construções é compreender em detalhes como se processa o funcionamento dessa estrutura.

### **3.1.8 Representação conceitual do evento em construções seriais**

A literatura postula que em termos conceituais séries verbais descrevem apenas um evento e seus termos organizam-se por meio da combinação de seus traços semânticos, de forma a compor o evento. Compreende-se, então, que os elementos constitutivos de uma construção serial se configuram sintaticamente de maneira a “traduzir” a organização conceitual da cena representada, assim como ocorre com toda e

qualquer construção gramatical, uma vez que formas gramaticais estão diretamente relacionadas à representação conceitual e imagética que elaboramos no momento que antecede imediatamente a nossa produção linguística. De acordo com a teoria da Gramática Cognitiva, a gramática não é tida como uma parte central da língua, ou um módulo autônomo; o que é central nas línguas é a maneira como se estrutura a sua significação.

O ordenamento dos verbos em uma construção serial obedece, em alguns casos, a uma organização icônica e, portanto, não aleatória. O fato de descrever apenas um evento não exclui a possibilidade de que esse evento seja constituído conceitualmente de outros eventos menores relacionados, ou que a combinação de pequenos eventos culmine em um evento maior e principal.

Construções seriais devem relatar apenas eventos que sejam de alguma maneira concebidos como particularmente mais comumente associados a experiências ou àqueles eventos que culturalmente formam uma concatenação importante. Esses eventos (chamados aqui de subeventos – A.A) são concebidos como uma unidade de evento única.<sup>66</sup> (BRUCE 1988: 28 in AIKHENVALD, 2006).

A combinação dos verbos em uma construção serial segue restrições semântico-pragmáticas e culturais, uma vez que não é possível combinar verbos com conteúdos semânticos antagônicos ou fazer uma combinação que não seja aceita culturalmente pela comunidade falante da língua. Acrescentamos, ainda, que construções seriais, no que tange à sua forma, apenas se assemelham a construções coordenadas ou subordinadas. A diferença principal que se estabelece entre estas e aquelas, em uma mesma língua, também pode ser compreendida em termos de restrições semântico-pragmáticas, visto que não é possível decompor a construção e organizá-la em estruturas justapostas, coordenadas ou subordinadas sem que isso acarrete mudanças no significado. Conseqüentemente, é necessário haver compatibilidade entre o significado da construção e os itens lexicais que a preenchem.

Se se entende que um item lexical é formado pela sobreposição de traços semânticos e significativos, pode-se compreender que a combinação de itens lexicais

---

<sup>66</sup> “Serial verb constructions 'must relate only events which are somehow conceived as notably more commonly associated together in experience or those events which form a culturally important concatenation of events. These events [called here “subevents” — A.A.] are conceived of as a single unitary event.”

deva ser realizada de modo a relacionar os traços semânticos de cada um deles. Dessa forma, sendo uma construção serial o resultado formal de uma maneira de conceitualizar uma cena, e, em termos semântico-gramaticais, a combinação de itens lexicais com o objetivo de representar um único evento, depreendemos disso que ela acontece apenas se for possível a inter-relação dos traços semânticos de cada verbo da construção.

Por outro lado, é inadmissível conceber cada verbo de uma construção serial como representativo de um evento em si, pois isso resultaria numa justaposição de eventos. Todavia, pode haver casos em que o primeiro verbo da série desempenhe uma função gramatical ou discursiva e o segundo verbo carregue o conteúdo central do evento em si. Nesses casos, também não é possível separá-los e classificar a construção como constituída de orações justapostas ou subordinadas, pois o papel gramatical ou discursivo desempenhado pelo primeiro verbo compõe a conceitualização da cena e, uma vez separados esses verbos, resultaria numa outra representação. Assim, concluímos que o significado em uma construção serial é construído a partir da relação de interdependência estabelecida entre os verbos.

Nas palavras de Lord (1974: 196-7), em uma língua serial como o ioruba, 'todos os verbos na construção se referem a subpartes ou aspectos de um único e global evento'. E ainda, num verbo serial 'a ação ou o estado denotados pelo segundo verbo da sentença é, em termos de mundo real, fruto de uma ação denotada pela ação do primeiro verbo da sentença; o segundo verbo representa um estágio posterior do desenvolvimento, uma consequência, o resultado, objetivo ou o auge da ação designada pelo primeiro verbo.'<sup>67</sup> (AIKHENVALD, 2006)

Em termos gerais, o significado é elaborado a partir de domínios cognitivos, que, nas palavras de Langacker (2007: 282), "são chamados para sublinhar os valores prototípicos de certos construtos gramaticais pertencentes à estrutura da oração.

---

<sup>67</sup>“In Lord (1974: 196-7)'s words, in a serializing language such as Yoruba, 'the verbs in the construction all refer to sub-parts or aspects of a single overall event'. In addition, in a serial verb, 'the action or state denoted by the second verb phrase is, in terms of the real world, an outgrowth of the action denoted by the action of the first verb phrase; the second verb phrase represents a further development, a consequence, result, goal, or culmination of the action named by the first verb'.”

Igualmente significativa para a gramática é a estrutura dos eventos (...) em termos de autonomia e dependência conceitual”.<sup>68</sup>

Em termos conceituais, como vimos, há dois modelos (modelo da bola de bilhar e modelo do palco) que caracterizam as relações entre os participantes de uma cena representada em uma oração simples. Tomando como base a noção de que construções seriais têm a estrutura de uma oração simples, como foi previamente demonstrado em termos de restrições prosódicas, por exemplo, podemos adotar esses modelos como representativos também dessas construções.

A elaboração conceitual de uma cena e sua projeção nos modelos supracitados está relacionada também à relação de autonomia ou dependência entre os seus participantes, e é também determinante na construção de uma estrutura oracional. Os componentes de um evento podem ser individualmente dependentes ou autônomos, de acordo com suas propriedades semânticas e gramaticais. Citamos como exemplo, a cena de encher um balão (LANGACKER, 2003). Essa cena pode envolver inicialmente a abertura do equipamento de pressão, a soltura da pressão de ar para dentro do balão, o barulho produzido por esse movimento, o enchimento do balão e, finalmente, uma mudança espacial no objeto balão que passa a ter uma outra dimensão depois que seu interior foi preenchido por ar. Podemos, também, imaginar essa cena sem que seja dada atenção ao som produzido, ou, de forma contrária, enfatizando o som produzido sem mencionar a mudança da dimensão espacial ocorrida no balão. Esses subeventos, então, para terem significado, não pressupõem a presença de um ou de outro em sua concepção conceitual.

Analogamente aos papéis temáticos, as noções de autonomia e dependência são fundamentais para a descrição conceitual das construções seriais, na medida em que a conceitualização do evento que representam pode variar consideravelmente entre as línguas seriais e, conseqüentemente, as relações gramaticais entre os verbos seriais/complexos também. A definição da autonomia conceitual e das relações pode ser realizada por dois caminhos: a) refletir sobre a organização intrínseca de concepções de evento; e b) ter uma base experimental para que se verifique se realmente o elemento em questão ocorre de forma independente. (LANGACKER, 2003: 289).

---

<sup>68</sup> “(...) are claimed to underlie the prototypical values of certain grammatical constructs pertaining to clause structure. Grammatically significant as well is the structure of events (...) in terms of conceptual autonomy and dependence”.



Acrescentamos uma paráfrase feita por Langacker (2003) que ilustra o que foi discutido e auxilia na compreensão das construções seriais: séries verbais podem ser comparadas conceitualmente a um átomo, compacto, que, ao mesmo tempo, é formado por microscópicas partículas que, individualmente, têm suas propriedades, mas que devem estar juntas para que seja possível a existência desse átomo.

Na seção seguinte, apresentaremos os preceitos teóricos da Gramática de Construções, que nos orientará durante a análise dos dados, bem como a Gramática Cognitiva, que acabamos de expor. Em nosso ponto de vista, tanto a Gramática Cognitiva quanto a Gramática de Construções oferecem uma metodologia e um corpo teórico que permitem uma análise “holística” dos dados, que não introduzem limites estanques entre léxico e sintaxe e que investigam a diversidade de fatos das línguas naturais em sua totalidade. Além disso, reservam à significação uma abordagem processual e tratam a composicionalidade como um mecanismo que não se restringe ao léxico, mas que é inerente às construções gramaticais em geral.

### **3.2 PRESSUPOSTOS DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES**

A Gramática de Construções integra um conjunto heterogêneo de teorias denominado Linguística Cognitiva, que tem como princípio estudar as estruturas da língua em articulação aos processos cognitivos humanos. Essa teoria tem como pressuposto que todas as estruturas sintáticas são construções - unidades constituídas de forma e significado. Essa compreensão, porém, não é nova e tem sido o alicerce da maioria dos estudos sobre gramática desde Aristóteles. O que se inova ao longo dos anos é a significação atribuída a esse conceito e o lugar que ele ocupa na nova teoria.

A teoria da gramática transformacional de Chomsky (1957) atribuía papel central às construções, com regras e especificações derivadas de sua forma, minimizando o papel da semântica na constituição das estruturas gramaticais. A natureza da linguagem, para a gramática gerativa, é apreendida de estruturas sintáticas, formais, independentemente de suas funções semânticas e pragmáticas (GOLDBERG, 2003). Como contraponto a essa abordagem, a Gramática de Construções<sup>69</sup> propõe que a

---

<sup>69</sup> A Gramática de Construções integra um conjunto heterogêneo de teorias linguísticas denominado Linguística Cognitiva, que tem como princípio estudar as estruturas da língua em articulação aos processos cognitivos humanos.

gramática de uma língua, resultante de diversos processos mentais, não deve ser compreendida se forem consideradas periféricas suas funções semânticas e pragmáticas, e que a sintaxe não é o módulo central da língua. A partir dessa perspectiva surge espaço para a análise de expressões idiossincráticas que não se encaixavam em regras semânticas e gramaticais regulares e que, por isso, eram consideradas periféricas à gramática da língua. Nessa nova abordagem, destaca-se o estudo de Fillmore (1988) sobre expressões idiomáticas do inglês, no qual o autor observa que essas construções são altamente estruturadas e que há certa regularidade em seu funcionamento<sup>70</sup>. Propõe, assim, haver uma interação entre esse tipo de estrutura e as estruturas mais regulares da língua, bem como postula que, num plano geral, elas formam um contínuo no que tange ao grau de regularidade e produtividade que se dá em nível formal ou semântico.

A Gramática de Construções entende que não há limites rígidos entre construções morfológicas e sintáticas, e que as relações entre elas são feitas por meio de uma rede de traços e *links* semânticos que as aproximam. A hipótese central da teoria é de que a gramática de uma língua é representada por meio dessa rede de traços e que não há uma diferença fundamental entre léxico e sintaxe, na medida em que todas as unidades linguísticas são constituídas por propriedades fonológicas, semânticas e sintáticas. Por conseguinte, esses módulos não são vistos como independentes e a diferença entre eles se dá apenas em termos de complexidade e esquematicidade. Podemos perceber esse *continuum* entre léxico e sintaxe quando visualizamos construções com alto grau de esquematicidade, como as estruturas argumentais transitivas, por exemplo; construções menos esquemáticas, como um nome, por exemplo, e assim sucessivamente, identificando entre elas uma hierarquia esquemática e a ausência de limites claros. Construções gramaticais e lexicais diferem em complexidade interna e na extensão de sua forma, mas ambas constituem-se como pares de significado e forma.

A construção do significado não é mais entendida em termos de polissemia lexical, e sim de polissemia construcional, uma vez que não se circunscreve uma hierarquia entre os módulos da língua, não há um item lexical central em uma construção que seja responsável por projetar o significado e a estrutura argumental da

---

<sup>70</sup> Ver Fillmore C.; Kay, P.; O'Connor, M. 1988. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of "Let alone". *Language* 64(3): 501-538.

construção. Tomemos, para ilustrar, um exemplo de Goldberg (1995 apud Broccias s/d) sobre o verbo *slice*.

- a. He sliced the bread. ‘Ele fatiou o pão’ (transitivo)
- b. Pat sliced the carrots into the salad. ‘Pat fatiou as cenouras na salada’ (causa-movimento)
- c. Pat sliced Chris a piece of pie. ‘Pat fatiou um pedaço de torta’ (bitransitivo)
- d. Emeril sliced and diced his way to stardom. ‘Emeril trilhou seu caminho para o estrelato’ (construção do tipo *way*)
- e. Pat sliced the box open. ‘Pat abriu a caixa cortando’ (resultativo)

A Gramática de Construções não considera sentidos diferentes para o verbo *slice* a partir das diferentes construções sintáticas em que esse verbo pode se apresentar. Ao contrário, postula que esse verbo tenha um significado de base (“cut with a sharp instrument” ‘cortar com um instrumento afiado’) que se combina com construções sintáticas diversas devido às possibilidades de interação entre o sentido de cada construção e o sentido básico do verbo. Nessa concepção de gramática, é inadequada a determinação de que o léxico é central para a sintaxe, no sentido de ser o projetor da estrutura argumental dessa construção. Por outro lado, o que se postula na Gramática de Construções é que a língua possui um inventário estruturado de construções não preenchidas lexicamente, que podem gerar outras construções de sentidos correlatos e que formam o conhecimento do falante sobre as convenções de sua língua. O sentido central de cada construção está associado às cenas relevantes à experiência humana, tais como, alguém transferindo algo a alguém, alguém fazendo algo se mover ou mudar de estado, alguém experienciando algo, alguém mudando de estado ou de lugar, entre outras cenas. De acordo com essa teoria, a projeção de cenas concebidas cognitivamente pelos seres humanos realiza-se na língua por meio de construções.

É necessário fazer aqui uma observação. Itens lexicais são constituídos por uma gama de traços semânticos, não-discretos, que caracterizam minúcias de seu significado, projetando-os como unidades simbólicas multifacetadas e não nucleares. Considerando, então, que não há fronteiras claramente definidoras de itens lexicais, a sua adesão a uma determinada construção justifica-se pela identificação de um ou mais traços semânticos e gramaticais com as propriedades da própria construção. O item lexical, no entanto, quando preenche uma estrutura que não é a que aporta o seu significado de base,

adquire um novo significado, podendo, assim, se encaixar, num momento posterior, em outra construção, e assim sucessivamente. A adaptação a uma nova construção não tem como pressuposto que o item lexical aporte seu significado mais prototípico.

Um das críticas feitas pela Gramática de Construções a respeito de uma abordagem centrada totalmente no léxico é a de que, dessa maneira, há o risco de se atribuir menos valor ao sentido intrínseco das construções e mais valor ao léxico. Tal abordagem confere proeminência ao léxico, colocando em segundo plano as construções sintáticas. Contudo, um enfoque que não considere a propriedade de mudança de itens lexicais não nos parece vantajoso. Consideramos que um item lexical se adapta a uma determinada construção não porque adquire um novo valor, mas porque põe em primeiro plano um dos traços componentes que, em uma construção distinta, ficasse em segundo plano. Podemos também utilizar a noção de escopo máximo e escopo imediato da GC para analisar tais casos, considerando que o “novo” significado, na construção, seja representativo do escopo imediato incutido no escopo máximo de um item lexical em seu sentido de base.

Nesse sentido, Broccias (s/d) argumenta que:

Não há nenhuma força que obrigue, em um modelo cognitivo de linguagem, a assumir (a) que o significado das palavras (ou construções) deva ser reservado ao mínimo (ou vice-versa), (b) que o significado das palavras possa claramente ser separado do significado da construção e (c) que (supostamente) diferentes significados lexicais, ou (supostamente) diferentes significados construcionais para esse caso, possam ser isolados um do outro de maneira clara.<sup>71</sup>

A Gramática de Construções, portanto, está centrada na análise da rede de motivações e herança<sup>72</sup> que originam novas construções e pretende estabelecer quais as prováveis classes de conexão entre elas.

---

<sup>71</sup> “There is no compelling reason, within a cognitive model of language, to assume (a) that word meanings (vs. constructions) should be kept at a minimum (or vice versa), (b) that word meanings can neatly be separated from constructional meanings and (c) that (allegedly) different lexical meanings, or (allegedly) different constructional meanings for that matter, can be isolated from one another in clear-cut fashion.”

<sup>72</sup> Esse conceito será aprofundado no próximo item.

### **3.2.1 Organização da língua e princípios psicológicos**

Alguns princípios psicológicos já integrados às abordagens funcionalistas também integram as concepções da Gramática de Construções. São eles: princípio da motivação maximizada, princípio da não sinonímia, princípio do poder expressivo maximizado, princípio da máxima economia.

Pelo princípio da motivação maximizada entende-se que, se uma construção A é motivada por uma construção B, a relação entre elas é motivada semanticamente e de forma maximizada. A não sinonímia pressupõe que duas construções distintas sintaticamente também o são pragmática e semanticamente. Pelo princípio do poder expressivo maximizado, postula-se que as construções existem e são produzidas a partir de necessidades comunicativas. O princípio da economia pressupõe que o número de construções de uma língua é minimizado tanto quanto for possível.

Tais princípios são não excludentes e capturam as generalizações entre as construções, bem como permitem a existência de irregularidades e de exceções (GOLDBERG, 1995: 67)

### **3.2.2 Construções, motivação e herança**

Generalizações e simplificações são funções necessárias à linguagem humana uma vez que nossas capacidades cognitivas são limitadas. Dessa forma, não somos capazes de dar nomes distintos a tudo o que conhecemos, nem viver experiências novas sem relacioná-las a outras anteriores. Relacionamo-nos com o mundo e o compreendemos por meio de relações que estabelecemos entre o que já conhecemos e o que é novo.

Uma nova informação é mais facilmente assimilada se analisada como variação de outra informação já conhecida (cf. GOLDBERG, 1995). Os links que se estabelecem entre tudo o que é novo e tudo o que já é conhecido vão formando redes semânticas e um sistema que assimila o novo ao velho tanto quanto for possível. Nesse sentido, o que já está incorporado ao sistema atua como motivação para a compreensão da informação nova que, na verdade, é apenas uma informação desconhecida por aquele falante ou pela gramática daquela língua, uma vez que tudo o que é novo é motivado por algo ou alguma construção já assimilada e possui algum link semântico com essa estrutura já conhecida. Sobre isso, Lakoff diz que “(...) quanto mais as propriedades de uma dada

categoria são redundantes, mais ela é motivada e melhor se encaixa no sistema como um todo”.<sup>73</sup> (1987 apud GOLDBERG 1995: 70)

No que tange às construções, entendidas como pares de forma e significado que representam o conhecimento linguístico, podemos dizer que, de acordo com a Gramática de Construções, elas formam um inventário estruturado que constitui a gramática da língua. Nesse inventário, as construções se relacionam por meio de uma similaridade formal ou semântica - não sendo, portanto, independentes umas das outras - denominada nessa teoria de ligação hereditária (*inheritance links*<sup>74</sup>). Essa herança pode ser de diversos tipos: polissêmica, relação entre subpartes, de instanciação e metafórica.

### 3.2.2.1 Polissemia

Esse tipo de herança apreende a relação semântica entre um significado particular de uma construção e qualquer extensão desse significado. Cada mínima extensão desse sentido central constitui uma nova construção, e as relações semânticas entre elas são representadas por links denominados Lp (*links* de polissemia). As informações sintáticas também são herdadas do significado central da construção. Consideremos a construção central bitransitiva e uma de suas extensões no inglês:

- 1) X faz Y receber Z. *Joe gave Sally the ball.* ‘Joe deu a bola a Sally’
- 2) X pretende fazer Y receber Z. *Joe baked Bob a cake.* ‘Joe fez um bolo para Bob’

As construções acima têm estruturas sintáticas similares, mas os itens que preenchem as posições verbais atribuem papéis semânticos distintos a seus participantes. No exemplo 1, Sally tem papel de recipiente de uma ação executada pelo sujeito. Em 2, Bob é o termo que se beneficia de uma ação realizada por um agente. A existência da construção 2 é herdada da construção central representada no exemplo 1.

### 3.2.2.2 Relações entre subpartes (Ls)

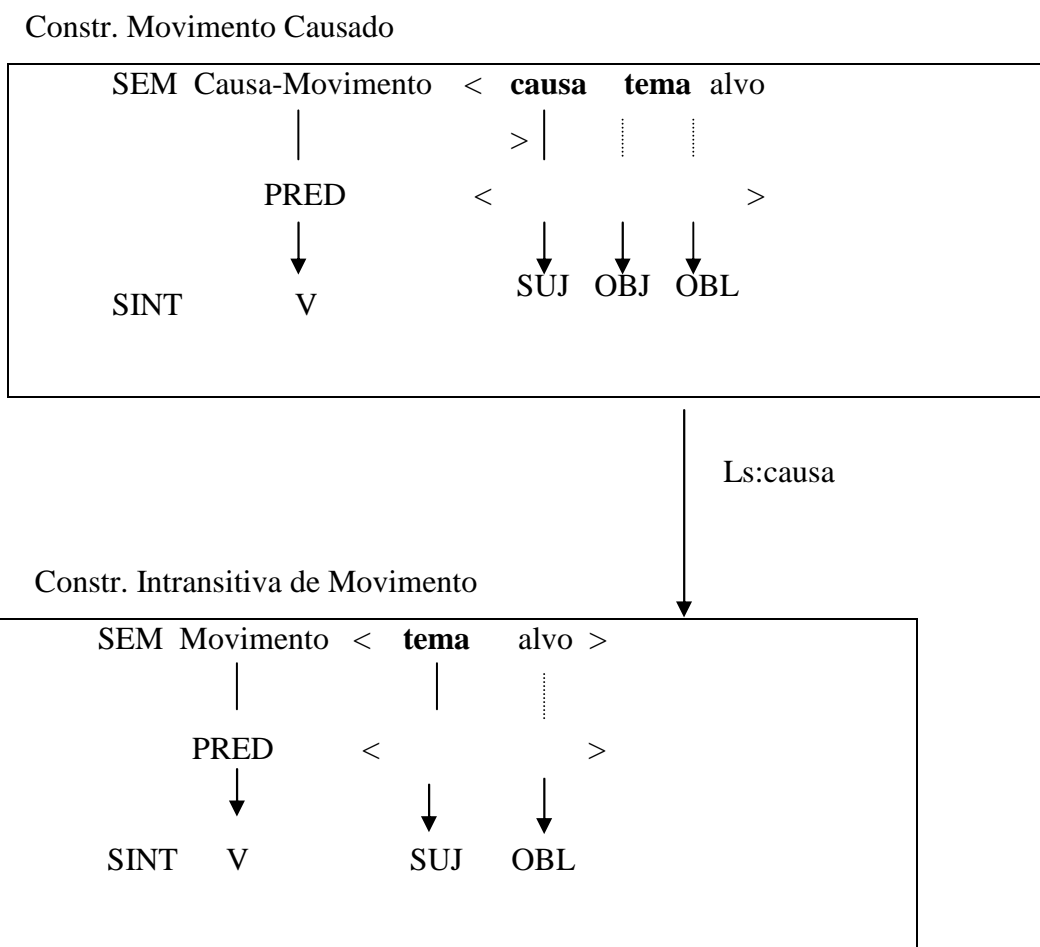
Nesse tipo de herança, encaixam-se construções formadas de uma subparte de outra construção já existente. Como exemplo, Goldberg (1995) cita a relação entre

---

<sup>73</sup> “(...) the more the properties of a given category are redundant, the more it is motivated and the better it fits into the system as a whole”.

<sup>74</sup> Para detalhes sobre os tipos de ligações hereditárias, ver Goldberg, 1995.

construções intransitivas de movimento e construções de movimento causado. A seguir, um diagrama representativo dessa relação entre subpartes.



### 3.2.2.3 Instanciação (Li)

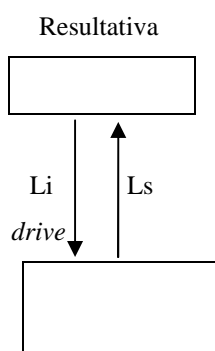
Se uma construção constitui-se como um caso especial de outra construção, ou uma versão mais completa, diz-se que há um *link* de instanciação entre elas. Segundo a autora, “itens lexicais particulares que ocorrem apenas em construções particulares são instâncias dessa construção, uma vez que herdam lexicalmente a sintaxe e a semântica associadas a essa construção”.<sup>75</sup> (1995: 79) O exemplo a seguir ilustra um caso de construções ligadas por *links* de instanciação.

*Chris drove Pat crazy.* ‘Chris deixou Pat louco’

<sup>75</sup> “(...) particular lexical items which only occur in a particular construction are instances of that construction since they lexically inherit the syntax and semantics associated with the construction”.

Nesse exemplo, a semântica do verbo *drive* é classificada como uma instância da semântica de CAUSAR-TORNAR, própria de construções resultativas. Nessa construção, porém, temos também uma relação de herança de subpartes, na medida em que a construção do verbo *drive* é uma subparte de uma construção resultativa. Dessa forma, temos dois gêneros de herança prevalecendo na construção acima e na construção que a originou.

(GOLDBERG, 1995: 80)



### 3.2.2.4 Metáfora

Nesses casos incluem-se as construções que se relacionam a outras por meio de um mapeamento metafórico. A metáfora é, então, o mecanismo cognitivo que permite à construção de origem ser mapeada na construção dela derivada. Como exemplo, a autora cita:

- a) *Pat hammered the metal flat*. ‘Pat achatou o metal com o martelo’
- b) *Pat threw the metal off the table*. ‘Pat jogou o metal para fora da mesa’

O exemplo (a) é analisado pela autora como uma extensão metafórica do sentido de movimento veiculado pela construção de origem. A construção derivada (a) apresenta-se como uma estrutura de valor resultativo originada de uma construção de movimento-causado. O resultado da construção, expresso pelo termo *flat*, é interpretado como o objetivo da construção, ou do movimento realizado pelo agente, assim como *off the table* é o próprio objetivo do movimento na construção (b). Dada a conexão metafórica entre movimento e mudança de estado, construções resultativas acarretam o sentido de “X causa Y tornar-se Z” (cf. Goldberg, 1995: 84).

Para finalizar, acrescentamos que estudos comparativos entre línguas são possíveis por meio da Gramática de Construções a partir da análise dos mapas



semânticos que subjazem essas construções e quais construções são mais recorrentes entre as línguas.

Uma forte questão por trás de muitas pesquisas linguísticas é qual é a tipologia de possíveis construções e o que a restringe? Abordagens construcionistas sempre caem em explicações gramaticais-externas, como forças funcionais universais, princípios icônicos e regras de aprendizagem e processamento para explicar tais generalizações entre as línguas empiricamente observáveis.<sup>76</sup> (GOLDBERG, 2003: 222)

### 3.2.3. Verbos e construções

A abordagem da Gramática de Construções postula que construções sintáticas já carregam significado em si, independentemente dos itens lexicais que as constituem. Essa premissa não visa, no entanto, anular o valor semântico do léxico nas construções sintáticas, mas aponta para um caminho de duas vias, em que operam tanto o próprio sentido da construção quanto o sentido dos itens lexicais.

Construções sintáticas são constituídas de outras construções menores, que, conseqüentemente, já trazem em si um significado, uma vez que se entende que toda construção seja uma instância de forma e significado. O conhecimento de mundo do falante é necessário para que seja delimitado o conteúdo semântico dos itens lexicais (construções, ou pares de forma e significado) que, por sua vez, se encaixam em construções sintáticas que pressupõem uma relação de significado entre os seus termos componentes.

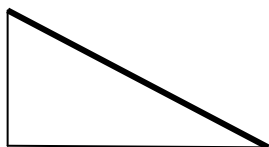
No que tange aos verbos, sob a perspectiva da Gramática de Construções, a cena por eles descrita envolve papéis participantes que determinam as entidades envolvidas em sua rede semântica. A estrutura interna dessa rede semântica, portanto, caracteriza-se por uma complexidade definida principalmente por um conhecimento que serve de apoio a um aspecto colocado em destaque para definir um determinado item lexical. Dessa maneira, o significado de itens lexicais se forma numa relação de projeção de primeiro e segundo plano (ou figura e fundo) dos componentes semânticos que o compõem. As diferenças, portanto, entre as projeções refletem a distribuição de nossa atenção (cf. Talmy, 2000) a um aspecto específico, bem como nossa capacidade

---

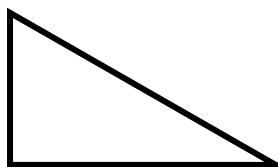
<sup>76</sup> “A driving question behind much of linguistic research is what is the typology of possible constructions and what constrains it? Constructionist approaches often turn to grammar-external explanations such as universal functional pressures, iconic principles, and processing and learning constraints to explain such empirically observable cross-linguistic generalizations.”

cognitiva de relacionar as informações de nosso conhecimento de mundo. Langacker (apud Goldberg, 1995: 26) nos dá como exemplo os termos HIPOTENUSA e TRIÂNGULO, correspondentes a uma mesma base semântica, mas que designam diferentes aspectos:

HIPOTENUSA



TRIÂNGULO



De forma absoluta, então, ou isolados, fora de uma construção sintática, os itens verbais revelam uma gama de aspectos que os compõem e a sua relação de projeção. Na medida em que integram uma construção sintática, estabelecem com ela a seleção dos aspectos que serão mais adequadamente encaixados ao seu significado. Assim como os itens lexicais, as construções sintáticas, de acordo com Goldberg (1995), determinam papéis construcionais que, por sua vez, acabam por selecionar os tipos de verbos que neles irão se encaixar e a maneira como o evento designado pelo verbo irá se adequar ao evento designado pela construção. Os diversos verbos aptos a integrar uma mesma construção geram casos de polissemia construcional e levam ao reconhecimento de um significado central para uma construção. Além disso, a polissemia construcional propicia o reconhecimento de que a modificação ocorre no processo gramatical instanciado pela construção, permitindo que outros itens lexicais nela se encaixem e protagonizem o mesmo processo de mudança de sentido.

O significado central de uma construção designa cenas humanas básicas, concretas, como levar algo de um lugar a outro, dar algo a alguém, fazer algo, entre outras, e não requer habilidades cognitivas que relacionem de forma abstrata tais cenas a um significado. A inserção de um verbo numa construção demanda uma adequação regulada por princípios que a tornem possível, denominados por Goldberg (1995:51) de *princípio de coerência semântica* e *princípio de correspondência*, descritos a seguir:

- a) *princípio de coerência semântica*: apenas papéis compatíveis em termos semânticos podem ser fundidos. O verbo BRIGAR pede um participante que realize a ação designada pelo verbo; esse papel participante se funde com o papel de agente de uma construção bitransitiva, o que permite a inserção desse verbo nesse tipo de construção. Dessa forma, o papel daquele que briga pode ser instanciado como exemplo do papel de agente.

- b) *princípio da correspondência*: cada papel designado lexicalmente deve obter um correspondente na estrutura sintática que integrar. Portanto, é preciso haver uma similitude entre o que designa o item lexical e a construção, indicativo de que a elaboração do significado não é aleatória.

Esses princípios são indicativos de que a inserção de um item lexical numa estrutura sintática pressupõe um domínio prévio da rede semântica do item em questão, bem como dos papéis semânticos que a construção atribui a cada um de seus integrantes.

Goldberg também salienta que em alguns casos a construção pode contribuir com a adunção de um papel semântico não requerido pelo verbo. No caso do item CHUTAR, a autora aponta que os argumentos selecionados pelo verbo são de um chutador e algo que é chutado. Nesse caso, o termo que recebe o elemento chutado é o recipiente, e é determinado pela sintaxe da construção bitransitiva:

Bitransitiva (ag/pac/rec) + CHUTAR (chutador/chutado)

João *chuta a bola* para o *Pedro*.

O argumento *chutador* associa-se ao papel de agente, determinado pela construção; por sua vez, o elemento *chutado* é associado ao papel de paciente. O papel de recipiente é designado pela construção, e não pelo verbo, e a sua combinação com o verbo, que requer apenas um argumento interno, propicia a elaboração de enunciados como o apresentado acima. É necessário observar nesse caso que, apesar de o papel de recipiente ser designado pela construção, e não pelo verbo em si, esse verbo permite essa associação sem que seu conteúdo semântico seja modificado, já que o acréscimo da informação do destino do elemento afetado pela ação do agente não altera o ato de chutar. Há, porém, verbos que, da mesma forma, permitem essa associação, mas acabam por ter seu conteúdo modificado, com é o caso do verbo *sneeze*, do inglês. Prototipicamente, esse verbo não requer nenhum argumento interno, mas, quando incluído numa construção de movimento causado, pode receber um argumento no papel de tema e um adjunto no papel de alvo, como no exemplo (Goldberg, 1995: 55):

*He sneezed the napkin off the table.* ‘Ele jogou o guardanapo para fora da mesa’

A estrutura acima mostra que, por um mecanismo metafórico, o verbo foi empregado num contexto semântico dessemelhante ao de seu conteúdo mais básico. Diferentemente do que aconteceu no exemplo com o verbo CHUTAR, pois ali o verbo manteve seu valor semântico originário, apesar da inclusão de um novo participante na cena descrita. Dessa maneira, nos contextos em que a construção contribui com a introdução de um papel que não corresponde aos papéis participantes associados diretamente ao verbo podemos ter ou não mudança no sentido desse verbo. Esse aspecto não nos parece ter sido salientado pela autora.

O significado de uma construção sintática é constante, assim como o significado do verbo. A variação está sedimentada na relação que se estabelece entre o sentido do verbo e o da construção - R-relação. A autora ressalta que a semântica de uma construção está agregada a um *frame* semântico, e que o verbo integrante dessa construção deverá designar algum aspecto nela saliente, indicando uma ligação profunda entre esse item e a construção.

Para finalizar, acrescentamos uma importante observação sobre a característica de compartilhar papéis semânticos e de argumento. É condição necessária que o verbo compartilhe ao menos um papel participante com os papéis de argumento da construção, visto que não é permitido à construção contribuir com todos os papéis de argumento. Essa condição será observada na análise das construções seriais na medida em que pelo menos um dos argumentos do verbo que designa propriamente o evento descrito deverá corresponder a um dos papéis semânticos designados pela construção.

### **3.2.4 Limites entre léxico e sintaxe**

Sob a abordagem dessa teoria, não há limites entre sintaxe, léxico, morfologia, pragmática e semântica. Esses níveis se inter-relacionam para compor o significado de uma expressão ou de um enunciado linguístico. Opondo-se a uma análise lexicalista, a gramática de construções propõe que o léxico não esteja na base da elaboração dos significados, mas que seja apenas um de seus componentes.

A ideia de que as construções sintáticas já sejam carregadas de algum significado se apoia na concepção de economia linguística na medida em que não se postulam mais diversos sentidos a um único lexical, mas atribui-se a um mecanismo sintático o caráter de estopim a uma rede de novos significados. Assim, essa questão é entendida como um caso de polissemia construcional resultante da relação entre a

própria construção e os seus termos componentes. Nessa perspectiva, o significado de uma construção não está absolutamente nela nem nos itens lexicais isolados que a compõem. Nas palavras de Salomão (VEREDAS, p. 68) “(...) ao invés de aplicar a cada predicado uma regra que ampliaria a representação lexical (de modo paradoxalmente idiossincrático e previsível), postula-se uma configuração sintática, que será utilizada virtualmente para qualquer predicado (...)”. Podemos, então, comparar a língua a um organismo complexo, constituído de diversos micro-organismos que, por sua vez, também se constituem de outros micro-organismos, e assim sucessivamente até a sua menor unidade de forma e significado. Nenhum desses micro-organismos traz em si o sentido global do organismo, pois somente de forma relacional é que o significado se produz.

Admite-se, portanto, que a polissemia seja resultante dessa relação e estaria regulada por mecanismos de motivação e herança; cada nova construção (e, conseqüentemente, cada novo sentido) ligar-se-ia a outra construção por meio de traços herdados, de onde se depreende que, se A motiva B, invariavelmente B irá conter algum elemento presente em A. Nesse modelo, nenhuma informação contida na estrutura originada (B) deverá ser conflitante com a informação veiculada pela estrutura original (A), mas (B) poderá ter alguma informação independente.

Por trás das concepções dessa teoria está também a noção de que o conhecimento linguístico não está desvinculado do conhecimento de mundo. Numa circunstância comunicativa, existe um suporte cognitivo que orienta os interlocutores a construir os seus enunciados, instanciados por experiências sensório-motoras registradas em esquemas imagéticos que contribuem para a elaboração das estruturas da língua. A capacidade humana da linguagem está caucada nos diversos mecanismos do aparato cognitivo, que nos permite experienciar o mundo e construir significado. Essa capacidade linguística não se diferencia de nenhuma outra habilidade cognitiva humana, constituindo-se como uma parte integrante de nosso potencial de representação mental.

A análise de construções seriais por meio desse suporte teórico permite visualizar tais construções também como estruturas dotadas de significado e que estabelecem com seus itens componentes uma relação que dará origem a um novo sentido. Considerando que nessas construções alguns verbos podem minimizar, naquele contexto, algumas de suas propriedades gramaticais e adquirir outras, a abordagem da gramática de construções propicia uma análise desses termos relacionada diretamente ao significado da estrutura que integram. Dessa forma, tais itens adquirem novo significado

e função na relação com a própria construção, e não de forma independente e desvinculada. Não são atribuídos, portanto, novos sentidos a esses verbos, mas são verificados mecanismos sintáticos que permitem tal adaptação.

Alguns verbos, num mecanismo de serialização, mantêm o seu significado como um suporte para o entendimento da cena principal descrita. Têm caráter secundário, ou de fundo, mas integram a cena como uma de suas etapas. No entanto, uma característica primordial de construções seriais é a de descrever um ÚNICO evento, o que leva o interlocutor a direcionar a sua atenção para o verbo núcleo da construção. É o caso do verbo PEGAR – no baulê, **fa** – que na maioria das vezes aparece em posição inicial na estrutura e indica metaforicamente o ato de pegar, ou de tomar uma iniciativa. Nesses casos, esse verbo não deve ser analisado como um verbo pleno, representativo da cena principal e focalizado em primeiro plano, mas sim como um verbo de apoio, de fundo ou segundo plano, que representa um momento da cena que não é descrito como essencial.

A leitura, portanto, que se faz da construção leva em conta o conhecimento de mundo do falante associado ao seu conhecimento linguístico, aos recursos de que dispõe para elaborar um enunciado e ao entendimento de que o seu interlocutor, se compartilhar do mesmo código, irá depreender sentido do discurso por ele pronunciado. Ainda no que tange às construções seriais, observamos que o mesmo verbo pode ter função e significado diferentes dependendo da posição que ocupar na estrutura. Não seria plausível supor que tais verbos tivessem múltiplos sentidos, mas sim que o caminho para a sua interpretação seja dado parte por ele mesmo e parte pela estrutura que integra. É, portanto, um percurso interpretativo complementar de dois rumos: do léxico para a sintaxe e da sintaxe para o léxico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, trouxemos nossa leitura dos pontos basilares das perspectivas teóricas adotadas nesta pesquisa, visando apresentar ao leitor os pressupostos que nortearão a análise realizada neste trabalho. As duas abordagens selecionadas foram utilizadas de forma complementar, na medida em que ambas procuram analisar os enunciados linguísticos sob um ponto de vista que, dentro do que pressupõe a Linguística Cognitiva, ou seja, apoiando-se invariavelmente na premissa de que a língua não é um módulo cognitivo independente e o processo de significação linguístico é precedido por mecanismos cognitivos, dá luz às construções gramaticais e as considera, assim como considera todas as construções linguísticas, pares simbólicos de forma e significado.

Dessa maneira, pudemos, ou ao menos tentamos, em nossa investigação, observar os dados tendo como filtro as premissas aqui discutidas para que o entendimento do que são construções seriais recebesse a contribuição de um viés analítico que não se limita a observar apenas as propriedades formais de tais construções.

## CAPÍTULO 4

### DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Um dos pontos da problemática que se instaura sobre construções seriais concerne à sua classificação como coordenação ou serialização. Devido à semelhança entre a estrutura sintática de uma construção coordenada e de construção uma serial, há certa discordância na classificação estabelecida por pesquisadores desse tema em baulê (LARSON, 2005; KOUADIO & CREISSELS, 1977; KOUADIO, 2000). Nossa proposta se firma sobre a hipótese de que estruturas como as apresentadas logo abaixo sejam exemplos de serialização e sua análise deva estar pautada no conjunto de suas propriedades semânticas e formais, visto que uma análise que se limitasse a verificar apenas o nível estrutural resultaria em prováveis conclusões contestáveis. Observemos os exemplos abaixo<sup>77</sup>:

(1)

S		V1	O	V2	O
sràn	kùn	kàn	nāwlè	klē	mì
ser humano	DET-PL	falar	verdade	mostrar	1Os

‘Os seres humanos me contam a verdade’

(2)

S	V1	V2	O				
ō	fá	nùnú	kùn	wún	a	wún	i
Ele	pegar	limpar	INDET.	corpo	you	ver	isso

‘Ele limpa uma (fruta), viu?’

Na descrição do baulê realizada por Creissels & Kouadio (1977), os autores reconhecem que, nessa língua, talvez mais que em outras, construções seriais se assemelham formalmente à justaposição de proposições.

<sup>77</sup> Os exemplos a seguir fazem parte do corpus de análise e foram coletados, transcritos e traduzidos pela pesquisadora.

<sup>78</sup> Esse é um termo geral empregado para designar genericamente tudo o que estiver relacionado à noção de corpo, superfície de algo, pele entre outros.



Utilizamos o termo ‘série verbal’ para uma construção cujo funcionamento é idêntico ao de séries verbais nas línguas em que essa noção já foi reconhecida, mas que se distingue pouco do ponto de vista formal: a série verbal do baulê é, com efeito, relativamente mais próxima formalmente da justaposição de proposição que a série verbal de outras línguas<sup>79</sup>.

Essa foi a primeira descrição do baulê e, no que se refere às construções seriais nessa língua, aponta para um problema acima de tudo delicado: nessa língua, tais construções não compõem uma categoria verdadeiramente homogênea e sua semelhança com sentenças justapostas é maior do que na maioria das línguas seriais (cf. CREISSELS & KOUADIO, 1977: 417). Assim, na tentativa de identificar as características dessas construções em baulê, alguns critérios foram estabelecidos pelos autores (cf. CREISSELS & KOUADIO, op.cit.):

- são radicais verbais sucessivos, não separados por uma conjunção ou mudança de entonação;
- o sujeito deve obrigatoriamente ser expresso junto ao primeiro termo da série; a sua repetição diante dos outros verbos é facultativa;
- cada termo da série pode vir seguido de sua própria expansão<sup>80</sup>;
- cada termo pode receber afixos de valores gramaticais (tempo, modo aspecto), mas as marcas devem ser as mesmas para cada um e devem afetar globalmente a construção.

Vejamos um exemplo:

(3)

ò fà ákò klè mí

3Ssg pegar frango mostrar 1Osg

‘Ele mostra o frango para mim’

---

<sup>79</sup> “Nous utilisons le terme ‘série verbale’ pour une construction qui fonctionnellement est tout à fait identique aux séries verbales des langues dans lesquelles cette notion a été jusqu’ici reconnue, mais qui s’en distingue quelque peu du point de vue formel: la série verbale du baoulé est en effet relativement plus proche formellement de la justaposition de proposition que la série verbale d’autres langues.”

<sup>80</sup> De acordo com esses autores, expansão é o constituinte sintático cuja função está diretamente ligada ao sentido do verbo, e cuja localização, relativa ao radical do verbo, está ligada a sua função (cf. CREISSELS & KOUADIO, 1977).

Nesse exemplo, depreendem-se muitas características elencadas por Creissels & Kouadio (1977): uma sequência de verbos sem conectivos; sujeito único, expresso apenas diante do primeiro verbo; verbos seguidos de sua própria expansão; marca gramatical afetando a construção por completo (morfema zero indicativo de aspecto imperfectivo). No entanto, a observação das propriedades formais pode levar à classificação do enunciado acima como uma coordenada sem conectivo com o significado de “Ele pega o frango e mostra para mim”, uma vez que o verbo *fa* ‘pegar’ está seguido de sua expansão e, portanto, apresenta propriedades morfológicas de verbo pleno. Comparemos o enunciado (3) acima com o enunciado (4)<sup>81</sup> a seguir:

(4)

ā    sú    fā    wó    swā    n̄    klé    mī

2Ssg PROG pegar dele casa DET mostrar 1Osg

‘Você está mostrando a casa dele para mim’

Aqui o item lexical que deveria cumprir a função sintática de argumento interno do verbo em primeira posição (*fa*) tem características que inviabilizam a sua análise como verbo pleno, uma vez que seria inverossímil pensar que alguém pegaria literalmente uma casa em suas mãos para mostrar para outra pessoa. Dessa forma, é mais aceitável interpretar que o verbo *kle* ‘mostrar’ seja o predicador desse argumento interno. Corroborar essa análise Kouadio (2000: 83):

Nessa série verbal, *fa* funciona como uma ferramenta gramatical cujo papel é simplesmente o de introduzir o objeto de um predicado cujo sentido é inteiramente dado por um outro item verbal (aqui, *man*) com o qual *fa* está em combinação, apesar de, do ponto de vista morfológico, *fa* restar plenamente como um verbo. Pode-se dizer que, nas construções desse tipo, *man* tem por função, enquanto segundo verbo da série, introduzir o beneficiário de

---

<sup>81</sup> Exemplo extraído de Kouadio, 2000: 82.

uma ação cujo objeto constitui sintaticamente o primeiro termo da série.<sup>82</sup>

Assim, partindo da perspectiva de que toda construção linguística é uma unidade simbólica formada de um pólo fonológico e outro semântico e que léxico e sintaxe formam um *continuum*, realizaremos a descrição de construções seriais em baulê por dois caminhos complementares: a) descrever suas propriedades morfossintáticas e semânticas; e b) realizar um mapeamento da representação conceitual de construções seriais em baulê a partir das possibilidades formais de sua realização.

Para a descrição das propriedades morfossintáticas e semânticas, utilizaremos a proposta de Aikhenvald & Dixon (2006), que subdivide as construções seriais em dois grandes grupos: simétricas e assimétricas. Durante esse percurso, abordaremos também a proposta de Larson (2005), que classifica como coordenada do tipo *Empty Subject Constructions* construções em geral entendidas como seriais. Dessa forma, discutiremos a semelhança entre construções seriais e algumas coordenadas sem conectivo em baulê. Para realizar o que está proposto no item b acima, nos guiaremos pelo subsídio teórico da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1998; 2008; 2010) e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995).

#### 4.1. PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES SERIAIS EM BAULÊ

Partimos da premissa de que construções seriais não constituem um recurso sintático homogêneo e suas propriedades formais podem ser semelhantes às de coordenadas sem conectivo. Adotaremos a proposta analítica de Aikhenvald & Dixon (2006), que abrange suas propriedades semânticas e funcionais, e, consoante tal tipologia (ver capítulo 1), subdividiremos as construções seriais em baulê em dois grupos semânticos: **construções simétricas**, nas quais os verbos representam conjuntamente um único evento, seus traços semânticos se inter-relacionam para formar uma composição harmoniosa, obedecem a uma ordem icônica de organização e nenhum

---

<sup>82</sup> “Dans cette série verbale, *fa* fonctionne comme un outil grammatical dont le rôle est simplement d’introduire l’objet d’un prédicat dont le sens est entièrement donné par l’autre lexème verbal (ici *man*) avec lequel *fa* est en combinaison, bien que d’un point de vue morphologique, *fa* reste ici pleinement un verbe. On peut donc dire que, dans les constructions de ce type, *man* a pour fonction, en tant que deuxième verbe d’une série verbale, d’introduire le bénéficiaire d’une action dont l’objet constitue syntaxiquement le premier terme de la série. »

dos seus componentes isoladamente determina as propriedades semânticas ou sintáticas da construção; e **construções assimétricas**, em que um dos verbos aporta o significado principal da construção e o outro verbo tem caráter gramatical ou discursivo.

Essa dicotomia enseja uma averiguação do caráter gramatical dos itens que se apresentam como verbos em construções seriais assimétricas, uma vez que eles nem sempre mantêm todos os atributos dessa categoria. Adotaremos como pressuposto que esses itens lexicais, nessas construções, passam por processos de gramaticalização e, por essa razão, se apresentam ainda como portadores de determinadas propriedades verbais (o que permite que sejam por vezes classificados como verbos), mas com conteúdos semânticos que se acomodaram ao novo contexto de uso. Dessa forma, em decorrência dos traços semânticos que compõem seu significado prototípico, podem adquirir características de verbos funcionais<sup>83</sup>.

#### 4.1.1 Construções seriais assimétricas

Em baulê, construções seriais assimétricas são empregadas para:

- a) introduzir o papel semântico de beneficiário
- b) introduzir o papel de instrumento
- c) indicar o modo de realização de um evento
- d) Indicar uma comparação
- e) Indicar a origem do movimento ou percurso

Analisaremos a seguir cada um dos itens citados

##### a) Papel semântico de beneficiário

Os verbos que se manifestam com mais frequência em construções seriais assimétricas para expressar alguns dos valores relatados acima são *fa* ‘pegar’ e *man* ‘dar’. Vejamos<sup>84</sup>:

(5)

ì    nì    fà    ì    kóndró fà    kété    sú  
Poss. mãe   pegar   poss. cobertor   pegar   cobrir   LOC (por cima)

‘Sua mãe o cobre com seu cobertor’

---

<sup>83</sup> Verbos funcionais são aqueles que não selecionam argumentos nem atribuem papéis temáticos, transferindo essa função para outros constituintes (cf. Castilho, 2010: 396-397).

<sup>84</sup> Exemplo retirado de nosso *corpus* de pesquisa.

Nesse exemplo,  $V_1$  é antecedido por um sintagma nominal que ocupa a posição sintática de sujeito desse verbo e seguido por um argumento interno.  $V_2$ , por sua vez, funcionando como um elo entre o sintagma nominal de valor instrumental, introduzido por  $V_1$ , e o verbo em posição  $V_3$  na construção. De acordo com Kouadio (2000), o verbo *fa* ‘pegar’ em baulê, em posição  $V_1$  numa construção serial exprime valor instrumental ou comitativo, podendo ser traduzido pela preposição COM no português. A cena principal descrita é representada pelo verbo em posição de  $V_3$ , *ketε* ‘cobrir’, proeminente em termos semânticos em relação ao  $V_1$  e  $V_2$ . Os critérios formais que nos levam a analisar esse enunciado como uma construção serial são principalmente os verbos em sequência - sendo  $V_1$  apenas como introdutor de argumento interno e  $V_2$  sem função sintática **aparente** - e a ausência de um pronome sujeito diante do segundo verbo da construção. Esse traço já fora identificado por Kouadio & Creissels (1977: 421) como indicativo de serialização em baulê: “É, aliás, essa possibilidade de não ter o sujeito expresso diante do segundo termo que distingue formalmente, em baulê, a série verbal da justaposição de duas proposições.”<sup>85</sup>

Nessa definição, os autores estabelecem que a possibilidade de omitir o pronome sujeito eventualmente diante do segundo verbo da construção seria um traço característico da serialização, e não de uma coordenação. Em estudo mais recente, Kouadio (2000) reconsidera essa propriedade e demonstra que esse critério não diferencia uma construção serial de uma coordenada sem conectivo, uma vez que na coordenação também é possível omitir o sujeito diante do segundo verbo nos casos em que o sujeito for o mesmo do primeiro verbo.

Sebba (1987: 167) analisou casos semelhantes aos do exemplo (5) em anhi-baulê<sup>86</sup> e classificou verbos como *fa* de *dummy verbs*, justificando que “nesse caso, *fa-2* não tem marcas de pessoa ou de tempo (...); seu comportamento é mais o de um formativo gramatical que o de um verdadeiro verbo”.<sup>87</sup> Pelos exemplos observados no *corpus*, no entanto, verificou-se que, numa construção serial, ao adquirir outra função que não propriamente a de verbo pleno, o item lexical mantém determinados traços semânticos de seu significado original de verbo pleno e, por meio de um processo

---

<sup>85</sup> “C’est d’ailleurs cette possibilité de ne pas avoir du tout de sujet exprimé devant le deuxième terme qui distingue formellement en baulé la série verbale de la juxtaposition de deux propositions.”

<sup>86</sup> O autor considera anhi uma língua variante do baulê.

<sup>87</sup> “In this case *fa-2* does not take tense or person marking (...); its behaviour is that of a grammatical formative rather than a true verb.”

metafórico, adéqua-se ao novo contexto. Todavia, esses verbos continuam a ser empregados como verbo pleno em construções não-seriais. Observemos o exemplo (6):

- (6)
- ò    **yo**-lī            swā   ngà    **mān**-nī    mī
- 3Ss **fazer**-PERF   casa   DEM   **dar**-PERF   1Os
- ‘Ele fez esta casa para mim.’

Construções com o verbo *dar* em segunda posição são comumente atestadas em línguas seriais. Nesses casos, esse item lexical não funciona como verbo pleno, mas como verbo funcional, introduzindo o termo que recebe do verbo principal da construção o papel semântico de beneficiário. Traços semânticos desse verbo – tais como indicar um processo (+télico; +dinâmico; -durativo) envolvendo os papéis semânticos de agente, tema e beneficiário – possibilitam que ele seja empregado nessa função. O fato de esse verbo, quando empregado em construções simples, envolver na relação semântica entre seus argumentos um participante de papel beneficiário proporcionou o seu emprego em construções seriais como a do exemplo acima.

No exemplo (6), os verbos carregam as mesmas marcas de aspecto, possuem um sujeito em comum, expresso apenas junto ao V<sub>1</sub> e compartilham o argumento interno. Contudo, apesar de o verbo em posição V<sub>2</sub> ter características de verbo (portar índice aspectual e ocupar posição verbal), a leitura que se faz da construção nos mostra que ele é um verbo funcional que liga os argumentos selecionados pelo verbo *yo* ‘fazer’.

É necessário retomar aqui alguns traços considerados prototípicos ao papel de beneficiário (SILVA, 1999 APUD KEWITZ, 2007): participante ativo que pode: (i) interagir com o objeto da transferência, (ii) reagir a esse objeto e (iii) exercer controle sobre ele ou manipulá-lo. No caso acima, o item lexical *man* representa a transferência material no domínio de controle de um objeto para um beneficiário.

Baulê é uma língua que não faz uso de preposições em algumas construções, indicando as relações entre os argumentos, em sintagmas de um único verbo, pelo seu ordenamento em relação ao verbo, a saber: [S V OI OD], como se observa no exemplo a seguir:

(7)

ì **mān-nī** mì swā kùn

3Ss **dar**-PERF 1Os casa INDEF

‘Ele deu uma casa para mim’

O fato de um verbo ser utilizado em construções seriais não impossibilita o seu uso em construções simples, como atesta o exemplo (7) acima. Particularmente em relação ao verbo *man*, Kouadio (2000) nos faz notar que se torna cada vez mais raro, apesar de ainda possível, o uso desse verbo em sentenças com um só verbo (exemplo 7). A construção mais comumente empregada, contudo, para que se obtenha o significado de DAR, é a construção serial *fa....man*:

(8)

ò **fá** li suà ngà **mán** ní mí

3S **pegar** PERF casa DEM **dar** PERF 1Os

‘Ele deu esta casa para mim’

Nesse enunciado, o verbo *man* ‘dar’ mantém-se como verbo pleno, mesmo ocupando a posição de V2 na construção. Em (8), o verbo funcional é *fa* ‘pegar’, em posição V1. A construção acima não seria interpretada por um falante de baulê como “Ele pegou e deu essa casa para mim”.<sup>88</sup> O verbo *fa* ‘pegar’, quando está em posição inicial numa construção serial, se ajusta semanticamente à construção para compor o seu significado global. O verbo *man*, por sua vez, é o verbo que carrega o significado central. No entanto, apesar de *man* preservar seu significado de verbo pleno, quando compuser a construção *fa...man* não poderá manter a ordem canônica dos argumentos de uma construção simples. *Fa* em construções desse tipo não se encaixa na categoria de verbo, apesar de possuir algumas propriedades verbais. Ele imprime ao agente da cena

---

<sup>88</sup> Realizamos testes com nossa colaboradora principal e ela nos afirmou que essa interpretação seria equivocada. Para esse tema, ver também Kouadio, 2000: 82, que corrobora essa informação.

principal descrita um traço de volição, identificado pragmaticamente. Comparando os exemplos 6 e 8, obtemos as seguintes estruturas:

Exemplo (6)

	<i>yo</i>	...	<i>man</i>		
SN	V <sub>1</sub>	O <sub>1</sub>	V <sub>2</sub>	O <sub>2</sub>	<b>fazer</b> algo para alguém
	<b>FAZER</b>		<b>DAR</b>		

Exemplo (8)

	<i>fa</i>	...	<i>man</i>		
SN	V <sub>1</sub>	O <sub>1</sub>	V <sub>2</sub>	O <sub>2</sub>	<b>dar</b> algo para alguém
	<b>PEGAR</b>		<b>DAR</b>		

Numa primeira observação, a estrutura das construções parece ser a mesma. Porém, no exemplo (6), V<sub>1</sub> adquire proeminência em relação a V<sub>2</sub>, pois representa a descrição da cena, e *man* não é propriamente um verbo pleno. Em (8), por sua vez, *man*, em posição V<sub>2</sub>, é verbo e tem papel central no evento descrito; *fa* (V<sub>1</sub>), por outro lado, perde algumas de suas propriedades verbais. Os esquemas acima demonstram que V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> podem ter pesos sintáticos diferentes na construção, uma vez que ambos são aptos a adquirir tanto papel central (verbo pleno) quanto secundário (verbo funcional) na descrição da cena. A combinação dos itens lexicais (V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub>) numa determinada construção, já carregada de sentido em sua estrutura argumental, é que vai resultar em seu significado total e determinar, portanto, qual posição terá proeminência sobre a outra.

Por esses exemplos, procuramos demonstrar que os verbos que compõem uma construção serial não são necessariamente verbos defectivos e continuam aptos a preencher a função de verbo pleno em construções com um só verbo ou mesmo em uma construção serial.

A seguir, outro exemplo que se encaixa na estrutura argumental e semântica apresentada nos casos (6) e (8). Também emprega o verbo *fa* ‘pegar’ em posição V<sub>1</sub>, mas utiliza o verbo *ce* ‘oferecer’ em posição V<sub>2</sub> para introduzir o beneficiário da ação.



(9)

ì    **fà**    màngò    **cé**    mí

3Ssg    **pegar**    manga    **oferecer**    1Osg

‘Ele oferece manga para mim’

Nas sentenças (8) e (9), a organização conceitual da cena descrita é semelhante: os participantes estão envolvidos em um processo, denotado principalmente pelo verbo em posição V2. Um dos participantes inicia uma ação sobre um objeto e essa ação se reflete em outro participante de alguma maneira. As nuances entre os traços semânticos dos verbos *man* ‘dar’ e *cε* ‘oferecer’ não têm influência na definição dos papéis semânticos atribuídos aos participantes da cena nem na estrutura argumental. A diferença se faz perceber no conteúdo informacional da sentença: enquanto o verbo *man* não pressupõe (ou atribui menor valor) a possibilidade de recusa do participante beneficiado em receber o objeto, o verbo *cε* atribui um traço volicional mais ativo a esse participante e evidencia essa possibilidade de recusa, pois está atrelado à ideia de “ofertar, disponibilizar, presentear”, preenchendo melhor as características elencadas por Silva (1999).

#### **b) Introdutor de papel semântico de instrumento**

O segundo tipo de construção assimétrica identificado em baulê introduz o instrumento de uma ação e, em geral, é expresso também pelo verbo *fa* ‘pegar’. De acordo com Kouadio (2000: 83), “É o verbo *fa* ‘pegar’ em posição V1, em uma série verbal, que permite a expressão do instrumental ou do comitativo, como o exemplo (32) atesta. *Dwo*, nesse enunciado, é sintaticamente uma expansão de *fa* e semanticamente um complemento de acompanhamento. Esse enunciado pode, aliás, ser traduzido por *ele veio com o inhame*”.<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> “C’est le verbe *fa* ‘prendre’ en position de V1 dans une série verbale qui permet d’exprimer l’instrumental ou le comitatif, comme l’exemple (32<sup>89</sup>) l’atteste. *Dwo* dans cet énoncé est syntaxiquement une expansion de *fa* et sémantiquement un complément d’accompagnement. Cet énoncé peut d’ailleurs être traduit par ‘il est venu avec de l’igname.’”

(10)

5            **fā-ḷi**                      dwō            **bà-ḷi**  
II            **prendre-ACC**      igrname      **venir-ACC**

‘Il a apporté de l’igrname’ ‘ele trouxe o inhame’

O verbo *fa* em posição V1 não se constitui propriamente como um verbo, conforme apontado também nos exemplos (8) e (9). Suas características verbais se manifestam sintaticamente pela posição que ocupa na sentença e morfologicamente por trazer a marca aspectual. No entanto, no nível semântico nem todos os seus traços são mantidos na composição do significado geral da construção. O verbo *fa* em seu sentido mais prototípico remete a traços de volição e posse. No caso do exemplo (10) acima, extraído de Kouadio (2000), por meio desse verbo depreende-se que o participante da cena descrita carrega, traz consigo o inhame.

Em baulê, não é possível denotar a relação de posse estabelecida pela construção serial *fa...ba* por meio de uma preposição. Preposições são entendidas aqui como operadores de predicação que estabelecem relações espaciais, temporais, de posse, entre outras, entre dois termos de uma sentença (cf. KEWITZ, 2007). No exemplo (10), *fa* também estabelece uma relação de posse entre o participante da cena descrita e o objeto nela relacionado. E essa propriedade de posse é verificada durante o processo de deslocamento desse participante descrito na cena, representado na construção pelo verbo *ba*. Esse processo, porém, não representa a cena completa, que é: vir e trazer o inhame; vir COM o inhame. O elemento que introduz a informação de que o participante tem a posse de algo é o verbo *fa*.

O verbo *fa* encontra-se num processo de mudança linguística, evidenciado por seu emprego em construções seriais e pelo fato de ainda manter determinadas propriedades verbais. Ele pode ser usado como verbo pleno em sentenças simples e seu estatuto morfológico em construções seriais pode permanecer por ora difuso. Não é possível, porém, na construção analisada, classificar *fa* nem como verbo, nem como preposição, mesmo que esse item lexical possua propriedades de uma e de outra classe de palavra. Se considerarmos esses itens lexicais como integrantes de categorias não estanques, poderemos visualizar uma escala em que numa extremidade está a classe de verbos e na outra, a de preposição. O intervalo entre essas classes de palavras será preenchido por cada verbo de uma construção serial de acordo com as propriedades que

adquire na estrutura. Dessa forma, teremos que ora V1 ou V2 estará mais próximo da classe de verbos, ora da classe de preposições [+V  $\longleftrightarrow$  +Prep].

O exemplo a seguir<sup>90</sup> também contribui para a discussão :

(11)

bè	<b>fà</b> -lì	làliè	̀	<b>kpè</b> -lí	kpáún	nùn
3Spl	<b>pegar</b> -PERF	faca	DET	<b>cortar</b> -PERF	pão	INDET

‘Eles cortaram um pão com a faca’

Em (11), temos a mesma estrutura sintática depreendida dos exemplos (8) e (9):

[S V1 O1 V2 O2]

Em posição V1, novamente temos o verbo *fa* ‘pegar’, que apresenta características verbais, mas semanticamente não pode ser interpretado com o sentido de PEGAR. Em Kouadio (2000: 83), temos que a introdução de *fa* assinala a presença de um instrumental, o qual o autor compara à preposição AVEC, do francês. Considero, porém, que a cena acima pode também ser classificada como representativa das fases de um mesmo processo, no caso, o de cortar o pão. Na escala [+V  $\longleftrightarrow$  +Prep], o verbo em posição V1 parece estar num ponto equidistante das duas extremidades, pois, dependendo da ênfase dada pelo falante, a ação de pegar a faca pode ser mais ou menos salientada na cena de cortar o pão. Dessa forma, a comparação de tal item lexical com a preposição AVEC (com) é possível, mas não é a única. Consideramos que exemplos como esse estejam num processo de gramaticalização em que não seja possível definir de forma absoluta a classe de palavra a que pertence *fa* ‘pegar’.

É necessário, porém, acrescentar que construções seriais não representam o único recurso sintático em baulê para expressar o instrumental ou o comitativo. O morfema coordenativo *ni* também pode ser empregado para introduzir um lexema nominal com valor semântico de instrumento ou acompanhamento (conforme exemplo 12). Esse morfema tem por função básica exprimir relações de coordenação entre dois termos, pronomes e nomes; a coordenação de adjetivos, verbos ou proposições não pode ser feita ele. Sua função se expande, porém, em determinados casos, para a de introdutor

<sup>90</sup> *Corpus 4.*

de um nome com valor semântico de instrumento ou acompanhamento, o que, em algumas línguas, pode ser realizado por meio de uma preposição. Vejamos os exemplos a seguir (KOUADIO & CREISSELS, 1977: 348; 344):

(12)

ɔ	<b>kpɛ-li</b>	kpāún	<b>nī</b>	lāliè
3Ss	<b>cortar-PERF</b>	pão	<b>COM</b>	faca

‘Ele cortou o pão com uma faca’

(13)

ɔ	<b>nī</b>	wākǎmǎ	bà-ī
3Ss	<b>E/COM</b>	fruta	vir-PERF

‘Ele trouxe frutas’

O enunciado (13), se interpretado literalmente, estabelece a coordenação entre dois termos que preenchem a função sintática de argumento externo do verbo. No entanto, semanticamente, por ser o segundo elemento um ser inanimado, não seria possível, exceto por extensão metafórica, que ele protagonizasse o evento designado pelo verbo *ba* ‘vir’ sem o auxílio de um ser animado, neste caso representado pelo pronome sujeito de terceira pessoa do singular (ɔ). Dessa forma, entende-se que a cena descrita pela construção acima é de alguém que trouxe consigo frutas. A expressão dos valores semânticos de instrumental e comitativo pode ser feita, portanto, por meio de uma construção serial com o verbo *fa* ou por meio do morfema coordenativo *ni*. A escolha de um ou outro recurso é, assim, determinada pelo próprio falante.

### c) Modo de realização de um evento

Para exprimir a maneira como o evento se realizou, também se utiliza uma construção serial. Vejamos os exemplos (14) e (15) a seguir:

(14)

è      **nàntì**-lí      è      **gbè**-lí      àtìn

1Spl **andar**-PERF 1Spl **atravessar**-PERF caminho

‘Nós atravessamos a rua andando’

(15)

è      sú      **wàndì**      **bá**

1Spl PROG **correr** **chegar, vir**

‘Nós estamos chegando, correndo’

A estrutura sintática das construções acima é: [S V1 (S) V2 (X<sup>91</sup>)]. A assimetria de construções seriais como essas está no fato de que o termo em posição V1 na estrutura indica a maneira como ocorreu o evento em si, representado por V2. No caso do exemplo (14), V1 e V2 portam as marcas verbais de aspecto (idênticas em ambos) e o pronome sujeito se repete, antecedendo cada verbo. Por sua vez, no exemplo (15), apenas o V1 porta a marca aspectual, que, no entanto, tem escopo sobre toda a construção, assim como é apenas diante desse verbo (V1) que o sujeito é expresso. São facultativas a inclusão de um pronome sujeito junto ao V2 (V3 etc) e a repetição das marcas verbais junto a todos os verbos da construção.

#### d) Indicativas de comparação

Construções seriais **assimétricas** podem, ainda, expressar a comparação entre dois termos.

(16)

ñ      **sì**      Kōfi kpa      **trá**      Kwākù

1Ss **conhecer** Kofi melhor **ultrapassar** Kuaku

‘Eu conheço melhor o Kofi que o Kuako’<sup>92</sup>

<sup>91</sup> Utilizaremos X sempre que o espaço puder preenchido tanto por argumento quanto por adjunto.

<sup>92</sup> A comparação se faz entre Kofi e Kuaku: qual deles o sujeito do enunciado conhece melhor.

(17)

ì **ijò** nín mí **trà** ò

3Ss **falar** com 1Os **ultrapassar** 2Os

‘Ele fala mais comigo do que com você’

Nos exemplos elencados, a comparação se estabelece entre O1 e O2, e a relação entre esses termos é feita pelo verbo **tra**, em posição V2. O verbo em posição V1 pode ser tanto um verbo que represente um evento ativo (como no caso de falar) quanto um mental (como em (16), com o verbo conhecer). Nesses casos, não ocorreu repetição do sujeito diante de V2. Contudo, é possível que o sujeito venha repetido diante do segundo verbo, como vemos nos exemplos a seguir de Kouadio (2000):

(18)

ñ **kɔ** Bwàkē ñ **trā** Kòfì

1Ss **ir** Buake 1Ss **ultrapassar** Kofi

‘Eu vou mais a Buake que Kofi’

A repetição do sujeito é facultativa e não se sobrepõe ao significado da sentença. Contudo, essa repetição pode facilitar sua interpretação e evitar ambiguidade, uma vez que reitera qual é o sujeito da construção e, conseqüentemente, quais os termos comparados. No exemplo (18), não há ambiguidade, pois a comparação é claramente estabelecida entre os termos animados da construção, representados pelo pronome de 1ª pessoa e o nome Kofi. Não seria possível comparar termos que representassem seres com traços semânticos opostos e excludentes, como um local e um ser animado. O exemplo a seguir ilustra um caso de comparação de algo em relação a dois dias da semana:

(19)

ì wún<sup>93</sup> tí gbà andè **trà** ànúmàn

3Ss REFL. **ser** bem hoje **ultrapassar** ontem

‘Ele se sente melhor hoje que ontem’

---

<sup>93</sup> Esse item lexical é usado como pronome reflexivo.

A estrutura, então, da construção serial **assimétrica** que estabelece comparação em baulê é: [S V1 X (S) V2 X]

e) **Origem do movimento ou percurso**

As construções seriais assimétricas empregadas para indicar a origem e o destino de um movimento ou percurso, podem ser observadas pelo exemplo (20) abaixo:

(20)

ò **fin** lò ò sù **bá**

3Ss **vir de** lá 3Ss PROG **vir/chegar**

'Ele está vindo de lá'

Creissels & Kouadio (op.cit., p.423) justificam a combinação dos verbos *fin...* *bá* na construção serial no fato de o verbo *ba* não poder ele mesmo ter como expansão uma expressão que indique origem, ao passo que *fin* é obrigatoriamente seguido de um locativo. O verbo *fin*, desse modo, acrescenta uma informação que caracteriza a ação principal descrita ao designar o local de origem do movimento representado. Por terem conteúdos semânticos semelhantes, mas estruturas argumentais diferentes, o verbo *fin* funciona na construção como o introdutor do locativo (origem), ao passo que *ba* carrega propriamente o significado da construção (deslocamento). Assim como nos exemplos anteriores, um dos verbos conserva algumas de suas propriedades verbais, e adquire, por outro lado, um estatuto morfológico híbrido. O outro verbo da construção, por sua vez, tem preservadas suas propriedades inerentes de verbo pleno. A estrutura da construção (20) é [S V1 LOC (S) V2].

**Considerações finais**

Construções seriais **assimétricas** representam um recurso sintático que envolve a combinação não-aleatória de itens verbais em uma estrutura sintática do tipo [S V1

(O1) V2 (O2)]. Essa estrutura pode variar sensivelmente, mas manterá primordialmente essa base.

As marcas verbais poderão ocorrer no primeiro e/ou no segundo verbo, mas, se ocorrerem em ambos os verbos, deverão ser concordantes ou iguais. A expressão do sujeito diante de apenas um verbo (V1) ou de todos os verbos é facultativa e, em geral, não altera o significado da construção; pode, contudo, solucionar ambiguidades, como no caso das construções indicativas de uma comparação.

Os verbos de uma construção serial **assimétrica** não têm o mesmo estatuto na construção. Um dos verbos adquire propriedades semânticas e funcionais que não são propriamente as de um verbo pleno. Esse pode ser o resultado ou a indicação de algum estágio do processo de gramaticalização no qual o item verbal ainda não tem definida sua nova categoria gramatical. Por outro lado, por suprir funções outras que não as prototipicamente verbais, pode passar a integrar uma nova classe morfológica que até então não existia na língua. Dessa forma, neste trabalho vamos admitir que um dos itens que compõem uma construção serial **assimétrica** adquire propriedades já delimitadas pela estrutura sintática da construção e que só irá integrá-la se houver combinação possível entre suas propriedades lexicais e a construção.

#### 4.1.2 Construções seriais simétricas

Esse tipo de construção serial constitui-se de verbos que se combinam para representar conjuntamente um único evento. Consideremos o exemplo a seguir:

(21)

sràn            kùn      **kàn**   nānwlè   klē      mì

ser humano   DET-PL   **falar**   verdade   **mostrar**   1Os

‘Os seres humanos me contam a verdade’

Pela observação da sentença acima, depreendemos a seguinte estrutura sintática:



([SN]<sup>94</sup> V<sub>1</sub> [OD<sub>1</sub>] V<sub>2</sub> OI<sub>2</sub>). Os verbos V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> têm o mesmo sujeito, expresso uma única vez diante do primeiro verbo. A ordem dos argumentos na sentença acima, assim como ocorreu com os exemplos de construções assimétricas, é distinta da ordem estabelecida em sentenças com um só verbo. Nas sentenças multiverbais como as construções seriais, a ordem é [S V<sub>1</sub> OD V<sub>2</sub> OI]; nas sentenças com um só verbo, a ordem é [S V OI OD]. A marca aspectual de imperfectivo (Ø) é a mesma para ambos os verbos. O nível semântico, por sua vez, mostra que V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> não mantêm seus valores prototípicos. O verbo *kan* ‘falar’ pede uma estrutura transitiva, em que um agente (um ser animado) exerce uma força abstrata sobre si mesmo para produzir/manifestar um resultado (a fala); por sua vez, *kle* ‘mostrar’, também em uma estrutura transitiva, implica a ação de um agente que exerce uma força sobre um tema que passa ao domínio visual de um beneficiário. Em sintagmas verbais simples, teríamos estruturas como:

(22)

è kàn bē bawlé  
 3Spl falar 3Opl baulê  
 ‘Nós falamos baulê para eles’

Na construção serial do exemplo (21), nem um nem outro verbo representa por si só o evento descrito (contar a verdade). *kan* e *kle* têm conteúdos semelhantes que, sobrepostos, possibilitaram a composição acima, resultando num terceiro significado, que não é propriamente nem apenas “falar” nem apenas “mostrar”. Assim, essa construção não é composta de duas proposições.

No nível sintático, observamos que *kan* introduz o objeto direto e o verbo *kle* introduz o objeto indireto. No entanto, a interpretação que se faz da sentença não pode ser linear, o que resultaria em “Os seres humanos falam a verdade e mostram para mim”. A interpretação apresentada pelos falantes nativos que forneceram a sentença em questão é “Os seres humanos contam a verdade para mim”, o que indica uma relação combinatória entre os traços semânticos dos verbos, bem como de sua estrutura argumental. Essa combinação, portanto, demonstra que a estrutura sintática da

<sup>94</sup> Os colchetes indicam que o argumento é o mesmo para ambos os verbos.

construção não pode ser traduzida de forma linear, numa leitura unidirecional, mas sim considerando o conteúdo lexical dos itens que a compõem e a maneira com que se relacionam na construção.

A posição do objeto direto na construção serial pode variar quando tiver sido introduzido na sentença e anteceder a construção serial, conforme observamos no exemplo (23) a seguir:

(23)

yè k' kán sò [...] ndè kàn klè bà  
então enquanto **falar** dem. [hesitação] história **falar mostrar** criança  
'então, enquanto (ela) conta a história à criança,

làflè kún bá  
sono matar criança  
a criança dorme'

A construção serial *kan kle* está inserida em uma construção subordinada maior e tem o primeiro verbo repetido, após hesitação do falante; conseqüentemente, apresenta o objeto direto em posição não padrão, convertendo-se na seguinte estrutura: [(S)V1 OD V1 V2 OI]. A repetição de V1 na estrutura serial é resultante de uma reelaboração discursiva do falante, e indica que é possível, nessa circunstância, que o objeto direto anteceda V1. Contudo, a condição para isso parece ser a de que as posições V1 e V2 sejam ocupadas pelo mesmo verbo. Vale acrescentar que também nessa variação da estrutura padrão da construção o objeto direto antecede o objeto direto, mantendo, portanto, a sua ordem prototípica.

No enunciado seguinte, temos outro tipo de construção simétrica do baulê, formada pela combinação de dois verbos de movimento.

(24)

ì fite-ì kō gwábò  
3Ssg sair-PERF ir/partir mercado  
'Ele saiu para ir ao mercado/Ele foi ao mercado'

Os verbos *fite* e *kɔ* têm conteúdo semântico semelhante (dinâmico, atético, durativo) e representam conjuntamente a cena descrita. A marca aspectual vem acoplada apenas diante do primeiro verbo, mas tem escopo sobre toda a construção. Da mesma forma, o sujeito é representado uma única vez, diante do primeiro verbo, encabeçando a construção.

Apesar da similaridade, os verbos que compõem a construção não são idênticos e possuem suas especificidades. O verbo *fite* pressupõe o deslocamento a partir de um local de origem e o abandono desse local; *kɔ*, por sua vez, além da noção de deslocamento pode também indicar a chegada a um algum ponto. A sequência acima, portanto, obedece a uma ordem icônica determinada pelo conteúdo semântico dos verbos, indicando que o posicionamento dos verbos em construções simétricas não é aleatório e dele depende a construção e a manutenção de seu significado. O mesmo acontece no exemplo (25) a seguir:

(25)

ī      klē      mōn    wla`      i      tí      klē      n̄      ɔ̄      à      **tú**      à      **tó**  
 POSS    Chapéu   REL    Colocar   POSS    cabeça   chapéu   DET    3Ss   RES   **arrancar**   RES   **cair**  
 ‘o chapéu que estava na sua cabeça, o chapéu, ele caiu’

A construção serial acima está no seguinte trecho:

ɔ̄      à      **tú**      à      **tó**  
 3Ss   RES   **arrancar**   RES   **cair**

O morfema de terceira pessoa do singular (ɔ̄), que encabeça a construção, retoma todo o conteúdo anterior topicalizado. Esse pronome representa o sujeito da oração que o antecede e concorda com ele em número e pessoa. Neste exemplo, são repetidas as marcas aspectuais diante de cada verbo. A cena descrita e representada por V1 e V2 abrange o movimento de queda de um objeto (chapéu) e a noção de que a queda foi brusca, que o objeto foi arrancado. Por conseguinte, o alinhamento dos verbos na construção vai obedecer à ordem natural dos fatos representados: primeiro, ser

<sup>95</sup> Este verbo pode significar ‘vestir’ e é usado para indicar o uso de sapatos, chapéus, bijuterias, roupas entre outros.

arrancado e, como consequência, cair. A descrição da cena não se limita, assim, apenas a um ou outro verbo; mas ao entrelaçamento de traços semânticos de ambos.

A combinação dos verbos *tu* ‘arrancar, partir’ e *tra* ‘chegar’ numa construção serial simétrica resulta no significado SALTAR, como mostra o exemplo abaixo:

(26)

n̄	tú	trà-li	nyámàn	sù
1Ss	arrancar,partir	ultrapassarPERF	corda	por cima

‘Eu pulei (por cima) da corda’

Há, ainda, a possibilidade de combinação dos verbos *wlo* ‘saltar’ e *tra* com o locativo *su*, resultando no significado SALTAR, de forma semelhante ao que ocorreu no exemplo acima. A seguir, exemplo de Kouadio (2003, dicionário, p.459, verbete *wlo*).

(27)

o	kwlaa	wlo-li	tra-li	talɛ	n	su
3Ss	poder	Saltar-PERF	ultrapassar-PERF	muro	DET	sobre

‘Ele conseguiu saltar por cima do muro’<sup>96</sup>

A terceira possibilidade, por meio da serialização, de exprimir o significado SALTAR é pela combinação de *tu* ‘arrancar, partir’ e *kpɛn* ‘chegar, saltar, viajar’ e *wlo* *kpɛn*.

Os verbos *wlo* e *tu* podem se combinar com os verbos *tra* e *kpɛn*, resultando nas seguintes possibilidades: *wlo kpɛn* / *wlo tra ... su* e *tu kpɛn* / *tu tra ... su*. A inclusão do locativo *su* torna mais precisa a informação de que foi um salto por cima de algo e é necessária sempre que os verbos *wlo* e *tu* se combinarem com *tra*.

<sup>96</sup> O texto original é: *Il a réussi à sauter par dessus le mur.*

A estrutura depreendida das construções simétricas apresentadas pode ser , de forma geral, representada por:

[SN V<sub>1</sub> V<sub>2</sub> (SN) (LOC)]

Construções seriais simétricas são menos numerosas nas línguas e os verbos que as compõem tendem a se lexicalizar, ao contrário do que ocorre com as construções assimétricas, que se gramaticalizam. Essa tendência se confirma pelos exemplos descritos neste capítulo.

#### 4.2 SERIALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Conforme apresentado na introdução deste capítulo, uma das principais dificuldades na identificação de uma construção serial, em baulê e em outras línguas, é diferenciá-la de uma coordenada sem conectivo. A estrutura [S V<sub>1</sub> O<sub>1</sub> V<sub>2</sub> O<sub>2</sub>] por si pode representar tanto um caso de coordenação quanto de serialização, como já atestaram diversos autores (SEBBA 1987, LARSON 2002, 2005 entre outros).

Larson (2005) propõe que construções comumente analisadas como seriais em baulê devam ser classificadas como casos de coordenação sem conectivo, dando a elas a denominação *empty subject constructions*<sup>97</sup> (ESC). Vejamos alguns exemplos da autora (LARSON, 2005: 61):

(a) ɔ to-li ofɛ di-li  
3Ss buy-COMPL<sup>98</sup> papaya ate-COMPL  
'S/he bought papaya and ate it'  
'Ele/a comprou papaia e comeu'

(b) ɔ fa-li laliɛ kɛ-li kpaun-'n  
3Ss take-COMPL knife cut-COMPL bread-DEF  
'S/he used a knife to cut the bread'  
'Ele/a usou a faca para cortar o pão'

<sup>97</sup> Construções de sujeito vazio.

<sup>98</sup> Trata-se de uma marca aspectual denominada pela autora de "completivo". Na análise dos dados de nosso *corpus*, empregaremos PERFECTIVO para o que Larson chamou de COMPLETIVO.

(c) Talua mun b-‘a kan ndε-‘n a kle mi

Girls DEF-PL 3ps-PERF say word-DEF PERF<sup>99</sup> show 1so

‘The girls have told me the news’

‘As meninas me contaram as novidades’

(d) Aya fa-li fluwa-‘n man-ni mi

Aya take-COMPL book-DEF give-COMPL 1so

‘Aya gave me the book’

‘Aya me deu o livro’

Para a autora, tais construções não devem ser analisadas sob a rubrica de séries verbais, mas de construções coordenadas sem conectivos que admitem sujeito nulo para o verbo em posição V2 na série. A autora definiu que esse tipo de coordenação por justaposição (*empty subject construction* - ESC) diferencia-se tanto de construções seriais quanto de uma coordenada padrão (com conectivos entre as proposições). Como características dessa construção, Larson definiu:

1) o argumento-objeto de V2 pode ser opcionalmente omitido (assim como o sujeito) quando for o mesmo de V1 sem que a sentença deixe dúvidas em relação à sua interpretação (ver exemplos a, b e c);

2) alguns verbos em posição V1 em séries verbais podem ser analisados como defectivos, particularmente quando envolvem o verbo “pegar” e “dar”. Em baulê, tais verbos podem ser empregados em sentenças simples normalmente e, portanto, não seriam comumente empregados em séries verbais,

3) em ESC as marcas de tempo/modo/aspecto devem ser convergentes e acopladas a cada verbo da série (exemplos a a d);

4) as negações devem obrigatoriamente ter escopo sobre todos os verbos em uma ESC; para negar apenas um dos verbos, deve ser usada uma construção coordenada padrão (com conectivo). Em ESCs, somente no imperativo a negação pode ocorrer apenas uma vez;

5) advérbios devem vir no início da sentença; seu escopo, contudo, é ambíguo e pode recair tanto sobre o evento em seu conjunto quanto apenas sobre parte dele.

---

<sup>99</sup> Para o que a autora chama de PERFECTIVO, usaremos o termo RESULTATIVO, pois há um termo específico para o PERFECTIVO.

A proposta de Larson (2005) para o baulê toma como ponto de partida o argumento de Creissels & Kouadio (1977) de que séries verbais nessa língua se assemelham em sua estrutura a construções coordenadas. A interpretação de tais sentenças como coordenadas deve refletir a justaposição de dois eventos, o que as diferenciaria de uma série verbal, que tem por definição ser a representação de um único evento. No entanto, entre os exemplos de Larson, há alguns que na estrutura se assemelham a uma justaposição de sentenças, mas que, por sua vez, representam um único evento. É o que acontece com os exemplos b, c e d supracitados.

A autora determina que, considerando a mudança ou não de significado decorrente da introdução de uma conjunção, há dois tipos de ESC em baulê (cf. LARSON, 2005: 98): as que envolvem *combinação accidental* de verbos e permitem a introdução de uma conjunção sem resultar em mudança de significado; e as que envolvem uma *combinação essencial* de verbos e não permitem a introdução de uma conjunção entre os verbos sem acarretar mudança de significado ou mesmo em significado inaceitável. Como exemplo de ESC com *combinação accidental* entre os verbos, temos:

(28) (3.2 p.99)

o to li ofle di li  
 3Ss comprar PERF papaia comer PERF

‘Ele comprou papaia e comeu’

Se introduzirmos a conjunção *kpekun*, o sentido não será alterado.

(29) (3.106 p.99)

o to-li ofle *kpekun* di-li  
 3Ssg comprar-PERF papaia CONJ comer-PERF

‘Ele comprou papaia E comeu’

A opção do falante por usar ou não a conjunção nos exemplos acima só existe porque se trata de uma coordenação. Em ambos, (28) e (29), representam-se dois eventos consecutivos e independentes: comprar papaia e comer papaia. Os verbos que ocupam posição V1 e V2 preservam o mesmo conteúdo que têm em sentenças simples, o que não ocorre em construções seriais, em que um dos verbos perde algumas de suas

propriedades verbais; ou num caso de construções simétricas, os verbos formam juntos o significado da cena representada. No caso acima, analisado por Larson como ESC, é facultativo o emprego da conjunção, visto que se trata de uma construção coordenada e a ausência ou não do conectivo não vai modificar esse caráter.

Em outro exemplo fornecido pela autora, é analisada uma construção em que o verbo *fa* ‘pegar’ tem valor instrumental. Segundo a autora, a introdução de uma conjunção na construção anterior não resulta em mudança de significado:

(30) (3.4 p.99)

o fa-li laliε kpe-li kpaun-‘n  
 3Ss pegar-PERF faca cortar-PERF pão-DET  
 ‘Ela cortou o pão com uma faca’

Agora, com a conjunção:

(31) (3.108 p.100)

o fa-li laliε n kpekun kpe-li kpaun-‘n  
 3Ss pegar-PERF faca DET CONJ cortar-PERF pão-DET  
 ‘Ela usou uma faca para cortar o pão’/‘Ela pegou uma faca e cortou o pão’

Larson admite duas possibilidades de interpretação para a construção (31), mas não para a construção (30), sem conjunção. A introdução de uma conjunção não torna a sentença (31) agramatical, porém o seu significado passa a não ser o mesmo da sentença sem a conjunção. Dessa forma, a conjunção transforma a sentença serial em duas sentenças coordenadas e, conseqüentemente, altera também seu significado. A possibilidade de uma nova interpretação para a sentença acima demonstra, então, que as construções (30) e (31) não têm conteúdo semântico idêntico, tampouco são idênticas na estrutura sintática. Há apenas uma semelhança entre as construções, tanto no nível sintático como no semântico, uma vez que a introdução da conjunção faz com que o evento de cortar o pão com uma faca seja representado de forma distinta em uma e em outra construção. No caso em que há o conectivo, ambos os verbos têm preservados seu conteúdo semântico e suas marcas verbais, funcionando, portanto, como verbos plenos numa construção coordenada. Nessa construção, são representados os atos de pegar a faca e de cortar o pão, e um não se sobrepõe ao outro; de forma contrária, na construção sem o conectivo é representado o ato de cortar o pão e o instrumento que permite isso: a



faça. Nesse caso, esse nominal é apresentado como um objeto manipulado por um agente para afetar outro participante da cena (o pão). Não se coloca em evidência o gesto de tomar posse da faça, mas sim o fato de que por meio dela será realizado o processo de cortar o pão. A maneira pela qual o falante constrói a cena de cortar o pão **não** é a mesma em (30) e (31), e a conjunção *kpekun* é o elemento que faz emergir essa diferença. O equívoco está em não considerar a nuance de diferença de interpretação dos enunciados.

Vamos admitir aqui que o termo coordenação “(...) refere-se a construções sintáticas em que duas ou mais unidades do mesmo tipo são combinadas numa unidade maior e continuam a ter as mesmas relações semânticas com os outros elementos ao redor”<sup>100</sup> (MARTIN HASPELMATH 2004 apud QUINT 2008: 31). Mas que, por outro lado, segundo Creissels (1995: 308), “O termo de coordenação de proposições parece efetivamente cobrir uma variedade de tipos de integração de estruturas frásicas que não podem ser apreendidos por meio de uma definição única, positivamente formulada.”<sup>101</sup>

O que aproxima as definições acima é o fato de que para haver coordenação deve haver, no mínimo, duas unidades do mesmo tipo combinadas. Outras características, como a marcação do sujeito diante dos verbos ou a concordância de marcas verbais, por exemplo, não são definidoras desse tipo de integração frasal. Vamos considerar o exemplo a seguir:

(32) (3.118 p.105)

Aya	fa	li	fluwa	n	<i>kpekun</i>	ɔ	man	ni	mi
Aya	pegar	COMPL	livro	DEF	e	3Ss	dar	COMPL	1Osg
‘Aya pegou o livro e deu pra mim’									

De forma contrária ao que havia afirmado para o exemplo em que o verbo fa introduz um nominal de valor instrumental, para o caso do exemplo acima, Larson admite que a inserção de uma conjunção entre O1 e V2 acarretaria em significado inaceitável e, portanto, o rotula de ESC de **combinação essencial**: “(...) a inserção de

<sup>100</sup> “(...) refers to syntactic constructions in which two or more units of the same type are combined into a larger unit still have the same semantic relations with other surrounding elements”.

<sup>101</sup> “Le terme de coordination de propositions semble effectivement recouvrir une variété de types d’intégration de structures phrastiques qu’il semble vain de vouloir appréhender à travers une définition unique positivement formulée.”

uma conjunção aberta novamente causa mudança de significado e, de fato, agora, o resultado é a inaceitabilidade”<sup>102</sup> (2005: 105).

A alternativa correta é a de não usar a conjunção para que a sentença tenha sentido. A inaceitabilidade de uma conjunção em enunciados como esse indica que não se trata da integração de duas unidades de mesmo tipo, uma vez que o verbo *fa* ‘pegar’ não pode ser interpretado como verbo pleno e não designa nenhum processo ou estado, ao contrário do que acontece com o verbo *kpe*, que manteve preservadas suas propriedades de verbo pleno e representa o evento descrito na construção. Assim, como fora apontado anteriormente neste capítulo, o enunciado acima não pode ser interpretado como “Ele pegou o livro e me deu”, mas como “Ele deu o livro para mim”.

A autora, em toda sua argumentação, procura mostrar ao leitor que construções comumente entendidas pelos estudiosos como seriais, como as apresentadas com o verbo *fa*, entre outras, deveriam ser classificadas como construções coordenadas de sujeito vazio (*empty subject construction* – ESC). Uma das razões que a levam a optar por essa nova nomenclatura é a de que existiria para V2 um pronome objeto nulo que indicaria que o objeto introduzido por V1 é também objeto de V2. O mesmo ocorreria em relação à omissão do pronome sujeito diante de V2. Dessa forma, a autora pontua que argumentos não expressos em baulê, em construções ESC, são sempre pronomes nulos (cf. 2005: 61). A base de sua argumentação em favor da classificação das sentenças como coordenadas está apoiada no fato de os verbos (e as construções) admitirem pronomes nulos, ou seja, em uma característica da estrutura sintática da construção. A abordagem da autora não leva em conta características que não sejam parte da estrutura formal da construção e dessa forma limita a definição de construções seriais às suas propriedades segmentais. Conseqüentemente, deixa de lado uma propriedade que pode ser decisiva no momento de classificar uma construção como serial ou coordenada. Essa propriedade é a de representar um único evento e é esse traço que a diferencia primordialmente de outras construções.

Em relação aos exemplos apresentados aqui para ilustrar o que Larson definiu como *combinação essencial* e *combinação acidental*, também não me parece precisa a diferença entre as construções (30) (acidental) e (31) (essencial). Sem a inclusão da conjunção, essas construções têm a mesma estrutura sintática:

---

<sup>102</sup> “(...) insertion of an overt conjunction again causes significant change, in fact, this time the result is unacceptability.”

S	V1	O1	V2	O2
	<i>FA</i> (PEGAR)	NOME	VERBO	NOME

O que as diferencia é a relação semântica entre os argumentos internos dos verbos, pois se, no primeiro caso (30), o verbo *fa* introduz um nominal que tem função semântica de instrumento e que atua sobre O2, no segundo caso, (31), o verbo *fa* introduz um nominal com papel semântico de tema que se relaciona com o nominal em O2 de maneira a beneficiá-lo. A diferença entre as construções se dá, portanto, no nível semântico, e não sintático.

Consideramos que tanto o exemplo (30) (cortar o pão com a faca) quanto o (32) (dar o livro para mim) sejam casos de serialização. A introdução de uma conjunção em ambas as construções não é permitida se se quiser manter as interpretações acima, entre parênteses. Se em (30) é possível introduzir a conjunção isso não é feito sem que haja modificação do conteúdo semântico, da informação veiculada pela sentença. Em (32), por sua vez, a inserção da conjunção não é permitida pela construção. A estrutura acima apresentada [S V<sub>1</sub> O<sub>1</sub> V<sub>2</sub> O<sub>2</sub>] parece não permitir a presença de um conectivo. Quando isso acontece, a estrutura da construção se modifica, assim como a relação que se estabelece entre os verbos e seus argumentos, e conseqüentemente, não é veiculado o mesmo conteúdo informacional de antes.

A impossibilidade de inclusão da conjunção sem prejuízo do significado nas construções que a autora classifica de ESC de **combinação essencial** indica que, nesses casos, a coordenação não é efetivamente possível. Nos casos de ESC de combinação acidental em que a conjunção foi permitida acarretando uma pequena modificação no significado ocorreu também uma mudança na estrutura da construção, que deixou de ser uma construção serial e passou a ser uma coordenação.

(33)

o fa-li swa nga (fa) man-ni mi

3Ss pegar-PERF casa DEM (pegar) dar-PERF 1Os

‘Ele deu esta casa para mim’

(34)

Nzù yé ò (**fā**) mān-nī mī ò

Inter. Dem 3Ss (**pegar**) dar-PERF 1Os EXPL

‘O que foi que ele deu para mim?’

Nesses enunciados, **fa** funciona como um *dummy verb* e não pode ser interpretado como um verbo com conteúdo semântico pleno. Não há, portanto, coordenação nesses enunciados, e sim serialização.

### 4.3 GRAMATICALIZAÇÃO E CONSTRUÇÕES SERIAIS

Larson argumenta que, na literatura sobre construções seriais, o verbo em posição inicial é analisado como verbo defectivo, especialmente nos casos que envolvem o verbo “pegar” nessa posição (cf. LARSON, 2005: 73). Para os exemplos do baulê, a autora comenta que **fa** (pegar) é um verbo “normal”, e não defectivo, e apresenta o seguinte exemplo:

(35) (3.7 p.73)

Aya **fa**-li fluwa-‘n **man**-ni mi

Aya **pegar**-PERF livro DET **dar**-PERF 1Os

‘Aya deu o livro para mim’

O verbo **fa** ‘pegar’ em baulê pode ser empregado em sentenças de um único verbo e em construções seriais, mas desempenha em cada uma dessas construções funções sintáticas e semânticas diferentes. Se em sentenças de um único verbo é utilizado como verbo pleno, nas construções seriais isso não ocorre de forma absoluta. O item lexical pode preservar certas propriedades verbais, tal como a de ser portador da marca aspectual, mas não mantém o mesmo conteúdo semântico. A possibilidade de ainda formar sentenças simples leva a autora a afirmar que o verbo **fa** em sentenças seriais é também um verbo pleno e, portanto, tais sentenças deveriam ser classificadas como coordenadas. “Porque **fa** pode ocorrer em sentenças simples (não-ESC) e pode

levar a morfologia aspectual e temporal, podemos concluir, então, que é um verbo pleno em baulê.”<sup>103</sup> (p.73). Como exemplo de sentença simples, a autora apresenta a seguinte construção:

(36) (3.32 p.73)

Aya fa-li fluwa-‘n

Aya pegar-PERF livro-DET

‘Aya pegou o livro’

Nessa sentença, *fa* porta marcas verbais, tem preenchidos os espaços de argumento interno e externo e em nível semântico preserva seu significado de verbo pleno. A autora conclui, então, que:

Em resumo, ESC em baulê envolve duas orações. Cada verbo na ESC é um genuíno verbo e pode ser mostrado para projetar um conjunto completo de argumentos, como aconteceria numa sentença simples. Uma associação relativa a objetos de V2 com objetos de V1 não é uma característica indispensável de ESC em baulê. Esses fatos sugerem que uma hipótese inicial apropriada é a de que ESC em baulê não está relacionada à clássica serialização, mas à coordenação aberta, ou paratáxis<sup>104</sup> (LARSON, 2005: 74-75).

A conclusão da autora atenta apenas para o nível segmental de uma construção serial. O fato de o exemplo (35) não poder ser interpretado como “Pegou e deu o livro”<sup>105</sup>, como afirmam os próprios falantes do baulê consultados, indica que não há duas sentenças coordenadas, pois o verbo *fa* não atua como verbo pleno na construção. A possibilidade de formar sentenças simples não é condição suficiente para que se afirme que construções como a do exemplo (34) sejam um tipo de construção

---

<sup>103</sup> “Because *fa* can occur in a simple (non-ESC) sentences and can bear full tense/aspect morphology, it can be concluded that it is a full fledged verb in Baule.”

<sup>104</sup> “In sum, Baule ESC involves two clauses. Each verb in the ESC is a genuine verb and can be shown to project a complete argument array, just as it would in a simple sentence. Referential coupling of objects of V2 with objects of V1 is not an essential characteristic of Baule ESC. These facts suggest that the appropriate starting assumption is that Baule ESC is not related to classical serialization, but is rather covert coordination, or parataxis.”

<sup>105</sup> Ver análise de construções seriais assimétricas no início deste capítulo.

coordenada (*empty subject construction* – ESC). Para chegar a essa conclusão, a autora não considera a possibilidade de *fa* ser um verbo em processo de gramaticalização sincrônica, no qual o termo gramaticalizado recebe uma nova aplicação, mas preserva o antigo uso.

Hagemeijer (2001) propõe que verbos em posição V1 em construções seriais sejam classificados como semilexicais (*semi-lexical heads*). O principal argumento em favor dessa classificação é de que V1 herda parte de sua estrutura semântica de V2, o núcleo semântico da construção. “Em outras palavras, V1 é não especificado para certas características semânticas, mas, crucialmente, não para as categóricas, desde que receba todos os núcleos funcionais lexicalizados associados a verbos.”<sup>106</sup> (HAGEMEIJER, 2001: 422). A identificação de uma construção serial fica mais evidente nos casos em que os verbos “perdem” seu conteúdo semântico de verbo pleno e atuam por meio da combinação de alguns desses traços semânticos para resultar num significado distinto, como ocorre nas construções simétricas.

Em Robert (2003: 9), temos exemplos de línguas africanas que possuem morfemas – chamados de marcadores transcategoriais (*marqueurs transcategoriels ou plurifonctionnels*) – que se apresentam sincronicamente em diferentes categorias sintáticas. Trata-se, por exemplo, de lexemas usados em função preposicional ou subordinante, ou mesmo de morfemas gramaticais que ora marcam um nome, ora atuam como introdutores de proposições. Casos como esses são representativos de uma flexibilidade sintático-semântica intrínseca aos itens de uma língua e que se inscreve entre as propriedades do sistema linguístico.

Por definição, os morfemas transcategoriais (ou plurifuncionais) têm, com efeito, como particularidade, funcionar em sincronia dentro de diferentes categorias sintáticas, certas variações, segundo as línguas e os casos (nomes, verbos, auxiliares, preposições, afixos, subordinantes, particular, conectores frasais ...), mas sempre múltiplos. Pelos seus diferentes empregos, esses morfemas apresentam, então, não apenas uma polissemia, mas uma

---

<sup>106</sup> “In other words, V1 is unspecified for certain semantic features, but crucially not for categorial ones, since it receives all the lexicalized functional nodes associated to verbs.”

flexibilidade sintática remarcável, todas as duas problemáticas para a análise<sup>107</sup> (ROBERT, 2003: 86).

Em nossa análise do baulê, optamos por não usar a designação “morfemas transcategoriais” para os verbos que atuam tanto em construções seriais, desempenhando função outra que não a de um verbo propriamente, quanto em construções simples, por ser muito específica e preferimos uma expressão mais abrangente – “termos transcategoriais” – para indicar os itens que possuem essa flexibilidade semântico-sintática. No caso do baulê, o fato de o verbo *fa* ser usado também em sentenças simples não é argumento aceitável em favor da classificação da construção (36) como uma coordenada. Esse item seria um exemplo do que Hagemerjier denominou de *semilexicaís*, comuns em construções seriais e que possuem propriedades associadas às de um verbo, ao mesmo tempo que preenchem funções semânticas que não são atribuídas a verbos, estando, portanto, numa categoria gramatical híbrida.

Se consideramos, então, que *fa* não é verbo pleno nessa construção, anulamos a sua classificação de sentença coordenada. O verbo *fa* não representa por si só um evento, mas funciona como um termo que veicula a noção de posse de um objeto concreto, necessária para a descrição do processo representado pelo verbo *man* ‘dar’. Essa noção pode estar em um dos traços semânticos que possibilitaram esse emprego do verbo *fa* em construções seriais introdutoras de um beneficiário.

Durante um processo de mudança de categoria sintática, ocorre a transferência de propriedades esquemáticas de um domínio cognitivo a outro. Essa transferência é possível pois o termo em questão adquire a significação do novo domínio por meio de um processo metafórico. Nessa passagem, portanto, certas propriedades de base são “perdidas”, ou melhor, não são mais focalizadas pelo item lexical ou morfema nesse novo contexto de uso. “No plano conceitual, o modelo de transferência por analogia, desenvolvido no quadro da teoria da metáfora (LAKOFF & JOHNSON 1980, LAKOFF

---

<sup>107</sup> “Par définition, les morphèmes transcategoriels (ou “plurifonctionnels”) ont, en effet, pour particularité de fonctionner en synchronie dans différentes catégories syntaxiques, certes variables selon les langues et selon les cas (noms, verbs, auxiliaries, prépositions, affixes, subordinants, particules, connecteurs phrastiques...), mais toujours multiples. Au travers de leurs différents emplois, ces morphèmes présentent donc non seulement une polysémie mais une flexibilité syntaxique remarquables, toutes deux problématiques pour l’analyse.”

1993), revela um mecanismo cognitivo geral (...)”<sup>108</sup> (HEINE et alli 1991 apud ROBERT 2005: 88).

Lord (1993:130) apresenta exemplos do engeni, língua cuá falada no sudeste da Nigéria, em que o verbo *tou* ‘pegar’ é utilizado como verbo pleno e em construções seriais, adquirindo função discursiva. Vejamos, inicialmente, esse verbo em construções simples:

(37)

o tou enùmà

3Ss pegar dinheiro

‘Ela pega dinheiro’

Agora, em construções seriais:

(38)

o tou inya **dire**

3Ss **pegar** arroz **cozinhar**

‘Ela cozinha arroz’

(39)

bhù ta ñi akiè bhù **tou** **gbà**

2Ss ir CPL cidade 2Ss FUT-**pegar** **contar**

‘Se você for para a cidade, você contará para alguém?’ (LORD, 1993:131)

Esses dados demonstram que a possibilidade de atuar em construções simples não exclui a chance de esse verbo ser também empregado em construções seriais sincronicamente. Contudo, há línguas em que determinados verbos, entre eles o verbo de significado PEGAR, que atuam em construções seriais não atuam mais em construções simples, pois passaram por um processo de mudança de categoria linguística. Essa evidência, no entanto, é sincrônica e não comprova que, em algum momento, não houve o uso simultâneo de uma e outra construção.

---

<sup>108</sup> “Sur le plan conceptuel, le modèle de transfert par analogie, développé dans le cadre de la théorie de la métaphore (LAKOFF & JOHNSON 1980, LAKOFF 1993), révèle un mécanisme cognitif general(...).”



#### 4.4 MARCAS ASPECTUAIS

Em grande parte das línguas africanas, não há marcas específicas para a categoria gramatical TEMPO e a apreensão dessa noção em um enunciado é inferida em geral a partir das marcas de ASPECTO. Apesar de serem categorias que essencialmente têm valores distintos, uma vez que a noção de aspecto é de natureza simbólica e a de tempo é de natureza dêitica, elas fazem parte de subsistemas complementares, pois ambas têm como referencial o tempo físico. A diferença entre elas é de base semântica, visto que o aspecto refere-se à constituição temporal interna de um evento, enquanto o tempo tem como referência um marco externo. O tempo é, portanto, uma categoria dêitica que retrata o momento do evento tendo como referência um outro momento, o momento da fala, e o aspecto, por ser de natureza simbólica, independe de um referencial externo (cf. CASTILHO, 2002). Dessa forma:

As noções semânticas do âmbito do Tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, as noções de presente, passado e futuro e suas subdivisões. Já as noções semânticas do âmbito do Aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. (BORBA COSTA, 2002: 19)

Nesse sentido, assumimos que o aspecto expressa os graus de realização de uma ação e não está relacionado a quando ou como a ação ACONTECEU, mas a como essa ação, ou situação, FOI VISTA e REPRESENTADA pelo falante. Tomaremos a definição de Comrie (1976: 5) para o aspecto como norteadora em nossa pesquisa:

Como definição geral para aspecto, tomamos a formulação de que ‘aspectos são diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação’ (p.3). Aspecto não se refere a relacionar o tempo de uma situação com qualquer outro momento, mas sim com a constituição temporal interna de uma situação; poderíamos dizer que a

diferença está em situação-tempo interno (aspecto) e situação-tempo externo (tempo).<sup>109</sup>

Para esse autor, a expressão aspectual está diretamente relacionada à maneira como o falante “vê” uma determinada situação no que concerne à sua constituição temporal interna, que pode ser representada de forma completa, fechada, sem pôr em evidência o seu desenvolvimento (aspecto perfectivo) ou, ao contrário, fazendo referência a suas fases, ao seu desenvolvimento (aspecto imperfectivo) e podendo dar proeminência ao momento inicial, intermediário ou final desse desenvolvimento. É nesse sentido que consideramos os valores aspectuais marcados nos exemplos (3) e (4) como subtipos de um valor aspectual maior, o imperfectivo, e não como aspectos distintos. Ameka (2003.) atenta para a possibilidade de que as marcas aspectuais, e também as modais, sejam acopladas a cada verbo da série e que não haja nenhuma exigência gramatical de que elas devam ter as mesmas formas e os mesmos valores, no entanto, devem, sim, ter conteúdos semânticos semelhantes. O autor atribui a isso o fato de que nessas línguas as categorias aspecto e modalidade sejam proeminentes em relação à categoria tempo e cita como exemplo a possibilidade de haver, em uma mesma série verbal, o aspecto HABITUAL e o IMPERFECTIVO, ou o PROGRESSIVO e o ESTATIVO.

Conforme vimos anteriormente, há algumas línguas do litoral da costa oeste da África que permitem marcas aspectuais com valores diferentes

(40)

Kwasi da hɔ re-di-di

Kuazi EST.deitar lá PROG-RED-comer

‘Kuazi está deitado lá, comendo’

---

<sup>109</sup> “As the general definition of aspect, we may take the formulation that ‘aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation’ (p.3). Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation; one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and the situation-external time (tense).”

A literatura demonstra que em construções seriais não há restrição em relação ao valor de tempo, modo e aspecto expresso pelos verbos. As distinções se estabelecem na maneira como cada língua expressa esses valores: por meio de morfemas, ligados a ambos os verbos ou a apenas um deles. A exigência única é de que exista concordância entre essas marcas, o que não significa que devam ser idênticas e que tenham rigorosamente o mesmo significado, mas que devam expressar o mesmo valor (se a primeira indicar o perfectivo, a segunda marca pode ser de resultativo, pois é um subtipo do perfectivo, mas nunca de imperfectivo). De acordo com a literatura, se as marcas forem colocadas diante de cada verbo da construção, deverá haver similitude entre elas, o que equivale a dizer que não seria possível um morfema indicativo de aspecto HABITUAL para o primeiro verbo e um morfema indicativo de aspecto RESULTATIVO para o segundo verbo.

#### 4.5 EXPRESSÃO DO ASPECTO

Em baulê, como vimos, temos os seguintes morfemas aspectuais:

Li(Ni)	PERFECTIVO
A	RESULTATIVO
Su	PROGRESSIVO
Ø	IMPERFECTIVO

Em construções seriais, esses morfemas podem vir expressos das seguintes maneiras:

- 1) Junto **apenas** do primeiro verbo.
- 2) Junto **apenas** do segundo verbo.
- 3) Junto do primeiro **OU** do segundo verbo.
- 4) Junto de **ambos** os verbos.

Nessas construções, o morfema aspectual pode estar ligado a apenas um dos verbos ou a todos os verbos. Nas construções assimétricas com verbo *fa* ‘pegar’ em que há um nominal entre esse verbo e o verbo seguinte, observou-se número expressivo de exemplos em que se marcou o aspecto em ambos os verbos<sup>110</sup>. Como se pode constatar nos exemplos do *corpus* abaixo citados:

---

<sup>110</sup> Essa tendência foi confirmada posteriormente por nossos informantes.

Junto de **ambos** os verbos

(41)

ò **fà-li**            ì    wá    n    **mán-ní**    mí

3Ss **pegar-PERF** 3Os filho DET **dar-PERF** 1Os

‘Ele me deu o seu (dele) filho’

(42)

Bè **fà-li**            làliè    n    **kpè-li**            nnèn    nùn

3Spl **pegar-PERF** faca DET **cortar-PERF** carne INDET

‘Eles cortaram a carne com uma faca’

(43)

ò **kān-nī**            nāwlè    **klē-lī**            mì

3Ss **dizer-PERF** verdade    mostrar-PERF 1Os

‘Ele contou a verdade para mim’

Junto **apenas** do segundo verbo

(44)<sup>-</sup>

ò **fā**    tānnī    n    **tō-lī**            blò

3Ss **pegar** pano DET **jogar-PERF** loc

‘Ele jogou o pano lá’

(45)

n    **fa**    kpaun    n    **fia-li**

1Ss **pegar** pão    DET **esconder-PERF**

‘Eu escondi o pão’

(46)

ò **kān** nāwlè **klē-ī** mì

3Ss **dizer** verdade **mostrar-PERF** 1Os

‘Ele contou a verdade para mim’

Junto apenas do primeiro verbo

(47)

i **fa-li** kue **kpe** kpaun n

3Ss **pegar-PERF** faca **cortar** pão DET

‘Ele cortou o pão com a faca’

(48)

ò **kān-nī** nāwlè **klē** mì

3Ss **dizer-PERF** verdade mostrar 1Os

‘Ele contou a verdade para mim’

Os morfemas aspectuais do progressivo (**su**) e do resultativo (**a**) em baulê obedecem a algumas regras, seja em construções simétricas ou em assimétricas. No progressivo, não é aceitável que o morfema fique junto de ambos os verbos ou apenas do segundo verbo. O morfema deve estar acoplado apenas ao primeiro verbo da série<sup>111</sup>. O escopo recai sobre toda a construção serial:

(49)

è **sú** wàndi **bá**

1Spl **PROG** correr chegar, vir

‘Nós chegamos correndo’

---

<sup>111</sup> Kouadio (1977: 420) também atesta esse fato: “Lorsque le premier terme d’une série verbale est affecté du préfixe du progressif, celui-ci n’est pas repris devant les termes suivants (...)”.

(50)

Bà      blà      n      sū      **tó**      trālè      kun      **màn**      ĩ      mām̀m̀i  
Criança    mulher    DET    PROG    **comprar**    roupa    INDET    **dar**    POSS    mãe  
‘A menina está comprando um vestido para sua mãe’

(51)

mí      sí      sù      fā      livrù      kùn      mān      mĩ  
1POSS    pai    PROG    pegar    livro    INDET    dar    1Os  
‘Meu pai deu um livro para mim’

Creissels & Kouadio (1977: 424) apresentam uma exceção para o progressivo: quando vier junto ao verbo *fin* ‘vir’, a marca aspectual deverá estar preposta ao segundo verbo da construção:

(52)

ò      **fín**      lò      ò      sù      **bá**  
3Ss    **vir de**    lá    3Ss    PROG    **vir/chegar**  
‘Ele está vindo de lá’

O resultativo também demonstra uma peculiaridade, pois tem como regra estar acoplado a ambos os verbos da construção, precedendo-os.

(53)

Bà      blà      n      wá      **tó**      trālè      Kun      wá      **fà**      **màn**      ĩ      mām̀m̀i  
Criança    mulher    DET    RES    **comprar**    roupa    INDET    RES    **pegar**    **dar**    POSS    mãe  
‘A menina acabou de comprar um vestido para sua mãe’

(54)

ì klē m̀n ẁl̀ i tí klē n ɔ à **tú** à tó  
POSS chapéu REL colocar POSS cabeça chapéu DET 3Ss RES **arrancar** RES **cair**

‘o chapéu que estava na sua cabeça, o chapéu, ele caiu’

O imperfectivo é representado pela ausência de marcas aspectuais - ou morfema zero.

(55)

srán kún **kàn** ǹẁl̀ **klè** mì

ser humano DET-PL **falar** verdade **mostrar** 1Os

‘Os seres humanos me contam a verdade’

(56)

Bè dī bé kpè mī

3Spl comer 3Spl cortar 1Os

‘Eles comem sem mim’ (Eles comem sem me convidar para comer)

A representação aspectual em construções seriais não difere da representação em construções simples: os morfemas aspectuais utilizados são os mesmos em ambos os tipos de estrutura e o seu ordenamento no enunciado, no que tange a ser anteposto ou posposto ao verbo, obedece às mesmas regras. Para sintetizar, considerando as diversas possibilidades de marcar o aspecto, podemos traçar o seguinte quadro:

	Apenas V1	Apenas V2	V1eV2	V1 ou V2
IMPERFECTIVO			X	X
PERFECTIVO			X	X
RESULTATIVO			X	
PROGRESSIVO	X	X (verbo <i>fin</i> )		

<sup>112</sup> Este verbo pode significar vestir e é usado para indicar o uso de sapatos, chapéus, bijuterias, roupas entre outros.

#### 4.6 MARCAS DE NEGAÇÃO

Em baulê, o morfema sufixal *man* (variante *an*) indica a negação em construções verbais. A marca de negação, assim como ocorre com as marcas de TMA, pode estar acoplada a todos os verbos da série ou a apenas um deles, tendo em ambos os casos escopo sobre toda a construção. Por serem concebidas conceitualmente como representativas de um único evento ou de um conjunto de subeventos intrinsecamente ligados que formam uma única cena, construções seriais impõem que a negação seja feita de forma global, e não separadamente, a cada um dos eventos ou subeventos que a constituem. Mesmo nos casos em que os índices de negação sejam acoplados a todos os verbos da construção, esses verbos não são negados individualmente, pois não atuam de forma independente na construção, e sim em composição, constituindo a representação de um único evento. Essa propriedade de ter escopo sobre toda a construção a diferencia de uma coordenação, visto que neste caso, em geral, para cada oração deve haver um índice de negação e o seu escopo limita-se à oração a que estiver acoplado.

A seguir, exemplos de negação em construções seriais do baulê:

(57)

ò    ò-ḷi            m̀an    júm̀an    trá-ḷi            mí  
3Ss **fazer-PERF** *NEG* trabalho **ultrapassar-PERF** 1Os'  
'Ele não trabalhou mais do que eu'

(58)

Bà    blà'    n    tó            m̀an    tralè    kũn    m̀an'̀an    ì    m̀anm̀i  
Criança mulher'DET **comprar** *NEG* roupa INDET **dar** *NEG* POSS mãe  
'A menina não está comprando um vestido para sua mãe'

(59)

B'ā            fā            m̀an    lāliè'n            b'ā            kpē-m̀an    nnēn    nùn  
3Spl RES **pegar** *NEG* faca'DET 3Spl RES **cortar** *NEG* carne LOC  
'Eles não cortaram a carne com a faca'



(60)

ò ā yō mān swā kùn ā mān' ān mì

3Ss RES **fazer** NEG casa INDET RES **dar**'NEG 1Os

'Ele não fez esta casa para mim'

Como se observa no primeiro exemplo, o sufixo de negação aparece posposto ao morfema aspectual que antecede o verbo, e o argumento interno dos verbos vem depois do sufixo. No exemplo (60), o segundo verbo termina com uma consoante nasal final, o que condiciona o emprego de uma das variantes do morfema de negação **man** (**an**). Aqui, o sufixo de negação vem imediatamente após o verbo, pois a marca de imperfectivo é um morfema zero.

No exemplo seguinte, temos a negação marcada mais de uma vez, junto a V1 e a V2. O primeiro verbo, **fa** 'pegar', é antecedido pelo morfema de aspecto resultativo e seguido imediatamente pela negação **man**. O segundo verbo, **kpe** 'cortar', termina com uma vogal aberta e propicia o emprego da variante **a**.

O exemplo seguinte também marca a negação junto a V1 e V2 e apresenta em V2 uma variante do sufixo **man**, devido à terminação do verbo em consoante nasal.

A negativa no futuro, em construções simples e seriais, requer, além do sufixo **man**, o morfema prefixal **su** antecedendo o verbo em posição V1, formando a estrutura [**su Vman**]. Vejamos um exemplo, inicialmente, em uma construção simples e, em seguida; na serial:

(61)

mī sí su' mān-ān mì livro kún

1Os pai NEG **dar** NEG 1Os livro INDET

'Meu pai não vai me dar um livro'

(62)

mĩ sí sù fá mán livro kùn mán mí

1Os pai *NEG* **pegar** *NEG* livro INDET **dar** 1Os

‘Meu pai não vai me dar um livro’

Na construção serial negativa no futuro, os morfemas se ligam ao primeiro verbo, mas têm escopo sobre toda a construção. O quadro a seguir representa as estruturas seriais e a realização da negação:

No presente e no passado:

[SN <sub>ASP</sub>-V1 **NEG** O1 <sub>ASP</sub>-V2 (**NEG**) O2]

[SN V1-<sub>ASP</sub> **NEG** O1 V2-<sub>ASP</sub> (**NEG**) O2]

No futuro:

[SN **NEG**-<sub>ASP</sub>-V1-**NEG** O1 <sub>ASP</sub>-V2 O2]

#### 4.7 REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO

Uma das propriedades características de construções seriais em baulê é a possibilidade de marcar o sujeito apenas uma vez, junto ao primeiro verbo da série. É possível também iniciar a construção por um sintagma nominal em função de sujeito e utilizar um índice pronominal que o retome diante dos demais verbos da construção.

(63)

ō fá wākà mā kùn ō fá té li nún

3Ss **pegar** árvore filho INDET 3Ss **pegar jogar** -PERF dentro

‘Então, ele pegou uma fruta e colocou dentro’[do cesto]

No enunciado acima, temos um índice pronominal de terceira pessoa do singular em função de sujeito e preposto a V1.

(64)

ò k̄ān-nī nāwlè (ò) klē-ī mì

3Ss **dizer**-PERF verdade 3Ss **mostrar**-PERF 1Os

‘Ele contou a verdade para mim’

(65)

ò **dì-lí** *màn júmàn* (ò) **trá-lí** mí  
3Ss **fazer-PERF** *NEG* trabalho 3Ss **ultrapassar-PERF** 1Os  
'Ele não trabalhou mais do que eu'

(66)

ò **yō-lī** *swā ngà* (ò) **mān-nī** mì  
3Ss **fazer-PERF** casa DEM 3Ss **dar-PERF** 1Os  
'Ele fez esta casa para mim'

(67)

Bà *blá' n sū* **tó** *trālè kun* (ò) **màn ī** *mānmì*  
Criança mulher'DET PROG **comprar** roupa INDET 3Ss **dar** POSS mãe  
'A menina está comprando um vestido para sua mãe'

#### 4.8 REPRESENTAÇÃO DO OBJETO

Baulê não possui a propriedade de transformar o objeto do primeiro verbo em sujeito do segundo, como ocorre em algumas línguas seriais. Em baulê, o sujeito de V1 é também o sujeito dos demais verbos da construção e pode, como foi visto, ser representado por um índice pronominal repetido junto aos verbos da construção, ou por um sintagma nominal para V1 e o índice para V2, V3.

Observando a estrutura básica de construções seriais em baulê, temos:

[S V1 O1 V2 O2]

Temos, em geral, uma estrutura em que o sintagma nominal subsequente a V1 funciona como objeto direto, e o sintagma nominal que segue V2 exerce a função de objeto indireto. Em construções assimétricas, como foi visto, um dos termos na estrutura serial é funcional e o outro(s) lexical e o que determina essa distribuição dos itens é a construção em que eles se encaixam e suas propriedades semânticas e lexicais. Dessa forma, tanto V1 quanto V2 (V3) são aptos a cumprir o papel de elemento principal da construção.

Numa estrutura como:

(68)

ò **yō**-lī            swā ngà    **mān**-nī      mì

3Ss **fazer**-PERF casa DEM **dar**-PERF 1Os

‘Ele fez esta casa para mim’

o elemento-chave para a representação da cena é **yo** ‘fazer’ e, portanto, os sintagmas nominais que o sucedem atuam como seus argumentos, uma vez que esse lexema tem preservadas suas propriedades verbais e sua estrutura argumental. O mesmo não ocorre com **man** ‘dar’, que tem algumas de suas características verbais e seu conteúdo semântico obscurecidos e, portanto, adquire o caráter funcional de uma preposição. Se **man** ‘dar’, então, nessa construção, é um verbo que não exige argumentos, não podemos considerar que exista um espaço para um índice pronominal de objeto nulo para esse item. A expressão dos argumentos internos acontece na ordem inversa da que ocorre em uma sentença simples. Podemos considerar, então, que nessa estrutura serial temos a seguinte ordem de argumentos [SN V OD OI].

Por outro lado, no exemplo a seguir, **man** ‘dar’ cumpre a função de verbo e consequentemente, predicador de argumentos:

(69)

ò **fá**-li            suà ngà    **mān**-ní      mí

3S **pegar**-PERF casa DEM **dar**-PERF 1Os

‘Ele deu esta casa para mim’

Nessa estrutura, **fa** ‘pegar’ é o elemento de caráter híbrido, pois apresenta a propriedade verbal de portar marca aspectual, mas não preserva todo o seu conteúdo semântico. Assim, acaba preenchendo um espaço na construção que seria de um verbo, mesmo não sendo interpretado em nível semântico como tal. O verbo com conteúdo lexical preservado e que representa a cena central descrita é **man** ‘dar’. Considerando que o verbo **fa** não é um verbo pleno nessa construção e, portanto, não é predicador de

argumentos, a representação da ordem dos argumentos internos do verbo principal nessa construção pode ser [S OD V OI].

Se definirmos que V1 é o introdutor do argumento interno em primeira posição, estaremos atribuindo mais uma característica verbal a esse item e teremos de admitir a presença de um pronome objeto nulo após o verbo *man* ‘dar’.<sup>113</sup> Seria possível representar a cena em questão por meio de uma construção simples, o que demonstra que a opção pela construção serial traz algum conteúdo informacional que não é manifestado de outra maneira. Dessa forma, *fa* não se constitui como um elemento essencial à representação da cena, demonstrando uma característica discursiva e que sugere a iminência de uma ação.

É possível, ainda, encontrar outra disposição para os argumentos numa sentença serial:

(70)

ō	<b>fá</b>	<b>nùnú</b>	kùn	wún	a	wún	ì
3Ss	<b>pegar</b>	<b>limpar</b>	INDET.	corpo	você	ver	isso

‘Ele limpou uma (fruta) viu?’

Nesse exemplo de construção assimétrica, temos os verbos dispostos em sequência e o argumento interno colocado após V2. Fica mais evidente aqui identificar que o verbo *fa* em posição V1 não é predicador de argumento, o que se confirma pelo posicionamento do argumento interno na estrutura da frase: imediatamente após toda a sequência de verbos (V1 e V2). Se pensarmos que se trata de um processo de gramaticalização, essa sequência poderia ser considerada mais gramaticalizada, uma vez que foi também alterada a estrutura prototípica da construção de modo a indicar que *fa* não é o predicador do argumento interno.

Há, ainda, uma outra possibilidade para a representação do objeto:

---

<sup>113</sup> Em nenhuma das ocorrências os falantes consideraram a possibilidade de se inserir esse índice pronominal para retomar o objeto direto.

(71)

ḡ	<b>fa'</b>	wākà	mā	kùn	o	<b>fá</b>	<b>té li</b>	nún
3Ss	<b>pegar</b>	árvore	filho	INDET	3Ss	<b>pegar</b>	<b>jogar PERF</b>	dentro

'Então, ele pegou uma fruta e colocou dentro'

No caso acima, o argumento interno do verbo **te** 'jogar' encontra-se antes da estrutura serial, junto ao primeiro **fa**, na construção que antecede a serial. Sequencialmente, logo após a repetição do pronome sujeito, temos novamente **fa**, agora na construção serial em posição V1, seguido de **te**, em posição V2. A possibilidade de V1 prescindir de um argumento interno, ou mesmo de um índice pronominal que fizesse referência ao SN nessa posição, sem que haja prejuízo para o entendimento do enunciado, demonstra o caráter de semilexicalidade (conforme a terminologia de Hegemeijer) desse item. Dessa forma, o único elemento predicador de argumento interno na estrutura é o verbo (**te**) em posição V2.

A expressão do argumento interno, então, permite diferentes estruturas seriais, mas acata sempre a sequência objeto direto-objeto indireto. Assim, a partir da estrutura de base [SN V1 SN<sub>(obj1)</sub> V2 SN<sub>(obj2)</sub>], podemos obter as variações:

[SN V1 SN<sub>(obj)</sub> V2 V3]

[SN V1 SN<sub>(obj1)</sub> V2 SN<sub>(obj2)</sub>]

[SN V1 V2 SN<sub>(obj)</sub>]

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui uma descrição das principais propriedades sintáticas de construções seriais em baulê. Além disso, realizamos também uma classificação com base em uma tipologia elaborada a partir de propriedades sintáticas e semânticas desse tipo de construção. Por meio dessa classificação, constatou-se a diversidade dos exemplos de construções seriais, mas, ao mesmo tempo, delinear-se características comuns que possibilitaram a sua categorização em dois grandes grupos. A partir de propriedades comuns foi possível, então, verificar as suas especificidades.

## CAPÍTULO 5

### DOMÍNIOS CONCEITUAIS E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Analisaremos, agora, a relação entre os domínios conceituais dos verbos que compõem uma construção serial em baulê, considerando, para isso, pressupostos da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008) e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995) no intuito de confirmar a hipótese de que construções seriais representam um único evento e se organizam sintaticamente como uma oração simples. Para a definição de eventos, adotaremos o que diz Talmy (2000b: 215):

Por meio do funcionamento dos genuínos princípios dos processos cognitivos, que podem ser designados seções conceituais (...), a mente humana pode, em percepção ou concepção, estender o limite sobre uma porção que, de outro modo, poderia ser um *continuum*, tanto de espaço e tempo quanto de outro domínio qualitativo, e designar aos conteúdos selecionados pelos limites a propriedade de ser uma única entidade. Entre as várias alternativas, uma categoria de tal entidade é percebida ou conceitualizada como um evento<sup>115</sup>.

Nessas construções, o domínio conceitual de um dos verbos irá se sobrepor ao domínio do outro, em geral o que for mais central para a representação da cena descrita, uma vez que um dos verbos da construção adquire novas propriedades. Dessa forma, a estrutura conceitual da construção será aquela do verbo proeminente, que, conseqüentemente, coincidirá com o *profile* determinado pela construção.

De acordo com Langacker (2003: 252), é especialmente crucial para a gramática a proeminência adquirida por seus elementos em uma determinada construção. Entre os tipos de proeminência possíveis, os que mais se destacam são a relação de *profiling* e o alinhamento de trajetor (participante mais proeminente) e marco (participante secundário). Toda expressão carrega em si um conjunto de conteúdos conceituais,

---

<sup>115</sup> “By the operation of very general cognitive processes that can be termed conceptual partitioning (...), the human mind in perception or conception can extend a boundary around a portion of what would otherwise be a continuum, whether of space, time, or other qualitative domain, and ascribe to the excerpted contents within the boundary the property of being a single unit entity. Among various alternatives, one category of such an entity is perceived or conceptualized as an event.”

chamado base, sobre o qual se impõe um *profile*. “O *profile* de uma expressão é a entidade construída como designadora (seu referente conceitual), e como tal é o foco da atenção. Expressões com a mesma base podem diferir em significado em virtude de perfilarem suas diferentes facetas.”<sup>116</sup> (LANGACKER, *ibidem*)

Tomaremos como base também alguns conceitos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995) para nortear a análise e a classificação da estrutura argumental das construções seriais em baulê. Como vimos anteriormente no capítulo 3, essa abordagem teórica pressupõe que não há limites rígidos entre construções morfológicas e sintáticas, e que as relações entre elas são feitas por meio de uma rede de traços e *links* semânticos que as aproximam.

No que tange às construções seriais em baulê, por meio de tais pressupostos demonstraremos que os itens que as compõem eram portadores de traços semânticos em seu significado de base que se adaptaram à construção. Assim, numa construção verbal, por exemplo, o verbo tem um significado de base que se combina com construções sintáticas diversas devido às possibilidades de interação entre o sentido de cada construção e o sentido básico do verbo. Essa combinação, no entanto, não exclui a possibilidade de se criar um novo significado à construção de acordo com a rede semântica potencial dos itens verbais.

Para a análise, manteremos a divisão das construções em simétricas e assimétricas. A partir disso, veremos como se dá o alinhamento de trajetor-marco no processo configurado pelo *profile*. Verificaremos, então, como se organizam conceitualmente os verbos nas construções, classificadas estruturalmente de acordo com o que determina Goldberg (1995). Então, poderemos identificar como se dá a proeminência de um domínio conceitual sobre outro, resultando na concepção de que tais estruturas se projetam como estruturas simples e descrevem um único evento.

## 5.1 CONSTRUÇÕES ASSIMÉTRICAS

Nesta seção, apresentaremos as construções seriais em baulê formadas por um verbo pleno e um verbo funcional, classificadas, de acordo com a tipologia de Aikhenvald & Dixon (2006) de assimétricas.

---

<sup>116</sup> “An expression’s profile is the entity it is construed as **designating** (its conceptual **referent**), and as such is a focus of attention. Expressions with the same base can differ in meaning by virtue of profiling different facets of it.”



### 5.1.1 Introdutoras de beneficiário

Vamos tomar inicialmente as estruturas formadas com verbo **fa** ‘pegar’.

(72)

ò    fà        ákò    klè        mí  
3Ss *pegar*    frango *mostrar* 1Os  
**agente**        **tema**                **recipiente**  
‘Ele mostra o frango para mim’

kle ‘mostrar’

Trajedor: ò ‘ele’ Marco: mí ‘para mim’

fa ‘pegar’

Trajedor: ò ‘ele’ Marco: ákò ‘frango’

O participante de maior proeminência no evento é a entidade que está sendo descrita, localizada ou avaliada. O outro participante, em geral, é o de proeminência secundária.

O evento descrito na construção acima designa um agente (A) que se apropria de um tema (T) e o insere no domínio perceptivo – o ato de ver – de um outro elemento (R). A relação perfilada é a de **mostrar**, indicada pelo verbo **kle**. Nessa relação, o tema é a unidade transferida ao domínio perceptivo do recipiente, que se caracteriza como sua esfera de controle, acesso ou influência. No entanto, na estrutura sintática, o elemento que introduz o tema não é o verbo **kle** ‘mostrar’, designador do evento propriamente, mas o verbo **fa** ‘pegar’, sem participação efetiva na cena. Portanto, temos um verbo que ocupa um espaço na estrutura sintática, mas que não imprime à cena descrita nenhum traço de seu conteúdo semântico que seja determinante para a sua representação, uma vez que está subentendido na composição da cena.

Dessa forma, considerando a relação do *profile* designado pela construção, que é de mostrar algo a alguém, **kle** se sobrepõe a **fa** e impõe à construção o seu alinhamento trajedor/marco. A diferença que se estabelece entre esses verbos é que **fa** confere o

caráter de marco ao tema, enquanto *kle* confere esse papel ao recipiente. O alinhamento determinado pela construção confere o papel de marco ao beneficiário, e não ao tema, coincidindo, portanto, com o alinhamento projetado pelo verbo *kle*.

O esquema relativo ao verbo *fa* ‘pegar’ mostra sua estrutura conceitual mais prototípica, na qual um agente (A) exerce domínio sobre um tema (T) por meio de uma relação de posse. Na construção serial do exemplo (72), no entanto, esse verbo não é efetivamente relevante, pois não participa do evento descrito, que envolve o ato de colocar algo em evidência para que esse elemento seja percebido por alguém. Colocar algo em evidência, por sua vez, pressupõe intrinsecamente, no caso em questão, a sua posse, o que é indicado pelo verbo *fa* ‘pegar’. No entanto, essa posse, por estar pressuposta no processo descrito, não é essencial ao significado da cena e, assim, demonstra seu papel de verbo funcional, restando-lhe a função de introduzir argumento interno.

Em baulê, devemos considerar que estruturas de um único verbo diferem de estruturas seriais também pela maneira como cada uma ordena os argumentos internos dos verbos. Na estrutura de um único verbo, como já vimos, a ordem é [S V OI OD]. Na serial, temos: [S V OD V OI]. Na construção serial, é necessário um verbo em posição V1 para introduzir o argumento interno, como observamos no exemplo (75). Esse verbo, no entanto, apesar de não ser verbo pleno, é apto a ocupar uma posição de verbo na construção, pois, ao adequar seu conteúdo lexical ao sentido da construção, passa a ser verbo funcional, introduzindo o argumento de V1 que receberá papel semântico de tema. Assim, a introdução de *fa* como V1 na construção serial é essencial para a sua estrutura sintática e, da mesma maneira, imprime ao conteúdo informacional da construção um valor essencial, o que nos leva a afirmar que uma mudança no nível sintático acarretaria mudança em seu significado.

Caso semelhante observamos no exemplo seguinte:



## PEGAR

fa ‘limpar’

Trajeto: ele ‘agente’

Marco: kun wun ‘um corpo’

O verbo **fa** aparece aqui ainda mais distante de seu sentido prototípico, estando assim mais gramaticalizado. O verbo **nunu** ‘limpar’, por sua vez, mantém o seu conteúdo semântico básico e institui relação de transitividade entre o argumento externo (trajeto) e o argumento interno (marco). A relação designada pelo *profile* de **nunu** é: X causa algo a Y. Essa relação é também a que se desprende da construção toda, o que pode indicar que o verbo com determinante seja **nunu**, pois coincide com o do *profile* da própria construção.

Veamos o exemplo (75), semelhante aos já apresentados:

(75)

ò fá-lĩ swà ngà mán-ní mí

3Ssg pegar-PERF casa DEM dar-PERF 1Os

**agente**

**tema**

**beneficiário**

‘Ele deu esta casa para mim’

O *profile* determinante nessa construção indica a relação de um agente (trajeto) que leva algo (tema) ao domínio de um beneficiário (marco). Esse *profile* coincide com o *profile* do verbo **man** ‘dar’, que tem o agente (ò) como trajeto e o beneficiário (mí) como marco. A introdução do tema, elemento secundário na relação perfilada, é feita por outro termo da construção: **fa**. O que se faz notar agora é que, em comparação às demais construções analisadas, os itens lexicais selecionados tornam mais evidente o caráter funcional de **fa** em posição V1 e o seu restrito conteúdo semântico. O item escolhido para ser o tema (**sua** ‘casa’) da relação designada no *profile* não permite que o verbo **fa** seja interpretado como verbo pleno, uma vez que não pareceria verdadeiro que um indivíduo pegasse uma casa em suas próprias mãos e a entregasse a alguém. No entanto, prevalece nessa leitura algum vestígio semântico indicativo de posse, aplicado

a algo abstrato ou subjetivo, como a posse (ou domínio) da decisão de dar algo a alguém. Nessa construção, o *profile* do verbo **man** é determinante sobre o de **fa**.

No caso a seguir, **fa** ocupa duas posições na construção – V1 e V2 –, mas aparece com menos conteúdo semântico na segunda posição.

(76)

ì	nì	fà	ì	kóndró	fà	kété	Ø	sú
POSS.	mãe	<i>pegar</i>	poss.	Cobertor	<i>pegar</i>	<i>cobrir</i>	Ø	LOC (por cima)
	<b>Agente</b>			<b>tema</b>				<b>beneficiário</b>

‘Sua mãe o cobre com seu cobertor’

Como V1, ele novamente introduz o objeto direto do verbo que representa o evento descrito. A posição do papel semântico de beneficiário não é preenchida, ou seja, o objeto direto de *kété* ‘cobrir’ é a categoria vazia, mas ele pode ser recuperado pelo discurso, o que significa a possibilidade de inclusão de um pronome para o preenchimento desse espaço. Dessa forma, na construção serial vamos incluir um morfema Ø para indicar que há um beneficiário no evento descrito.

O evento de cobrir alguém com um cobertor indica o seguinte alinhamento entre seus participantes:

trajetor: ì nì ‘sua mãe’	marco: Ø
--------------------------	----------

O verbo **fa** em posição V1 tem como trajetor *ì nì*, a mesma expressão assumida para essa função por V3; o tema (*ì kondro*) é o marco. Contudo, é o alinhamento requerido pelo verbo *kété* ‘cobrir’ que tem proeminência na construção, uma vez que aqui também **fa** não tem todas as propriedades de verbo pleno. A construção completa perfila o ato de cobrir alguém, e não o de pegar o cobertor.

Como já foi comentado, os itens que compõem uma construção serial, bem como qualquer outro tipo de construção sintática, se adéquam a ela de acordo com suas propriedades lexicais e as propriedades da própria construção. Assim, itens lexicais não são esferas estanques com conteúdo semântico fechado. Sua composição semântica se

dá por meio de múltiplos traços. A escolha lexical, portanto, dos termos constituintes de uma construção se mostra como um processo de adequação entre os traços componentes da estrutura lexical e o significado que essa construção impõe. Toda construção se compõe para designar uma determinada cena e os seus elementos constituintes não devem ser vistos como unidades independentes, posicionadas lado a lado sem que estabeleçam qualquer tipo de relação entre si. Consoante Langacker (2002), construções são como colagens, em que seus elementos se sobrepõem uns aos outros para cobrir eventuais lacunas. “Eles **evocam** o todo e o **motivam** em vários graus, mas não o **constituem**” (LANGACKER, 2002: 10)<sup>118</sup>. Comparemos o exemplo (77) a seguir com o exemplo 78.

(77)

ò yō-lī swā ngà m̄n-nī mī  
 3Ss *fazer*-PERF casa DEM *dar*-PERF 1Os  
**Agente** **tema** **beneficiário**  
 ‘Ele fez esta casa para mim’

(78)

ò fā-lī swā ngà m̄n-nī mī  
 3S *pegar*-PERF casa DEM *dar*-PERF 1Os  
**agente** **tema** **beneficiário**  
 ‘Ele deu esta casa para mim’

Na construção (77), também classificada como assimétrica, V1 representa o evento descrito. O verbo *m̄n* ‘dar’ gramaticalizou-se em um marcador introdutor de um beneficiário, com função sintática de preposição. Verbos com conteúdo lexical semelhante ao de DAR podem adquirir novo estatuto em construções seriais em línguas que não têm em sua morfologia um item específico para essa função.

Particularmente, quando verbos que significam DAR ocorrem em construções seriais, com frequência eles se gramaticalizam em

<sup>118</sup> “They **evoke** the whole, and **motivate** it to varying degrees, but they do not **constitute** it.”(grifos do autor).

marcas de beneficiários. Na verdade, isso é parte de um conjunto todo de caminhos de extensão semântica e gramaticalização testemunhado pelo verbo DAR e outros verbos relacionados, o qual não posso explorar aqui (...) (LANGAKER, 2003: 269-70)<sup>119</sup>.

O *profile* determinante será o *profile* da estrutura que corresponder ao *profile* da construção. Na construção (77) acima, temos como *profile* a relação de um agente (trajetor) que realiza algo (tema/marco) para entregá-lo ao domínio de um beneficiário.

FAZER	Trajedor: ò ‘ele’	Marco: swā ngà ‘esta casa’
-------	-------------------	----------------------------

DAR:	Trajedor: ò ‘ele’	Marco: mî ‘mim’
------	-------------------	-----------------

O verbo mais representativo do evento é *yo* ‘fazer’. A função de *man* na construção, nessa relação com o verbo *yo* ‘fazer’, é a de introduzir a ação descrita por esse verbo no domínio do beneficiário. Assim, a expressão inteira tem como *profile* **fazer** uma casa, e não **dar** a alguém.

A escolha dos itens lexicais e o seu posicionamento nas construções acima foi determinante para a elaboração do sentido e da função desses itens na organização sintática. Não estamos afirmando que apenas um único e exclusivo item lexical poderia preencher um determinado espaço na construção. Partimos da premissa de que construções carregam significado em si mesmas (GOLDBERG, 1995). No entanto, o léxico tem o papel de trazer para as construções a sua definitude, ou seja, a partir de um campo semântico amplo no qual se encaixam todos os itens lexicais aptos a preencher uma posição em uma construção, para cada escolha teremos um significado correspondente. O significado, então, se constrói em duas direções: da construção para os elementos constituintes e dos elementos constituintes para a construção (cf. LEITE, 2006: 26).

Voltemos aos exemplos (77) e (78). São duas construções bitransitivas que podem ser representadas nos seguintes esquemas (cf. GOLDBERG, op.cit.):

---

<sup>119</sup> “In particular, when verbs meaning GIVE occur in serial verb constructions, they often grammaticize into benefactive markers. This is actually one facet of a whole complex of paths of semantic extension and grammaticization witnessed for GIVE and related verbs, which I cannot explore here.” (see Lewis 1989, Newman 1996, and Fagerli 2001 for extensive data and interesting discussion).

<u>CONSTRUÇÃO BITRANSITIVA</u>				
Semântica.	CAUSA-RECIP.	Agente	Tema	Beneficiário
Sintática	PRED. V <sub>1</sub> V <sub>2</sub>	Sujeito	Obj1	Obj2
	<b>yo/man</b> 'fazer/dar'	ó 'ele'	<b>swā ngà</b> 'esta casa'	mì '1Os'
'Ele fez esta casa para mim'				

<u>CONSTRUÇÃO BITRANSITIVA</u>				
Semântica.	CAUSA-RECIP.	Agente	Tema	Beneficiário
Sintática	PRED. V <sub>1</sub> V <sub>2</sub>	Sujeito	Obj1	Obj2
	<b>fa/man</b> 'pegar/dar'	ó 'ele'	<b>swā ngà</b> 'esta casa'	mì '1Os'
'Ele deu esta casa para mim'				

As construções analisadas se encaixam num mesmo esquema de predicação apresentando como diferença apenas os termos que preenchem os espaços desse esquema e o verbo que tem proeminência na construção. No primeiro caso, a saliência é dada ao primeiro verbo – **yo** 'fazer' – e o verbo **man** 'dar' cumpre a função de introduzir o argumento (beneficiário) na construção. Contrariamente, no segundo caso, temos o verbo **man** 'dar' como verbo núcleo da construção, e **fa** 'pegar' como secundário e funcional. O mesmo item lexical pode, portanto, ocupar espaços distintos



nas construções e, conseqüentemente, adquirir valores distintos. No exemplo (80), *man* ‘dar’ é verbo pleno, ao passo que, no exemplo (78), ele assume papel de verbo funcional. O fato de integrar uma construção serial dessa maneira não o torna necessariamente um verbo inapto a ocupar o espaço de núcleo em outra construção serial ou de formar uma estrutura de um único verbo.

Itens lexicais que integram construções seriais não perdem necessariamente suas propriedades verbais e não devem ser classificados como verbos defectivos, por adquirirem, em alguns casos, outra função na construção serial. De forma contrária ao que afirma Larson (2005: 74-75), a condição de ser verbo defectivo para integrar uma construção serial não nos parece verdadeira. O que ocorre é a possibilidade de um verbo constituinte de uma construção serial estar em processo de gramaticalização e, assim, adquirir outras propriedades que não propriamente as de um verbo, resultando em uma mudança que o leva a não mais integrar como verbo estruturas sintáticas simples. Essa possibilidade, porém, não se constitui como uma condição obrigatória, e não anula suas propriedades em outras construções, em outros contextos.

Construções bitransitivas podem ser analisadas como estruturas em que X causa Y receber Z e incorporam a noção de que “alguém” está fazendo com que “alguém” receba “algo”. Pode-se identificar aí o caráter universal dessas construções, uma vez que todas as línguas incorporam a ideia de transferência, resultante da elaboração de situações concretas do mundo real. Há uma hierarquia semântica na sequência apresentada que será determinante na elaboração do alinhamento trajetor/marco na medida em que indica os participantes de maior ou menor proeminência no evento descrito.

A construção que tem o verbo *man* ‘dar’ como representante principal da cena descrita é mais prototípica que a construção que tem o verbo *yo* ‘fazer’. A primeira veicula a ideia de transferência a partir do próprio sentido lexical do verbo; a segunda, por sua vez, elabora essa ideia por meio da composição com outro elemento, além do verbo *yo* - no caso, o próprio verbo *man*, que, por extensão metafórica originária de seu uso mais básico, introduz o argumento interno tema no domínio do argumento interno beneficiário.

Goldberg (1995: 142) representou as possibilidades de extensão metafórica de construções bitransitivas por meio de esquemas que também são adequados à análise de construções seriais – simétricas e assimétricas. Numa construção assimétrica, apenas um dos verbos assume a função de predicador, o que a torna equivalente a uma construção de um único verbo, em termos sintáticos. Nas construções simétricas, por sua vez, os verbos têm valência e conteúdo semântico similar ou complementar e se compõem na construção para representar um único evento. Vejamos o esquema a seguir que abrange 3 construções analisadas:

Sem.	CAUSAR/RECEBER	Agente	Recebedor	Tema
Instância/ Significado	PRED	<		>
	↓	↓	↓	↓
		Sujeito	Obj1	Obj2
Sintática	fa/man 'dar' fa/ce 'oferecer' fa/kle 'mostrar'	ó ó ó	mí mí mí	sua nga mango akó

Os verbos que estabelecem a predicação determinante nas construções seriais do tipo acima pertencem a uma mesma rede semântica e conferem aos participantes da cena descrita os mesmos papéis semânticos e gramaticais. De maneira semelhante, o verbo que introduz o objeto direto, mas não atribui a ele nenhum papel semântico, é o mesmo em todas as construções. Para obter-se, então, o sentido designado pela construção é preciso que os verbos possuam em seu conteúdo lexical as atribuições semânticas e argumentais requeridas por ela para compor as relações nela estabelecidas. Segundo Goldberg, as construções restringem a classe de verbos que irá integrá-las, bem como determina o modo como irão combinar-se. Além disso, as relações representadas nos verbos que compõem a construção devem se harmonizar com o sentido próprio da construção. Dessa maneira, deve haver sempre uma compatibilidade

constante entre os itens lexicais e a construção, não sendo, portanto, aleatória tal combinação.

Tomemos, agora, exemplo semelhante do baulê:

(79)

ō    **fā lì**        tānní    ō    **mān nī**    kuājō

3Ssg **pegar-perf.** tecido    3Ssg **dar-perf.** Kuajo

‘Ele deu o tecido a Kuajo’

Em baulê, há dois morfemas alternantes para o aspecto perfectivo, a saber, *lì* e *nī* - este último é empregado antes de sons nasais, como se observa no exemplo anterior. No enunciado, o argumento externo (trajetor) é expresso foneticamente antes do primeiro e do segundo verbo, bem como as marcas aspectuais. O evento descrito é representativo de um encadeamento de ações, permeadas e motivadas por transferência de energia, o que é depreendido dos traços semânticos dos verbos **fā** ‘pegar’ e **mān** ‘dar’.

O termo que preenche o papel de beneficiário (marco) da ação é *Kuajo*, também um dos argumentos do verbo *DAR*, representante da ação principal da cena. O outro argumento é o item lexical *TECIDO*, que desempenha papel temático de “tema” e é introduzido na estrutura do enunciado pelo verbo *PEGAR*. Sebba (1987) chamou esse tipo de verbo, chamado aqui de verbo funcional, de *dummy verbs*<sup>120</sup>, por equivocadamente considerar que estivesse esvaziado de sentido. Por conseguinte, podemos considerar que, pelo fato de o verbo *DAR* carregar a informação mais relevante da cena descrita e representar o evento principal, foi possível que se omitisse o verbo *PEGAR* - de acordo com essa perspectiva, secundário na representação da cena. No entanto, essa opção acarreta a perda de um valor discursivo representado no texto em baulê pelo verbo *fa* ‘pegar’. Essa possibilidade de interpretação resulta do fato de que a combinação dos traços semânticos dos itens lexicais constitutivos de uma construção serial pode resultar em valores que são compreendidos pelo interlocutor apenas no nível discursivo. Esse exemplo é, em parte, semelhante ao exemplo da língua thai, em que o verbo de significado *DAR*, em construções seriais, pode desempenhar a

---

<sup>120</sup> Definição dada neste capítulo.

função de uma preposição introdutora de um argumento com papel semântico de beneficiário ou recipiente, o que demonstra ser um processo de gramaticalização.

### 5.1.2 Introdutoras de instrumento

A tradução literal de um enunciado construído com uma estrutura serial para uma língua que não possui esse tipo de estrutura não é tarefa fácil, pois o sentido da construção serial será veiculado por meio de uma estrutura sintática que poderá não incorporar por completo o significado inicial. Tomando o exemplo a seguir, vemos que é necessário elaborar um enunciado em que o verbo fa ‘pegar’ seja traduzido como uma preposição. Se fosse considerado literalmente como um verbo pleno, o resultado seria uma construção coordenada indicando duas ações consecutivas, mas que não corresponderia ao sentido veiculado pela construção serial. Vejamos o enunciado abaixo:

(80)

bè      fà-̀li              làliè n      kpè-̀li              kpáún      nùn

3Spl   pegar-PERF   faca DET   cortar-PERF   pão      INDET

‘Eles cortaram um pão com a faca’

Trajedor: bè ‘eles’      marco: kpáún      nùn ‘um pão’
---

Temos uma construção indicativa de uma ação (kpè ‘cortar’) realizada por um agente (bè ‘eles’), com o auxílio de um instrumento (làliè ‘faca’). Essa ação atua sobre um objeto X, modificando seu estado ao ser finalizada. O participante principal (trajedor) é representado pelo pronome de terceira pessoa do plural **bè**; o participante secundário, que tem seu estado modificado, é **kpáún** (marco). Trata-se de uma construção resultativa, que se encaixa na representação semântica de “X faz com que Y se torne Z”, expressa, neste caso, sintaticamente por uma construção serial. São necessários, portanto, os seguintes elementos: i) ter um SN na posição de sujeito ou

objeto que seja apto a uma mudança de estado; ii) o SN deve permitir e aceitar a característica que a construção e os verbos lhe imputam.

Contudo, nessa construção, o que é mais relevante para nossa análise é o fato de que um dos elementos que integram a cena descrita na construção resultativa seja introduzido por meio do recurso da serialização. O instrumento que realiza o processo de cortar e, conseqüentemente, possibilita o resultado desejado é expresso pela composição **fà-lì làliè** n, ou um verbo + um nome.

O entendimento de que se trata de uma construção resultativa também pode revelar porque o verbo **fa** ‘pegar’ se encaixa nesse tipo de construção serial. Se interpretarmos tal verbo em seu sentido prototípico de verbo pleno, teremos a representação de duas ações: *pegar a faca e cortar o pão*. Por extensão metafórica, e ainda considerando o verbo **fa** como verbo pleno, podemos ter o sentido de *pegar a faca para cortar o pão*. Dessa forma, é possível imaginar que o ato de pegar a faca ocorra apenas para viabilizar a realização de um movimento, no caso, cortar o pão. Esse movimento, por sua vez, gera um determinado resultado: o de ter o pão cortado. Nessa perspectiva, a cena principal representada é a de cortar o pão, e não a de pegar a faca. Portanto, o verbo **fa** ‘pegar’ perde seu estatuto de verbo pleno e acaba por adquirir a função de introduzir o instrumento com o qual se realiza o processo de cortar o pão para chegar ao resultado desejado: ter o pão cortado.

Não estamos aqui afirmando que sentenças seriais são derivadas de sentenças coordenadas, mas apontando semelhanças entre elas e um possível caminho no processo de mudança, o que não significa postular que todas as construções seriais tenham percorrido esse caminho.

Assumimos o princípio da Linguística Cognitiva de que o homem incorpora em sua linguagem suas experiências sensório-motoras básicas, como transferência, posse, movimento, entre outras. Nessa perspectiva, nossa vivência no mundo se relaciona diretamente com a maneira como estruturamos a linguagem verbal. O emprego de um item lexical que expresse prototipicamente um movimento indicativo de posse, como é o caso do verbo **fa** ‘pegar’, em uma estrutura sintática que descreve um processo que, por meio também da posse e da utilização de um determinado instrumento – introduzido pelo verbo **fa** –, resulta na mudança de estado de um objeto, só é possível por meio de

extensões metafóricas das possibilidades de uso desse verbo. Em baulê, portanto, uma das maneiras de representar a mudança de estado é por construções seriais que tenham como V1 o verbo **fa** ‘pegar’.

A utilização do verbo **fa** em construções introdutoras de instrumento também nos coloca diante das características já observadas nas construções introdutoras de beneficiário: no nível sintático, temos verbos que ainda manifestam propriedades verbais, tais como portar índice aspectual e introduzir argumentos, porém, quando observamos o nível semântico, esses itens não correspondem propriamente à função verbal. Portanto, apresentam-se como itens lexicais híbridos, ou semilexicais<sup>121</sup> (HAGEMEIJER, 2001). No exemplo (80), o verbo **fa** é predicador do argumento externo e de um argumento interno, além de portar a marca aspectual e ocupar posição de verbo na construção. Por outro lado, sua função sintática nessa construção é a de introduzir o sintagma nominal **làliè n**.

Para compreender a relação conceitual e semântica entre os verbos, vamos verificar na construção o alinhamento conceitual entre os participantes do evento descrito e, em seguida, o alinhamento estabelecido por cada verbo separadamente. Dessa maneira, poderemos discriminar qual termo apresenta o alinhamento que mais se adéqua ao que está proposto na construção e, assim, adquire maior proeminência.

No exemplo (80), o evento descrito é o de cortar o pão com uma faca, representado numa construção serial constituída por dois verbos: **fa** ‘pegar’ e **kpe** ‘cortar’. A representação conceitual do alinhamento entre os participantes dos processos descritos por esses verbos é:

<b>fa</b> ‘pegar’	trajetor: <b>bè</b>	marco: <b>làliè n</b>
<b>kpe</b> ‘cortar’	trajetor: <b>bè</b>	marco: <b>kpáún nùn</b>

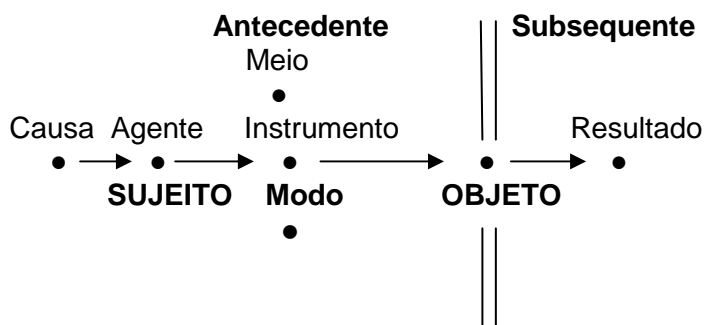
A semelhança entre os alinhamentos está no fato de ambos terem como trajetore, ou seja, participante focal, representado pelo pronome sujeito **be**. A diferença entre eles

<sup>121</sup> Ou verbos funcionais, conforme definição proposta por Castilho, 2010.

está, por sua vez, nos elementos que estabelecem como marco, enquanto *fa* tem nessa posição o instrumento *faca* (*làliè n*), *krɛ* confere esse papel ao objeto cortado (*kpáún nùn*), coincidindo com o alinhamento estabelecido pela própria construção serial. Se, então, considerarmos que a construção como um todo representa um único evento - e esse evento é o de cortar um pão -, então, teremos que o sintagma nominal representativo do trajetor da construção é *kpáún nùn*. Por sua vez, o item verbal que representa de maneira central o evento em questão é o próprio verbo *krɛ* ‘cortar’, já que em termos conceituais o alinhamento de *fa* não afina com o alinhamento exigido pela construção, o que torna *fa* elemento de menor proeminência e permite que ele adquira função prepositiva, perdendo algumas de suas propriedades verbais.

A transposição da construção serial – composta por mais de um verbo – a um esquema sintático de construção com apenas um verbo poderia, neste caso, ser feita por meio de um esquema de construções resultativas (cf. GOLDBERG, 1995). Para isso, vamos considerar inicialmente a seguinte a representação de uma cadeia causal (cf. CROFT 1991: 185).

**Figura 3**

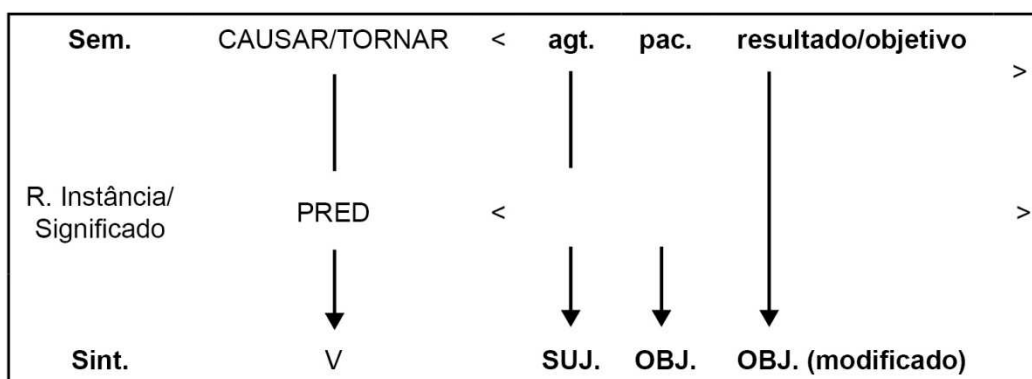


Agora, considerando o exemplo (80), teremos:

Sujeito	<i>bè</i> ‘eles’
Instrumento	( <i>fa</i> ) <i>làliè n</i> ‘uma faca’
Objeto	<i>kpáún nùn</i> ‘um pão’
Resultado	<i>krɛ-li</i> ‘cortar-PERF’

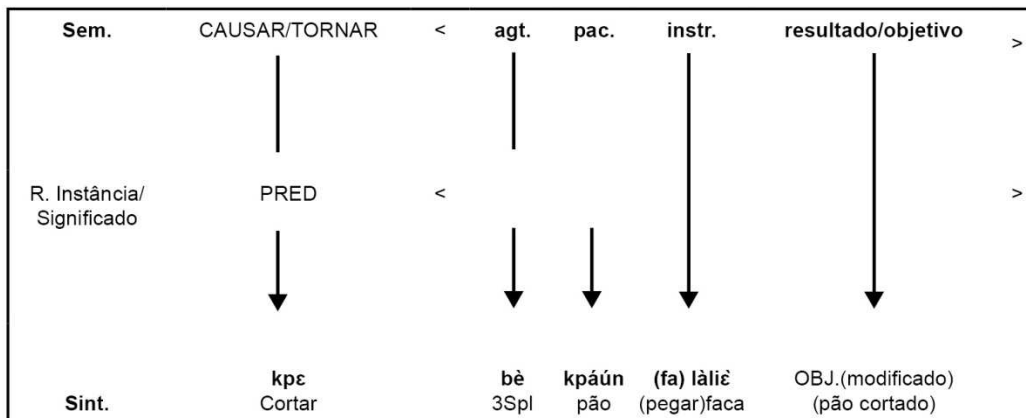
Por essa representação, é possível visualizar também o papel secundário de *fa* na descrição do evento, uma vez que esse elemento se mantém como verbo apenas no nível sintático da construção serial, mas não sustenta no nível semântico suas propriedades verbais e, assim, torna-se um elemento mais funcional que lexical. A designação do resultado do processo é dada pela própria estrutura morfológica do verbo *κρε-λι* ‘cortar-PERF’, pois se *Eles cortaram o pão* pode-se deduzir que o pão esteja cortado.

A possibilidade de utilização para a análise de construções seriais de esquemas sintáticos inicialmente propostos para representar construções formadas por um só verbo é admissível porque, numa estrutura serial, apenas um dos verbos que a constitui mantém sua função de verbo pleno. Desse modo, o outro verbo ocupa a posição sintática de um verbo apenas para introduzir na estrutura um dos argumentos internos, mas não se estabelece plenamente como tal. Esse gênero de construção serial, portanto, denominado **assimétrico**, tem um único verbo núcleo como predicador de argumentos, o que determina sua similaridade com as estruturas formadas por um único verbo. Há, por outro lado, também as construções seriais **simétricas**, constituídas de verbos que, por terem traços semânticos semelhantes, se combinam de modo a representar uma única cena. Os argumentos desse tipo de construção se comportam como argumentos de um único predicador, fazendo com que sua estrutura sintática também seja comparável à estrutura de uma construção formada por um único verbo. Construções seriais, portanto, se circunscrevem a esquemas sintáticos e semânticos aplicáveis à maioria das línguas naturais para construções formadas por um único verbo. A seguir, o quadro proposto por Goldberg (1995) para as construções resultativas mais básicas, como a do exemplo da construção serial:





## Construção resultativa transitiva



Por meio desse esquema, podemos identificar mais claramente que **fa** não é predicador de argumentos na construção, mas sim o introdutor do item lexical com papel de instrumento. É preciso notar que, apesar de não ter papel proeminente na construção, **fa** não pode ser omitido sem que isso seja convertido em agramaticalidade, visto que as posições já discriminadas na estrutura são um dos elementos que contribuem para a elaboração do sentido. O objeto modificado não integra a construção, mas pode ser inferido principalmente do sentido lexical do verbo e de sua marca aspectual de perfectivo, indicativa de uma ação que ocorreu no passado e foi finalizada.

A possibilidade de que um mesmo item lexical integre diferentes construções não resulta de um caso de polissemia semântica. Ao contrário, o item lexical não traz em si todos os sentidos possíveis, e sim traços semânticos e uma estrutura argumental que se adaptam às construções da língua e geram diferentes significados: “(...) a semântica de (e os limites dela) expressões inteiras é diferente toda vez que um verbo estiver em uma diferente construção. Mas essas diferenças não devem ser atribuídas aos diferentes sentidos do verbo; elas são parcimoniosamente atribuídas às próprias construções”<sup>122</sup> (GOLDBERG, 1995:13). Podemos acrescentar, ainda, que o princípio da economia linguística corrobora a concepção de elaboração do significado e harmonização entre léxico e sintaxe. O exemplo (80) sob análise é revelador dessa integração léxico-sintaxe e nos mostra que **fa** se incorpora à construção serial, adquirindo novo sentido e nova função, uma vez que os traços que compõem seu corpo

<sup>122</sup> “ (...) the semantic of (and constraints on) the full expressions are different whenever a verb occurs in a different construction. But these differences need not be attributed to different verb senses; they are most parsimoniously attributed to the constructions themselves”

semântico mais prototípico e sua estrutura argumental se adequaram ao sentido da construção. O significado das expressões linguísticas é o resultado da composição dos constituintes menores que a integram e das restrições sintáticas que determinam essa combinação. Essa premissa pressupõe, ainda, que o sentido é elaborado a partir da construção, e não do léxico que a compõe. Assim, a construção serial de sentido resultativo que tem a estrutura [S V1 OBJ1 V2 OBJ2] permite que a posição V1 seja ocupada por um verbo cumpridor da função de introdutor de instrumento – a posição V2 é formada por um verbo pleno; o sujeito não é obrigatoriamente repetido antes de V2; os argumentos internos seguem a ordem OD OI; na posição de OD temos um item lexical com função semântica de instrumento. Os itens que preencherem as posições dadas na construção deverão, portanto, cumprir as relações sintáticas e semânticas estabelecidas previamente na construção.

### 5.1.3 Comparação

Observemos o exemplo a seguir:

(81)

ì    **ijò**    ní    mí    **trà**            ò

3Ss **falar** com 1Os **ultrapassar** 2Os

‘Ele fala mais comigo do que com você’

Falar      trajetor ì ‘ele’    marco    ní    mí ‘comigo’
---

Ultrapassar    trajetor mí ‘1Os’    marco    ò ‘você’
---

A comparação em baulê por meio de construções seriais se depreende da relação estabelecida pelo verbo **tra**, em posição V2, entre dois termos constituintes da construção. Esse verbo, em processo de gramaticalização, atua como um morfema relacional e resulta de um mecanismo de metáfora-metonímia que insere num contexto não prototípico o item lexical de base.

A percepção de que o verbo **tra** ‘ultrapassar’ estabelece nessa construção uma comparação emerge do fato de o sentido desse verbo, nessa posição, dialogar com o seu

próprio sentido de base, permitindo assim a mudança semântica. A composicionalidade do significado da construção se evidencia neste caso por meio de uma estrutura parcialmente especificada, ou seja, com alguns termos componentes previamente determinados e fixos, uma vez que é necessário que *tra* ocupe a posição V2 e o termo em posição V1 seja representativo de experiências humanas diversas. Essa restrição imposta à construção serial acima indica que as construções divergem entre si no que tange a sua especificação formal interna.

Vamos considerar aqui a proposta de Heine et al (1991), que identificaram 5 categorias cognitivas representativas da variedade de domínios conceituais estruturadores das experiências humanas, os quais abrangem, numa escala da esquerda para a direita, experiências mais concretas a menos concretas. Cada uma dessas categorias se constitui de uma diversidade de traços que são mais ou menos proeminentes em decorrência do contexto linguístico em que são aplicados. A escala organizada por Heine et al (op.cit.) obedece à seguinte ordem:

PESSOA>OBJETO>ATIVIDADE>ESPAÇO>TEMPO>QUALIDADE

Em um processo de gramaticalização, os itens lexicais tendem a encaixar-se gradativamente numa categoria mais gramatical e distinta de sua categoria originária. Se considerarmos a construção acima, o verbo gramaticalizado desarticulou-se de uma categoria classificada como ATIVIDADE, adaptando-se de forma satisfatória à categoria QUALIDADE, que se traduz nas línguas por meio de relações mais abstratas ou mais diretamente relacionadas ao próprio sistema linguístico. De acordo com a proposta dos autores, o constituinte que prototipicamente está em conformidade com a categoria QUALIDADE é o de modificador.

A premissa fundamental da GC compreende a gramática como uma instância simbólica por natureza. Esse caráter simbólico se revela na língua por meio de estruturas constituídas de um pólo semântico e outro fonológico que se combinam e formam um conjunto de construções complexas. A maneira como tais estruturas se organizam define a gramática de uma língua.

No caso analisado, a construção serial se manifesta como um recurso sintático capaz de traduzir um mecanismo mental que alude a duas unidades e procura identificar relações de semelhança ou disparidade entre elas. Nesse exemplo específico, a

comparação é desencadeada por um determinado ser animado (um homem ou uma mulher) acerca de uma mesma atividade (falar) realizada por ele e um participante X, e por esse participante X e um participante Y. O participante que estabelece a comparação traz para o discurso construído a sua própria conceitualização a respeito de um evento concreto, no caso, o próprio ato discursivo. Partindo, então, da elaboração que faz mentalmente sobre esse evento, o falante irá percorrer o seu conjunto de conhecimentos sobre a língua e depreenderá dele uma construção apta a veicular a informação previamente elaborada. A escolha da estrutura serial acima, bem como dos itens que preenchem os espaços nela determinados é, portanto, resultante da habilidade cognitiva desse falante.

Os participantes focal e secundário do evento descrito no exemplo (81) são:

Trajedor:	ì	<b>ìjò</b>	ní	mí	<b>trà</b>
					‘Ele fala mais comigo’
Marco:	ì	<b>ìjò</b>	ò		
					‘do que (fala) com você’

Como observamos no quadro, por não haver elementos conectivos que estabeleçam as relações entre os termos, a exemplo do que se vê em línguas como o inglês, o português e o espanhol, a escolha dos termos em baulê que se caracterizam como trajedor e marco nos obriga a um desajuste no ordenamento instituído pela construção serial. Os termos que compõem a estrutura sob análise portam um conteúdo semântico específico e a relação entre esses conteúdos se faz por meio de inferências que os falantes são capazes de estabelecer, tendo como parâmetro os próprios conteúdos semânticos em questão e a posição que cada termo ocupa na construção. Além disso, essas inferências só são possíveis porque o falante tem em sua competência linguística a habilidade de manejar as unidades simbólicas da gramática de sua língua.

A depreensão do significado está atrelada, então, ao conhecimento que o falante tem das unidades simbólicas e do conjunto de princípios que permite a sua combinação em sequências interpretáveis e bem-formadas. O enunciado terá êxito e o sentido será depreendido somente se o falante for capaz de preencher corretamente os espaços da construção com unidades que correspondam ao significado atribuído a cada espaço e se relacionem de modo satisfatório. No caso específico da construção serial indicativa de

comparação, é necessário ao falante – assim como ao(s) seu(s) interlocutor(es) – saber que o verbo que ocupa a posição V1 representará o evento em comparação, que os termos das posições OBJ1 e OBJ2 são termos relacionados ao evento comparado e que o verbo em posição V2 não é um verbo pleno, mas o termo que estabelece a comparação. Vejamos outra possibilidade de construção serial comparativa em baulê:

(82)

ì wún tí gbà andè **trà** ànúmàn

3Ss se **ser** bem hoje **ultrapassar** ontem

‘Ele se sente melhor hoje do que ontem’

Temos uma comparação entre a condição física de um determinado indivíduo no dia em que se produziu o enunciado e no dia anterior. Nota-se aqui a mesma estrutura sintática do exemplo anterior, na qual se identifica em posição V1 o verbo predicador e em posição V2 o que se gramaticalizou e atua na construção como um morfema relacional de função comparativa.

O caráter composicional da construção se evidencia em termos de restrições que contribuem para a elaboração do sentido, como se observa na obrigatoriedade de que esteja na posição V2 o termo ‘tra’, que estabelece a comparação. Esse termo é, nesse gênero de construção serial, invariável, o que torna a estrutura parcialmente determinada, conforme o que foi assinalado sobre a construção do exemplo 82. A construção estabelece, ainda, que o primeiro termo da comparação, ou seja, o que antecede **tra**, fique em condição de superioridade em relação ao segundo termo, ou o que sucede **tra**.

Consoante a tipologia da própria língua, que depreende significado do ordenamento dos argumentos em uma estrutura simbólica, a construção serial comparativa também imputa a esse ordenamento uma estratégia de atribuição de sentido. Ao produzir o enunciado, o falante já tem como pressuposto que o OBJ1 será o termo sobre o qual incidirá o valor de superioridade na comparação instituída com o OBJ2, e que esse conhecimento é também compartilhado pelo seu interlocutor. A informação veiculada pela construção serial somente será efetivada se os interlocutores conhecerem a estrutura sintática utilizada, se forem capazes de realizar as inferências

necessárias para a elaboração do sentido e empregarem o léxico apropriado. A apreensão do valor comparativo da construção serial analisada se dá principalmente por um mecanismo de extensão metafórica no qual o ouvinte interpreta o verbo *tra* (ultrapassar) num contexto novo, em que serão selecionados apenas os traços semânticos desse verbo mais apropriados a se adaptar à nova situação linguística. Conseqüentemente, *tra* não será interpretado como um verbo, mas como o termo que estabelece a comparação de superioridade.

O campo semântico do verbo *tra* ‘ultrapassar’ abrange as noções de extrapolar, ser superior, exceder, aplicáveis no contexto referido pela construção serial. Os elementos implicados na comparação são o evento descrito pelo verbo predicador dos argumentos e os termos nas posições OBJ1 e OBJ2. Considerando o alinhamento entre participante focal e secundário, temos:

Trajedor: ì wún tí gbà andè	Marco: trà ànúmàn
Ele se sente melhor hoje	do que (se sentia) ontem

Esse alinhamento torna mais evidente que a situação representada como trajedor é a que está em condição de superioridade em relação à situação representada como marco. A comparação se estabelece, então, não entre os termos *andè* ‘hoje’ e *ànúmàn* ‘ontem’, mas entre a condição física de um indivíduo no dia de hoje e essa mesma condição no dia anterior.

Vamos considerar que estruturas seriais sejam possíveis pois as línguas produzem um conjunto substancial de construções para acomodar as necessidades discursivas e as mais variadas circunstâncias. Diante das necessidades discursivas, os falantes se apropriam de seu conhecimento prévio das regras das línguas e estabelecem relações mentais capazes de produzir novos enunciados, algumas vezes com novas estruturas. Em baulê, a comparação também pode ser estruturada num enunciado formado por apenas um verbo ‘*tra*’, como veremos no exemplo (83) abaixo, extraído de Kouadio (2000: 84). A origem de uma construção serial comparativa que relaciona um

único evento a dois referentes distintos pode ter sido motivada por essa construção de um único verbo – o verbo tra. Vejamos o exemplo abaixo:

(83)

n̄ tr̄ Kwàkoū àfwē ñsjē

1Ssg ultrapassar Kuakou ano seis

‘Eu tenho seis anos a mais que Kuaku’

A possibilidade de constituir estruturas comparativas de um só verbo demonstra que tr̄ já comporta em sua semântica lexical a noção de excesso, de superioridade, traço que propiciou sua inserção em construções seriais como um elemento funcional. Nessa estrutura, vejamos como ocorre o alinhamento trajetor/marco:

Trajeto: n̄	Marco: Kwàkoū
-------------	----------------

Se compararmos esse alinhamento com o do exemplo (86), observaremos que aqui o trajetor (n) também é o termo que adquire caráter de superioridade na comparação traçada com o marco (Kuakou). Além disso, na estrutura acima, a posição dos argumentos veicula a mesma informação semântica prevista para a serialização: o elemento que antecede tr̄ é superior em relação ao que o sucede. Nos casos semelhantes ao exemplo (83), o argumento externo antecede o verbo, e o interno o sucede; no caso das construções seriais, são os argumentos internos que ocupam essas posições.

A compatibilidade de um item lexical em uma determinada estrutura sintática é diretamente proporcional à adequação de sua semântica lexical à semântica da construção. No entanto, nem todos os traços semânticos desse item estarão em evidência em um novo contexto, o que implica uma adequação aos limites da construção à qual ele pertencerá. Nas sentenças comparativas formadas de apenas um verbo, tra é o verbo principal e o único predador, ao contrário do que ocorre nas construções seriais, em que tra é o elemento que firma a comparação do evento - representado pelo verbo em posição V1 - com dois referentes, e não o que designa o

evento central na comparação. O valor desse item lexical dependerá do contexto em que esteja aplicado, sempre considerando a interação entre os termos que compõem a estrutura sintática e entre as propriedades dessa estrutura (cf. ROBERT, 2008: 61).

Consideremos, ainda, outro exemplo de comparação:

(84)

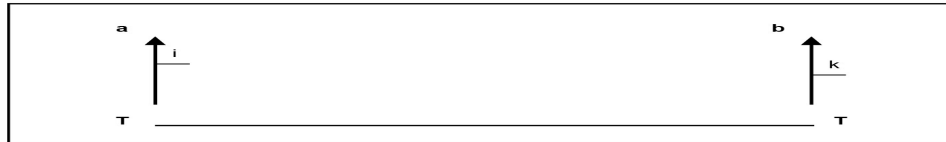
ó      dī      jùmān      ō      trà      mī  
3Ssg    **fazer**    trabalho    3Ssg    **ultrapassar**    1Osg  
'Ele trabalha mais do que eu'

Nesse exemplo, temos uma configuração um pouco distinta das anteriores, mas que se mantém nos limites caracterizadores de construções seriais em baulê. Aqui, observamos um evento comparado a um único referencial, ao contrário do que ocorre nos exemplos (83) e (84), em que há dois referentes. Outra particularidade é o fato de o pronome sujeito ser repetido antes de V2, traço indicativo do caráter híbrido de *tra*. Há, ainda, o fato de a representação do evento em comparação ser designada por uma construção formada por V1+SN, de onde se depreende que a atividade do trabalho é, em baulê, representada pela construção *di* 'fazer' + *jùmān* 'trabalho'. Nessa unidade simbólica, tal atividade é concebida como a realização de algo e o seu significado só é depreendido porque os falantes e ouvintes envolvidos no ato comunicativo em que esse enunciado foi produzido compartilham o mesmo modelo cultural construído localmente. Considerando que os termos empregados nessa designação compreendem dois tipos de instâncias básicas das línguas: verbos e nomes – os primeiros designam processos, e os segundos, objetos ou entidades abstratas – temos que a elaboração do conceito de trabalhar evoca a concepção de uma atividade que se realiza em função de uma entidade abstrata, o próprio trabalho.

A construção serial elabora um *profile* que contrasta dois valores de uma mesma atividade instanciada para dois indivíduos distintos (ele e eu), evidenciando que, numa escala comparativa, um deles está em grau superior ao outro. Nesse *profile*, estabelece-se que o evento representado pela sequência *ó dī jùmān* é designado como trajetor, e o pronome *mi* é o marco. Esse processo contrastivo tem como referência o mundo real, mas não acontece nele, envolvendo um processamento cognitivo que contém em si



operações mentais, como a percepção e a imaginação, e o sistema sociocultural no qual se inserem os códigos e as regras estabelecidos pela gramática da língua. O esquema a seguir ilustra a relação contrastiva das construções comparativas, tomando como base o exemplo 89<sup>123</sup>:



Tia>Tkb

ó dī jùmān ā trà mī

‘Ele trabalha mais do que eu’

Se, por outro lado, utilizarmos os elementos do exemplo (88), teremos:

<sup>123</sup> Os gráficos foram inspirados no texto de Salomão (2006), referente à palestra apresentada em 26 de maio de 2006 no II FORUM DE LINGUAGEM NO FORUM DE CIÊNCIA E CULTURA da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ.



numa comparação representada por uma estrutura de um único verbo. Podemos depreender, então, que construções seriais comparativas sejam analisadas estruturalmente em termos de construções de um único verbo e a diferença que se estabelece entre elas reside no fato de que, na serialização, as informações de comparação e do grau de superioridade são dadas principalmente pelo verbo *tra* em relação a um outro verbo, que representa um evento ou uma instância; ao passo que, na estrutura sintática de um só verbo, o próprio evento descrito é o evento de ultrapassar<sup>124</sup>, exceder, designado por *tra*, que traz em seu próprio conteúdo lexical as informações de comparação e superioridade.

#### 5.1.4 Indicativas de modo

Como já vimos, é possível representar a maneira como um determinado evento ocorreu por meio de construções seriais.

(86)

**è      sú      wàndi      bá**

1Spl **PROG** **correr** **chegar, vir**

‘Nós chegamos correndo’

Trajeto: Nós      marco: não tem

No caso acima, o enunciado descreve a maneira como se realiza um determinado movimento, representado por um verbo intransitivo (**ba**). O participante focal é designado pelo pronome pessoal em posição de sujeito da sentença (**è**) e não há participante secundário. A peculiaridade da construção está no fato de ela descrever um processo télico e enfatizar não a sua conclusão (que daria o sentido do verbo chegar), mas seu desenvolvimento, sem veicular a informação de que o evento de chegar tenha necessariamente se realizado. A construção, da maneira como foi estruturada, não pode ser interpretada como uma resultativa, pois não perfila o momento final em que seria

---

<sup>124</sup> Apenas como ilustração: o advérbio *ultra*, latino, significa ‘além, do outro lado’. Daí, pode-se depreender, por metáfora, ‘além de uma marca, exceder etc’.

referendada a realização completa do movimento de chegar. É certamente mais bem representada como instância de uma construção intransitiva de movimento que expressa uma determinada finalidade (chegar) por meio de um movimento específico (correr). Vejamos sua representação

Sem	MOVER	tema	objetivo
	PRED		
Sint	V	Suj	Verbo
	<b>sú wàndi</b>	è	<b>bá</b>
	correr(ndo)	1Spl	chegar

Por tratar-se de uma construção serial, o verbo em posição V1(**wàndi**) adquire função de nominal por meio da marca aspectual de progressivo, indicando a circunstância em que a ação (**wàndi**) se realizou. A natureza simbólica das línguas permite com que o falante estabeleça relações entre os termos da construção em questão e a interprete não como dois eventos simultâneos, mas como um único evento descrito por meio de uma estrutura que evidencia a maneira como ele se realizou. Dessa forma, o falante depreende o sentido do enunciado pela leitura que faz das informações sintáticas, semânticas e pragmáticas da sentença.

### 5.1.5 Indicativas dos participantes de um evento

(87)

Bè dī bé kpè mī

3Spl comer 3Spl cortar 1Os

‘Eles comem sem mim’ (Eles comem sem me convidar para comer)

Trajedor: Bè ‘eles’

Marco: mī ‘mim’

A estrutura acima assemelha-se formalmente às construções seriais comparativas analisadas anteriormente, em que um dos verbos representa de forma principal o evento e o outro indica algum tipo de relação entre o participante focal (trajedor) e o participante secundário (marco) desse evento. No caso acima, o V2 indica que o evento

de comer foi realizado pelo participante principal sem a inclusão do participante secundário. Nessa perspectiva, V2 está apto a atuar como um elemento que estabelece uma relação entre os participantes, pois traz em sua composição semântica a noção de apartar, separar, eliminar, permitindo assim que se veicule, por meio de um processo metafórico, uma relação de exclusão, ou a ideia de que um dos participantes tenha sido cortado do evento representado.

A posição que os itens lexicais ocupam na construção contribui para a elaboração de seu significado, bem como para as relações sintáticas entre os mesmos, o que nos leva a afirmar que a inversão da posição dos verbos acarretaria mudança (ou perda) de sentido na construção. Como já observamos nas demais construções analisadas, o sentido lexical dos elementos constituintes deve adequar-se à própria semântica e sintaxe da construção para que o significado seja veiculado.

O valor semântico atribuído ao verbo κρε ‘cortar’ é apreendido pelos falantes de baulê nesse tipo de construção pois a maneira como tal comunidade linguística apreende o mundo e estabelece as relações entre os itens lexicais possibilita isso. Além de nossas habilidades sensório-motoras, nosso conhecimento de mundo é da mesma forma um dos fatores que contribuem para a composição do inventário linguístico.

A perspectiva do falante que elaborou o enunciado é outro ponto a ser reputado. Neste caso, ele é representado pelo pronome objeto de primeira pessoa mī e confere ao falante o status de participante secundário do evento. Em termos semânticos, esse participante secundário é excluído do evento descrito, mas integra a estrutura sintática da construção.

A cena descrita constitui o ponto de vista, ou perspectiva, do falante sobre um determinado evento do qual ele não participa. No entanto, esse falante é um dos elementos constituintes do enunciado, pois se coloca na construção como um elemento que excluído da cena principal descrita e, portanto, um participante que não tem efetivamente qualquer atuação no evento. A informação veiculada por esse enunciado compreende a cena descrita e a noção de que alguém fora dela excluído. Por esse exemplo, vemos que o conteúdo informacional de um enunciado é apreendido não apenas da cena descrita, mas das relações estabelecidas por todos os termos constituintes da construção.

Podemos analisar separadamente os termos que desempenham papel de trajetore e marco em relação a cada um dos verbos da construção. Se tomamos inicialmente

dī (comer), identificamos bè (3Spl) como trajetor e nenhum termo como marco; ao observarmos o segundo verbo kpe ‘cortar’, depreendemos be também como *trajetor* e mī (1Os) como marco. Para ambos os verbos, corresponde o mesmo termo como trajetor, mas o marco é especificado apenas pelo verbo em posição V2. A relação entre esses termos, bem como a sobreposição coincidente entre o trajetor de V1 e V2 resulta num alinhamento entre os participantes da construção, que tem como trajetor bè e marco mī.

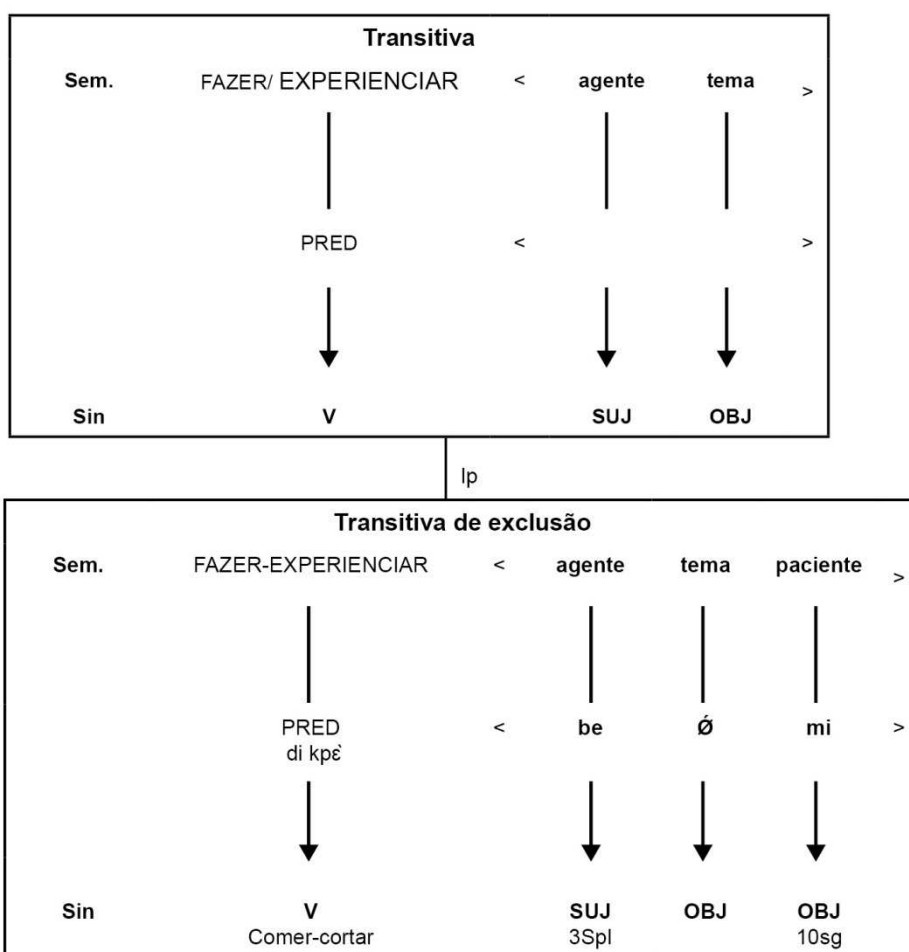
A organização sintática da sentença se encaixa numa construção transitiva em que um elemento X faz ou experiencia Y sem a participação de Z. No enunciado analisado, o termo representado por Y foi omitido, demonstrando a possibilidade de ser inferido pelos interlocutores<sup>125</sup>. Essa estrutura, então, pode ser interpretada como uma variação polissêmica de uma construção central transitiva do tipo em que X faz ou experiência Y. Segundo Goldberg (1995: 75): “Ligações polissêmicas capturam a natureza de relações semânticas entre um sentido particular de uma construção e qualquer extensão desse sentido. As especificações sintáticas do significado central são herdadas pelas extensões”.<sup>126</sup>

O sentido central da construção transitiva está, portanto, relacionado a cada extensão particular por meio de um link que indica polissemia (lp). Assim, efetuando essa correspondência, temos: X (bè) fez-experenciou Y (dī) sem Z (kpe mi).

---

<sup>125</sup> Seria aceitável também que o verbo fosse intransitivo, o que também tornaria a construção intransitiva.

<sup>126</sup> “Polysemy links capture the nature of the semantic relations between a particular sense of a construction and any extensions for this sense. The syntactic specifications of the central sense are inherited by the extensions”.



‘Eles comem sem mim’

A estrutura herdada preceitua que sua predicção seja requerida por V1 e V2 para que sejam estabelecidas as relações sintáticas e semânticas entre seus termos constituintes. No entanto, a leitura que se faz da estrutura necessita da interpretação pragmática dos interlocutores para que todo o conteúdo informacional do enunciado seja compreendido. Apenas o conhecimento linguístico e a capacidade de inferir e realizar metáforas dos seres humanos possibilitam tal procedimento.

## 5.2 CONSTRUÇÕES SIMÉTRICAS

A representação de um evento por meio de uma construção serial simétrica implica a seleção de verbos que tenham conteúdos semânticos semelhantes e se encaixem numa estrutura que não dá proeminência a nenhum dos termos, mas sim à



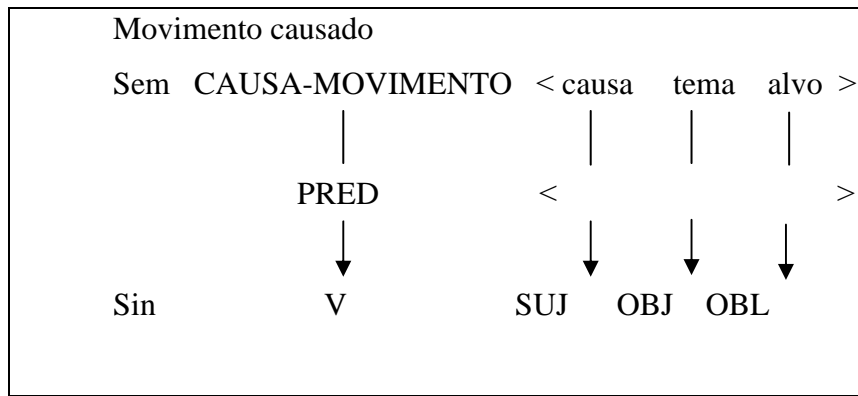


em/para algum lugar, fite e kō compõem a ideia de “movimento em direção a algum lugar” e corroboram a concepção de que o significado não é depreendido apenas dos verbos, mas da construção como um todo. A noção de composicionalidade construcional é bastante evidente nos processos de serialização, uma vez que os itens verbais não se apresentam como formas estanques e indissociáveis, formando entre si uma integração condizente à que se pressupõe haver entre os termos da própria construção.

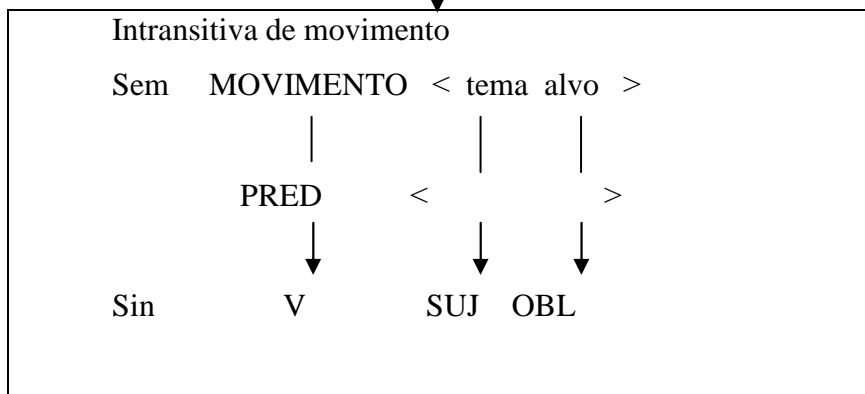
Goldberg considera construções intransitivas de movimento como derivadas de construções de movimento causado, uma vez que “As especificações sintáticas e semânticas de uma construção de movimento intransitivo são uma subparte das especificações sintáticas e semânticas da construção de movimento causado”<sup>128</sup> (Goldberg, 1995: 78). A desproporção entre elas reside na ausência de um termo especificador da causa do movimento na construção intransitiva de movimento, indispensável para caracterizar a construção de movimento causado. A relação entre ambas está representada nos diagramas a seguir (cf. idem, ibidem).

---

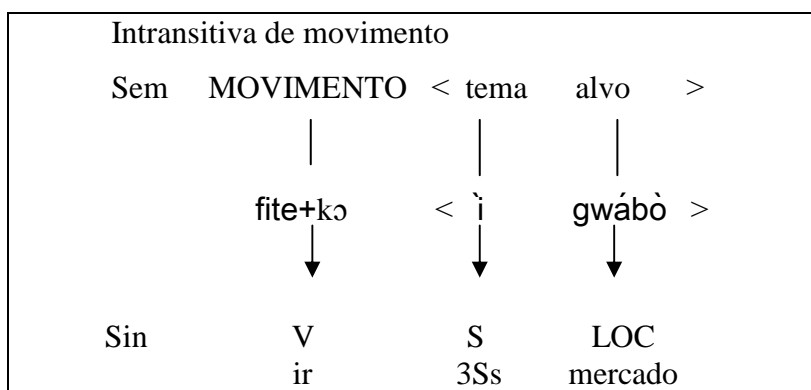
<sup>128</sup> “The syntactic and semantic specifications of the intransitive motion construction are a subpart of the syntactic and semantic specifications of the caused-motion construction”



H<sup>129</sup> subparte



A predicação da construção serial analisada, determinada por ambos os verbos, exige o argumento externo e um locativo, como se observa esquema abaixo:



Nessa construção, o movimento é realizado pelo próprio sujeito em direção a um determinado lugar. No entanto, o que mais nos interessa aqui é exemplificar que a construção serial analisada se adéqua a um esquema inicialmente proposto para uma

<sup>129</sup> H= herança

construção simples, formada por um único verbo, o que indica semelhança entre as estruturas argumentais e semânticas das construções.

Vejamos o exemplo abaixo:

(89)

$\bar{n}$  tú trà-lí nyámàn sù

1Ss **partir** **ultrapassar**-PERF corda por cima

‘Eu pulei (por cima) a corda’

Trajeto: n ‘eu’ Marco: nyámàn ‘corda’

No exemplo (89), os verbos em posição V1 e V2 juntos compõem o significado central da construção, o qual é reforçado pela introdução de um termo adjunto (sù) no final da sentença. O objeto ocupa posição fixa e não pode ser colocado entre os verbos, demonstrando haver coesão entre os itens verbais. Outro traço que manifesta tal coesão é a marca aspectual acoplada apenas a V2 e a não repetição do sujeito antes de V2.

A conceitualização da cena descrita tem como participante mais proeminente o termo em posição sintática de sujeito e como participante secundário aquele em posição de objeto, fato que demonstra o caráter periférico do adjunto sù, no final da sentença.

Se analisarmos separadamente os verbos, vamos identificar que tu ‘partir’ pede apenas um participante: n (trajeto). Por outro lado, tra ‘ultrapassar’ requer um participante focal,  $\bar{n}$ , e um secundário, nyámàn, resultando num alinhamento conceitual correspondente ao alinhamento da própria construção. Para compor a estrutura serial, no entanto, é preciso que os verbos tenham ao menos um participante em comum para que seja viável sua combinação, além da compatibilidade entre os traços semânticos que os compõem. A diferença na saliência dada aos participantes da cena descrita pelos verbos, analisados separadamente, pode ser devida à distinção entre suas redes argumentais. No caso acima, o verbo tu ‘partir’ é intransitivo e requer apenas o argumento externo, enquanto tra ‘ultrapassar’ pede também o argumento interno. Caso semelhante ocorre em japonês com predicados complexos que indicam movimento (Matsumoto 1991 apud

Goldberg 1995:65). Em tais predicados, os verbos combinados devem compartilhar ao menos um dos participantes, o que o autor chama de *Shared Participant Conditions*. “Para nós, essa restrição pode ser explicada no sentido de que ao menos um papel participante e um papel argumento sejam unidos; conseqüentemente, nem todos os papéis argumento podem ter a contribuição da construção”<sup>130</sup>(Goldberg 1995:65).

A coesão semântica e argumental entre os verbos componentes de uma estrutura serial simétrica não leva à conclusão de que tais verbos formem um único lexema. Apesar de sua composição resultar da harmonização entre os traços semânticos e a estrutura argumental de cada verbo, eles ainda se mantêm como unidades distintas. A atribuição do significado à construção está atrelada à capacidade cognitiva dos interlocutores de identificar quais traços se adéquam à construção para compor o seu sentido final sem que seja dada proeminência a nenhum dos verbos.

O verbo *tra* ‘ultrapassar’ é empregado de forma recorrente em construções seriais, adquirindo diversos significados. No caso agora analisado, ele dá saliência ao valor de transposição para compor junto com o verbo *tu* ‘partir’ a noção de pular. A ideia de movimento é mais evidente em *tu*, mas pode também ser inferida de *tra*, uma vez que ultrapassar pode significar ir além de um determinado limite, um ponto determinado geograficamente. Essa noção de movimento, porém, não é depreendida nas construções seriais que indicam comparação, que também fazem uso desse verbo, o que demonstra a abrangência semântica desse item lexical.

Observemos o exemplo a seguir<sup>131</sup>:

(90)

ɔ kwlaa **wɔ**-li **tra**-li tale n su

3Ss poder **saltar**-PERF **ultrapassar**-PERF muro DET sobre

‘Ele conseguiu saltou por cima do muro’<sup>132</sup>

Trajettor: ɔ ‘ele’

Marco: tale ‘muro’

<sup>130</sup> “In our terms, this constraint can be translated into the claim that at least one participant role and argument role must be fused; thus not all of the argument roles can be contributed by the construction”

<sup>131</sup> KOUADIO N’GUESSAN, Jérémie, Tymian; Loucou, J.N, 2003. Verbete *wɔ*.

<sup>132</sup> O texto original é: *Il a réussi à sauter par dessus le mur.*

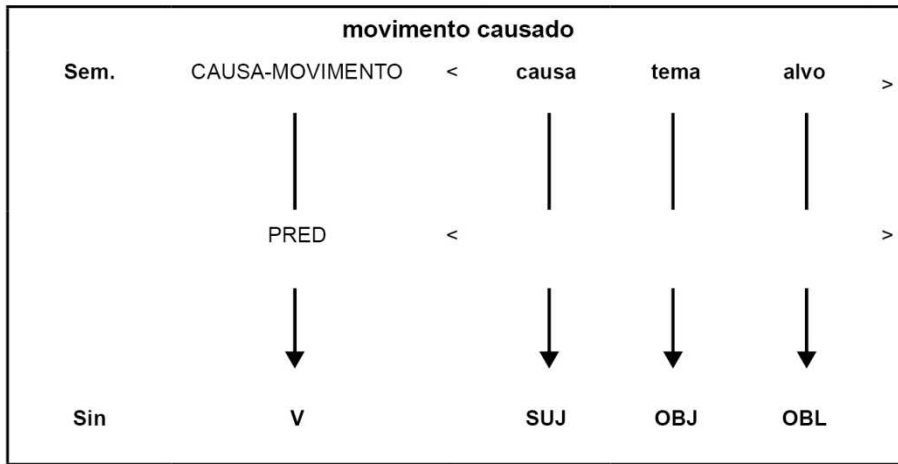
Esse enunciado tem uma estratégia de composição semelhante à do exemplo (90) analisado. O movimento descrito na cena é representado simultaneamente na construção sintática pelos verbos *wlɔ* ‘saltar’ e *tra* ‘ultrapassar’. A formulação do conteúdo semântico de ‘saltar por cima’ de um obstáculo resulta da fusão de traços semânticos de V1 e V2, e por meio da inclusão do morfema *SU* reforça-se a informação de que o salto foi sobre, por cima de algo<sup>133</sup>.

Diferentemente do que ocorre com as construções assimétricas, nos casos aqui descritos de serialização simétrica o mecanismo central que caracteriza a construção como tal ocorre pela amalgamação dos itens verbais em termos semânticos e sintáticos. Nas construções simétricas, temos um processo também centralizado nos verbos, mas que reserva a apenas um deles a possibilidade de preservar seu conteúdo semântico. Em ambos os casos, porém, a interdependência entre os verbos acaba por definir que não se trata de eventos coordenados ou subordinados representados por cada um desses verbos, mas sim da representação de um único evento. É essa maneira de composição que nos permite, por exemplo, no caso de 94, identificar como trajetor o termo em posição de sujeito e como marco o objeto direto, numa estrutura definida como [S V1-V2 OB LOC]. Os termos classificados como trajetor e marco mostram o início e o fim da cadeia de forças implicadas no evento: o sujeito é o elemento propulsor do ato de pular, enquanto o muro determina o obstáculo que, se ultrapassado pelo sujeito, indicará a finalização desse evento.

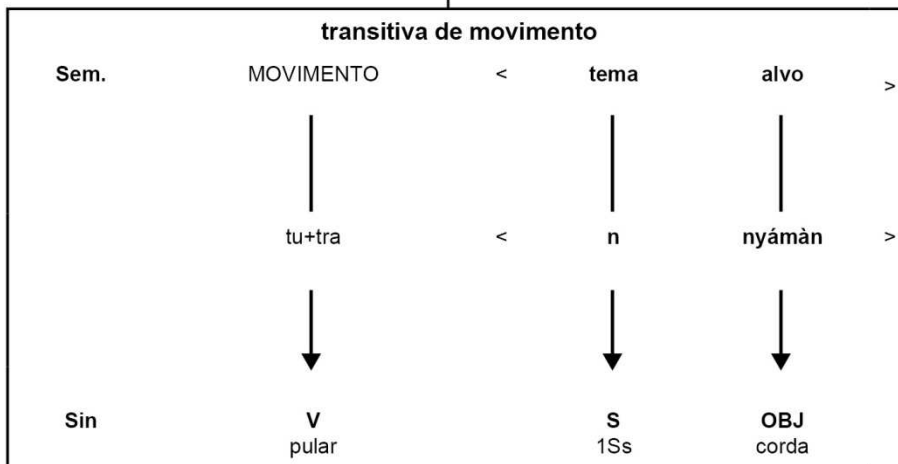
As construções (89) e (90) podem ser representadas, respectivamente, de acordo com a proposta de Goldberg (1995) da seguinte maneira:

---

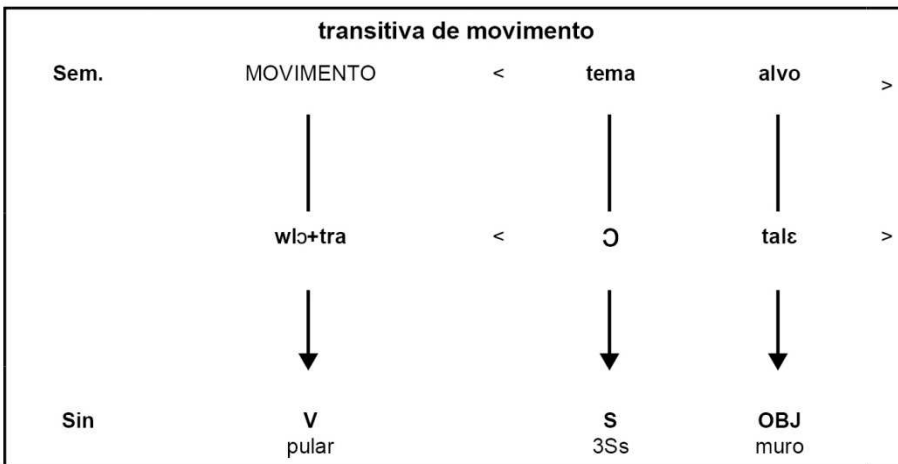
<sup>133</sup> O ato de saltar não pressupõe por si só que o movimento seja realizado sobre um obstáculo, podendo significar que o movimento foi realizado recaiu em um mesmo lugar.



H subparte



ou



Estruturalmente, os exemplos (89) e (90) apresentam-se como uma subparte da construção de movimento causado, assim como a construção intransitiva de movimento exemplificada em (88). As relações entre as construções podem ser depreendidas por meio de tipos específicos de assimetria e *links* de herança entre elas. De acordo com

Goldberg (1995), se uma construção A herda alguma informação de uma construção B, então B motiva<sup>134</sup> A. Nos casos de (89) e (90), construções transitivas de movimento, o fato de serem herança de uma construção de movimento causado se evidencia quando observamos que parte desta construção é preservada na construção transitiva, que se configura, portanto, como uma subparte. O termo causador do movimento não é explicitado na construção transitiva, apenas o realizador (que é o próprio elemento deslocado) e o alvo.

(91)

ì	klē	mòn	wlà	ì	tí	klē	ṅ	ṅ	à	<b>tú</b>	à	<b>tó</b>
POSS	Chapéu	REL	colocar	POSS	cabeça	chapéu	DET	3Ssg	RES	<b>arrancar</b>	RES	<b>cair</b>

‘O chapéu que estava na sua cabeça, o chapéu, ele caiu’

Trajektor: klē ‘chapéu’      Marco: não há

Nela, identificamos a seguinte construção serial, formada pelo verbo **tu**<sup>136</sup>, aqui empregado com o sentido de arrancar, e pelo verbo **to** ‘cair’:

(91a)

ṅ	à	<b>tú</b>	à	<b>tó</b>
3Ssg	RES	<b>arrancar,partir</b>	RES	<b>cair</b>
‘O chapéu caiu’				

O pronome em posição de sujeito representa e sintetiza, por meio do recurso de focalização, todo o trecho que antecede a construção e sobre o qual incide o evento de CAIR designado pela construção serial. Essa estrutura representa uma cena dinâmica, composta por verbos de valências distintas, mas que, conforme identificado nas outras construções simétricas aqui analisadas, têm traços semânticos compatíveis.

<sup>134</sup> Lakoff (1987) sugere uma definição precisa para motivação. Segundo o autor, uma dada construção é motivada na medida em que sua estrutura é herdada de outras construções da língua (cf. Goldberg, op.cit., p.70).

<sup>135</sup> Este verbo pode significar vestir e é usado para indicar o uso de sapatos, chapéus, bijuterias, roupas entre outros.

<sup>136</sup> Este verbo é polissêmico.

A cena descrita envolve apenas um participante focal (trajetor), inanimado, sintaticamente posicionado como argumento externo, que sofre o efeito de alguma causa/ação não especificada linguisticamente. Não há um participante secundário, ou marco, uma vez que o processo perfilado representa o deslocamento do participante focal e não especifica o local final desse descolamento (o que poderia ser o marco). A noção de que houve uma mudança na posição do trajetor é depreendida de dois elementos: do conteúdo lexical dos verbos e da marca aspectual de resultativo, que indica a finalização do processo.

A construção representa apenas o resultado dessa causa/ação sofrida pelo participante, que recebe o papel temático de tema. A representação da construção como uma estrutura semelhante a estruturas formadas por único verbo tem respaldo em sua organização argumental, que tem um único argumento externo para referir-se a ambos os verbos, que descrevem, conjuntamente, uma única ação, mas funcionam sintaticamente como um único predicado.

O exemplo (91a) encaixa-se numa estrutura sintático-semântica de construção resultativa intransitiva, na qual não é expresso o agente causador, pois o traço de volição não é obrigatório nesse tipo de estrutura. A causatividade em baulê pode ser expressa lexical e sintaticamente por construções seriais. No caso em questão, temos a associação de propriedades dos lexemas verbais envolvidos com a estrutura sintático-semântica da própria construção serial.

Elementos periféricos, como um sintagma adverbial ou preposicional, podem ser acrescentados à estrutura sem que haja modificação de seu sentido principal, como observamos no exemplo a seguir, cujo termo de valor adverbial precisa o local em que ocorreu a ação expressa pelo verbo.

(91b)

ò    à    tú                    à    tó    àcè

3Sss RES **arrancar,partir** RES **cair** chão

‘Ele (o chapéu) caiu no chão’

A ênfase da sentença acima está no processo de cair e no local em que esse processo ocorreu, levando o interlocutor a inferir sobre o resultado. Nessa sentença, temos um SN (no caso, retomado pelo pronome de terceira pessoa do singular) que



realiza um deslocamento em direção a um determinado ponto, provocando uma mudança de localização, resultado do processo. Apesar de esse resultado não vir expresso na sentença, ele é pressuposto a partir da própria semântica lexical dos verbos predicadores. Nessa sentença, o locativo configura-se como participante secundário (marco) da cena e evidencia que o processo de cair foi completado pelo trajeto na medida em que indica o local onde o movimento foi finalizado.

Como vimos, construções resultativas manifestam uma relação em que X faz com que Y se torne Z. Ora, no caso da serialização analisada, não temos o participante causador do movimento, mas temos um dos verbos (V1) que compõem a série como indicativo de que o movimento de cair foi causado, e o outro (V2) como representante do próprio movimento. A combinação de causa+movimento, dada pelos verbos **tu** ‘arrancar’ **to** ‘cair’, compõe o conteúdo semântico essencial do processo perfilado, ao qual se juntam os demais elementos da construção. A adequação desses itens lexicais na construção resultativa implica uma harmonização sintática e semântica recíproca entre os mesmos.

Em baulê, a expressão do resultado de um processo também pode ser feita por meio de uma construção não serial, formada por [ti ‘ser’ + wa] (CREISSELS & KOUADIO, op.cit., p.264-265):

(92)

āliĕ      n̄      tī      bè-wā

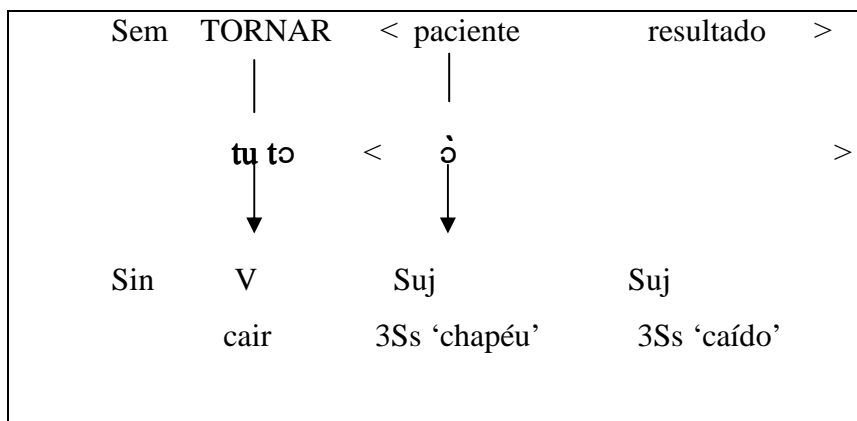
alimento DET    ser    cozinhar

‘O alimento está cozido’

Nesse tipo de sentença, o resultado é veiculado pela própria estrutura, diferentemente do que ocorreu na construção serial, em que é descrito apenas o processo que antecedeu o resultado. Vale acrescentar ainda que a construção do exemplo 92 põe em evidência o estado final de um processo, mas não exprime o seu agente causador, assim como ocorreu na construção serial anteriormente analisada.

A sintaxe de construções seriais simétricas pode dar origem a diferentes comportamentos semânticos, variando em relação aos itens lexicais que as compõem.

Dessa forma, o exemplo (91a) descreve um movimento - representado sintaticamente pela combinação de dois verbos - realizado por um pronome em função de sujeito e com incidência sobre esse mesmo termo. Podemos representar essa sentença como:



Os papéis semânticos requeridos pela construção resultativa são, então, o de paciente e o de resultado, desempenhados por um mesmo termo sintático, o sujeito. A noção de resultado é veiculada pelo processo designado pelo verbo – no perfectivo –, que incidi sobre o próprio sujeito.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, procuramos investigar a organização conceitual que permeia o processo de elaboração dos enunciados que fazem uso de construções seriais em baulê a partir dos pressupostos da Gramática Cognitiva e da Gramática de Construções. Demonstramos que, para o sentido ser veiculado, é imprescindível a compatibilidade entre a construção serial e os itens lexicais que a compõem, assim como ocorre com as demais construções da língua.

Foi observado que construções seriais em baulê se assemelham a estruturas de um único verbo na maneira como realizam sua predicação e a atribuição dos papéis semânticos.

A verificação do participante focal e secundário da cena descrita foi determinante para a análise do *profile* da construção, pois nos revelou o modo como os verbos se organizavam conceitualmente na estrutura sintática, adaptando-se a ela para compor seu significado.



## CONCLUSÃO

Nossa pesquisa teve como objetivo realizar uma descrição das construções seriais em baulê que não se limitasse a observar apenas suas propriedades sintáticas, mas investigasse a representação conceitual dos itens lexicais que a compõem para que fosse possível caracterizá-las e diferenciá-las de estruturas semelhantes, como as coordenadas. Para isso, realizamos uma classificação tipológica dessas construções em baulê com base no que propõem Aikhenvald & Dixon (2006) e adotamos a perspectiva teórica da Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 2008, 2010) e da Gramática de Construções (Goldberg, 1995) para a investigação de sua organização conceitual.

A leitura de trabalhos sobre construções seriais nas mais diversas línguas nos revelou uma heterogeneidade de dados, classificações e perspectivas teóricas que tentaram dar conta dessa estrutura sintática, inicialmente concebida como o resultado de uma falha da capacidade cognitiva dos falantes de algumas comunidades linguísticas. Essa noção limitada, no entanto, foi repudiada por autores contemporâneos, como Bonvini (1992) e Delplanque (1998), que contestaram definitivamente a argumentação de que tais construções revelavam uma forma particular de coordenar os pensamentos, consequência de uma inaptidão para formar enunciados mais concatenados, afirmando que se tratava de um recurso sintático criativo, utilizado para expressar ideias que, em outras línguas são expressas por meio de outros recursos, sem imprimir nenhum valor nem a uma nem a outra estrutura.

Conforme observado no capítulo 1, a literatura sobre construções seriais é ampla, mas pouco eficiente no que diz respeito a organizar e sistematizar as suas principais características. O que procuramos apresentar no referido capítulo foi um inventário de pesquisas que tornasse compreensível a trajetória de investigação dessas construções.

Verificamos que os primeiros estudos, datados de 1875, já esboçavam uma diferença na maneira como os verbos se combinavam, o que foi denominado por Christaller (1875) de *combinação essencial* e *combinação acidental*. A percepção de que essas estruturas poderiam se organizar de maneiras distintas foi o primeiro passo para a compreensão de sua variabilidade sintática e semântica. Recentemente, Aikhenvald & Dixon (2006) sistematizaram de forma eficiente as distinções entre as construções, dividindo-as em dois grandes grupos que, por sua vez, se subdividem também, de acordo com suas propriedades sintáticas e semânticas. Esses dois grupos

(construções assimétricas e construções simétricas) se distinguem fundamentalmente no modo como os verbos se organizam: nas primeiras (assimétricas), um dos verbos adquire propriedades de verbo funcional, e outro(s) se mantém(êm) como verbo(s) pleno(s); na segunda (simétricas), os verbos representam conjuntamente o evento, sem que nenhum deles seja proeminente nessa fusão. A disposição das construções seriais nesses dois grandes grupos foi o primeiro passo para a nossa análise das estruturas em baulê, pois, assim, foi possível investigar mais atentamente as propriedades sintáticas e semânticas de cada uma delas.

No capítulo teórico, caracterizamos os pressupostos da teoria da Gramática Cognitiva e da Gramática de Construções, as lentes que nos guiaram no momento da análise das construções. Essas teorias se mostraram adequadas, pois compartilham pressupostos comuns e que se complementam em uma análise linguística. O primeiro deles é a consideração de que todas as estruturas da língua são unidades simbólicas, que expressam um conteúdo conceitual, dotadas de um polo fonológico e um polo semântico, ou do pareamento de forma e significado. Essa premissa nos faz perceber que as construções linguísticas não são uma sobreposição de peças (ou unidades), ou, como afirma Salomão (2010), um somatório de partes. A elas precede um recorte específico à sua própria integração conceptual. A análise desse conteúdo conceitual foi primordial à nossa proposta de pesquisa, pois serviu de subsídio à interpretação da organização dos itens lexicais na composição de uma construção serial em baulê.

Outro fator que nos impulsionou para a escolha das teorias mencionadas foi a concepção de que a sintaxe não é um módulo central na língua, mas um aspecto designador da composição do significado nessa língua, pois todos os módulos (fonologia, morfologia, sintaxe, discurso) têm papel relevante nos processos linguísticos. A gramática de uma língua é considerada por essas teorias como uma rede de construções (especialmente pela Gramática de Construções) e, portanto, configura-se como uma continuidade básica entre sintaxe e léxico. A elaboração do significado para ambas as teorias é formada por uma dimensão conceitual e por uma dimensão discursiva, as quais agregam aos processos de conceitualização a interação entre os interlocutores, evidenciando o caráter dinâmico e social das línguas.

No que tange especificamente à Gramática Cognitiva, considerando a perspectiva de modelos prototípicos para nomes e verbos (Langacker, 1997, 2008, 2010), pudemos verificar que alguns verbos constituintes de construções seriais em baulê não são prototípicos, na medida em que não denotam nenhum processo,

constituindo-se como verbos funcionais. Identificamos também que o domínio conceitual de um dos verbos da construção serial, no caso das assimétricas, é o mais proeminente, mantendo seu caráter de verbo pleno; o outro verbo foi classificado como verbo funcional, pois não seleciona argumentos nem determina o papel semântico de nenhum termo. A identificação dos elementos de participação focal (trajetor) e secundária (marco), fundamental à teoria em questão, foi decisiva para a organização do significado da estrutura, especialmente no que tange às construções assimétricas.

Processos de gramaticalização estão também relacionados à organização dos verbos na construção serial, principalmente as assimétricas, uma vez que, como já foi salientado, nesse tipo de serialização apenas um dos verbos permanece como verbo pleno e o outro adquire novo estatuto. Esse fato, contudo, não restringe o uso do verbo gramaticalizado, ou empregado como verbo funcional, aos processos de serialização, visto que em outras construções esse item lexical pode adquirir propriedades de verbo pleno, em concordância com o que solicitar a construção que integrar.

Ainda no caso da serialização assimétrica, por se tratar de uma construção multiverbal que descreve um único evento, analisamos o alinhamento do trajetor e do marco relativos cada um dos verbos que compunham a estrutura. Em seguida, comparamos esses alinhamentos com o alinhamento designado pela própria construção para verificarmos se eram coincidentes. Percebemos que o verbo mais representativo da cena descrita (o verbo pleno) tinha o mesmo alinhamento projetado pela construção, o que o caracterizou como o designador do *profile* determinante da construção.

Durante a análise, procuramos salientar que o item verbal que passa a verbo funcional na construção serial assimétrica não perde suas propriedades de verbo pleno, mas se adéqua ao novo contexto e adquire novas propriedades, as de verbo funcional. Nessa perspectiva, enfatizamos que a produção do significado nas estruturas sintáticas acontece em duas vias: dos itens constituintes para a construção e da construção para os itens constituintes, conforme o que postula a Gramática de Construções.

No que tange às construções simétricas, a integração dos itens lexicais pressupõe que os mesmos tenham conteúdo semântico semelhante e se adéquem a uma estrutura que não dará proeminência nem a um nem a outro verbo. Partindo da premissa de que toda construção já traz em si um significado, seus itens constituintes devem se ajustar a ela para a elaboração do sentido. A noção de composicionalidade foi bastante requerida nesse tipo de construção serial, que exige a integração dos verbos constituintes, bem

como a sua adequação à construção, confirmando a proposta de que itens lexicais não são unidades estanques.

Durante a pesquisa, demonstramos também que construções seriais em baulê não devem ser analisadas como coordenadas, uma vez que na serialização não é possível descrever mais de um evento, como ocorre com a coordenação. A inserção de um conectivo entre os verbos descaracteriza a serialização, muda o significado da construção e a transforma em uma coordenação. Além disso, na coordenação deve haver duas unidades do mesmo tipo combinadas, o que não ocorre na serialização em baulê, que se assemelha à organização sintática de estruturas de um só verbo. Dessa forma, procuramos pontuar que uma observação limitada às propriedades sintáticas de estruturas seriais pode resultar em conclusões equivocadas. A investigação da organização conceitual dos itens lexicais constituintes de uma construção serial, bem como do sentido da própria construção em baulê, foi essencial para a nossa análise.

Esta pesquisa não se esgota aqui. O estudo de construções seriais em baulê e em outras línguas carece de mais investigações, sob perspectivas teóricas diversas, que continuem a aprofundar o conhecimento sobre esse tema. Esperamos ter dado um pequeno passo nesse caminho e gostaríamos que esta pesquisa se configure como um incentivo a outras abordagens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGYEMAN, N. A. 2002. *Serial Verb Constructions in Akan*. Master's Thesis. Norwegian University of Science and Technology (NTNU).

AIKHENVALD, A.; DIXON, R.M.W. (eds.). *Serial verbs constructions. A cross-linguistic typology*. New York: Oxford University Press, 2006.

AMEKA, Felix. *Multiverb constructions in a West African areal typological perspective*. Leiden University, (s./d.).

\_\_\_\_\_. Ewe serial verb constructions in their grammatical context. New York: Oxford University Press, 2006.

BOHOUSSOU, AMANI. *L'énoncé complexe du nàáfwê*. Muenchen: Lincoçm 2008.

BOLE-RICHARD, Rémy. Problématique des séries verbales avec application au gen. *Afrique et Langage*. n.10. 2º semestre 1978.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português*. São Paulo: Ática, 2002.

BROCCIAS, Cristiano. *Cognitive approaches to grammar*

BRUCE, J. Serialization from syntax to lexicon, *Studies in language* 12.19-49, 1988.

CASTILHO, Ataliba T. de. 1997. "A gramaticalização" In: *Estudos Lingüísticos e Literários*, 1997, n. 19, p. 25-64.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: USP, 1966.

\_\_\_\_\_. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.396-397.

\_\_\_\_\_. Para uma sintaxe da repetição. *Língua falada e gramaticalização*. *Língua e Literatura*. São Paulo: Humanitas, 1977, n.23, p.293-330.



\_\_\_\_\_. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Ângela C.S.(Orgs.). *Gramática do português falado*. São Paulo : Editora Unicamp, 2002, p. 83-116, v.VIII.

CHAFE, W. (Ed.). *The Pear stories*. Cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production. Norwoor, New Jersey: ABLEX Publishing Corporation, 1980.v.III.

\_\_\_\_\_. *Discourse, consciousness and time*. The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. p.1-160.

CHOI, Seongsook. Serial verbs and the empty category. In: Beermann, Dorothee; Hellan, Lars (Eds.). *Proceedings of the workshop on Multi-Verb constructions. Trondheim Summer School 2003*. Norwegian University of Science and Technology, Trondheim, 2003.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_. *Syntactic structures*. Cambridge: The MIT Press, 1957.

CREISSELS, Denis. 2000. Typology. In: HEINE, Bernd; NURSE, Derek (eds.). *African languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 231-258.

\_\_\_\_\_. Schemes de prédication verbale. In: *Description des langues négro-africaines et théorie syntaxique*. Grenoble: Ellug, 1991 ;

CREISSELS, D.; KOUADIO, N. *Description phonologique et grammaticale d'un parler baoule*. Institut de Linguistique Appliquée, Université Nationale de Côte-d'Ivoire, 1977.

CROFT, W. Intonation units and grammatical structure. *Linguistics*. An interdisciplinary journal of the language sciences, Berlyn/New York, 1995. v.33-5, p.839-882.

DELPLANQUE, Alain. Le mythe des “series verbales”. *Revue de linguistique*, Paris, n.11-12, p.231-249.

ETHNOLOGUE. Site [http://www.ethnologue.com/show\\_lang\\_family.asp?code=bci](http://www.ethnologue.com/show_lang_family.asp?code=bci).

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual integration networks. *Cognitive Science* 22, 1998 (2): 133-187.

FILLMORE C.; KAY, P.; O’CONNOR, M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of “Let alone”. *Language* 64(3): 501-538, 1988.

FIORIN, JOSÉ L.; PETTER, MARGARIDA M.T. (orgs.) *África no Brasil. A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

Geeraerts, D.; Cuyckens, H. (Eds.). 2007. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press.

GIVÓN, T. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: Graig (ed.). *Noun classes and categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1986.

GIVÓN, T. Serial verbs and the mental reality of ‘event’: grammatical vs. cognitive packaging. In: HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elisabeth C. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Focus on theoretical and methodological issues. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. “Constructions: A New Theoretical Approach to Language.” *Trends in Cognitive Science* 7. 5:219-224, 2003c. (reprinted in *Journal of Foreign Languages*, China, 2004).

\_\_\_\_\_. *Noun classes and categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1986.

HAGEMEIJER, T. Underspecification in serial verb construction. IN: RIEMSDIJK, H. VAN; HULST, H. VAN DER; KOSTER, J. (eds.) *Studies in generative Grammar*, 2001.

\_\_\_\_\_. *Serial Verb Constructions in São-Tomense*. Lisboa, 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística Descritiva). Universidade de Letras de Lisboa.

HASPELMATH, Martin. Coordinating constructions: an overview. In: HASPELMATH, Martin (dir.). *Coordinating Constructions*. Amsterdam/Philadelphie: John Benjamins, 2004, p.3-39.

HELLAN, L.; BEERMANN, D.; ANDENES, E. *Two types of Serial Verb Construction in Akan*. Norwegian University of Science and Technology (NTNU), 2003.

HEINE, B.; ULRIKE, C.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization*. A conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HILFERTY, J. *Cognitive linguistics: an introductory sketch*. Universitat de Barcelona. (s.d.).

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elisabeth C. *Gramaticalization*. Cambridge: University Press, 1977.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão online.

KEWITZ, Verena. *Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (séculos XIX e XX)*. São Paulo, 2007. 211 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

KOCH, I.V.; MARCUSCHI, L.A Referenciação. In: Jubran & Koch (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Vol. I: Construção do Texto Falado*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2006.

KOUADIO N'GUESSAN, Jérémie. Les séries verbales em baoulé: questions de morphosyntaxe et de sémantique. *Studies in African Linguistica*, v.29,n.1, spring 2000.

KOUADIO N'GUESSAN, Jérémie; Kouame, Kouakou. *Parlons Baoulé*. Langue et culture de La Côte d'Ivoire. Paris: L'Harmattan, 2004.

KOUADIO N'GUESSAN, Jérémie, Tymian; Loucou, J.N. *Dictionnaire Baoulé-français*. Abidjan: Nouvelles éditions Ivoiriennes, 2003.

LAKOFF, G. Categories: an essay in Cognitive Linguistics. *Linguistics in the morning calm*. Selected Papers from SICOL-1981. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982, p.139-209.

\_\_\_\_\_. Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar*, Volume I, Theoretical Prerequisites. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Universals of construal. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p.447-463, 1993a.

\_\_\_\_\_. Discourse in Cognitive Grammar. *Cognitive Linguistics*, San Diego, n.12, p.143-188, 2001.

\_\_\_\_\_. Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar. 2ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.

\_\_\_\_\_. Orientation. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Constructional integration, Grammaticization and Serial verbs constructions. *Langage and linguistics*, n.4.2, p.251-278, 2003.

\_\_\_\_\_. Cognitive Grammar. In: GEERAERTZ, D.; CUYCKENS, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press: 2007.

LARSON, Martha. *Baule SVCs: Two distinct varieties of missing objects*. Fraunhofer IMK, Sankt Augustin, Germany. Legon-Trondheim Linguistics Project Annual Colloquium. University of Ghana, Legon, 4-6 December, 2002.

\_\_\_\_\_. The empty object construction and related phenomena. Dissertation presented to the Faculty of the Graduate School of Cornell University, 2005.

LAW, PAUL; VEENSTRA, Paul. On the structure of serial verb constructions. *Linguistics Analysis* 22, p.185-217, 1992.

LAWAL, S. ADENIKE. The Yoruba serial verb construction. A complex or simple sentence. In: Mufwene, S.S. ; Moshi, L. (eds.) *Topics in African Linguistics*. Amsterdam :John Benjamim P. Company, v.100, p.79-103, 1993.

LECLERC, J. <<Côte d'Ivoire>> dans *L'aménagement linguistique dans le monde*, Quebec, TLFQ, Université Laval, 01 juillet 2007, [<http://www.tlfq.ulaval.ca/axl/europe/danemark.htm>], (05 mai 2008).

LEHMANN, Christian. 1995. *Thoughts on Grammaticalization*. München, Newcastle: Lincon Europa.

LEITE, Marcelo Andrade. *Resultatividade: um estudo das construções resultativas em português*. Rio de Janeiro, 2006. 205 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LORD, Carol. Causative constructions in Yoruba, *Studies in African Linguistics, Supplement* 5195-204.

\_\_\_\_\_. *Historical change in serial verb constructions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

MIRANDA, NEUSA SALIM; SALOMÃO, M.M.M. (orgs). *Construções do português do Brasil. Da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

NOYAU, COLETTE; TAKASSI, ISSA. Catégorisation et recatégorisation: les constructions verbales sérielles et leur dynamique dans deux familles de langues du Togo. In: LAZARD, GILBERT; MOYSE-FAURIE, CLAIRE (eds.) *Linguistique Typologique*. Lille: Presses du septentrion, 2005, p.207-240.

OSAM, E.K. *Aspects of Akan Grammar: A functional perspective*. PhD Thesis, University of Oregon, 1994.

PAL, Dayane Cristina. *Construções seriais em português brasileiro: estudo com dados da comunidade negra de Pedro Cubas, Vale do Ribeira/SP*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

QUINT, N. Coordination et parataxe en capverdien moderne (dialecte santiagais ou badiais). In: CARON, B. (ed) *Subordination, dépendance et parataxe dans les langues africaines*. Louvain / Paris: Peeters, 2008, p. 29-48.

PAWLEY, Andrew & LANE, JONATHAN. From event sequence to grammar: Serial verb constructions in Kalam In: SOEWIERSKA, A. and SONG, J. J. (eds.) *Case, Typology and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

ROBERT, Stéphane. Vers une typologie de la transcatégorialité. In: \_\_\_\_\_. (ed.) *Perspectives synchroniques sur la grammaticalisation. Polysémie, transcatégorialité et échelles syntaxiques*. Louvain/Paris: Peeters/Université Paris 7, 2003.

\_\_\_\_\_. Words and their meanings: principles of variation and stabilization, In: VANHOVE, Martine (ed), *From polysemy to semantic change: towards*

*a typology of lexical semantic associations*, Studies in Language Companion Series 106, Amsterdam: John Benjamins: 2008. p 55-92.

RODRIGUES, ANGÉLICA T.C. “Eu peguei e saí”: uma construção nos limites da coordenação. *Veredas*, Juiz de Fora, n.1 e n.2, p.29-40, jan.dez. 2004.

\_\_\_\_\_. *Eu fui e fiz a tese*: as construções do tipo foi fez no português brasileiro. Campinas, 2006. Tese. IEL/UNICAMP.

SALOMÃO, MARIA Margarida Martins. Teorias da linguagem: perspectiva sociocognitiva. 2006.

\_\_\_\_\_. Gramática das construções: a questão da integração entre sinaxe e léxico. *Veredas*, Juiz de Fora, v.6, n.1, 63-74.

SEBBA, Mark. *The syntax of serial verbs*. An investigation into serialisation in sranan and other languages. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987.

SILVA, Augusto Soares da. *A Lingüística Cognitiva*. Uma breve introdução a um novo paradigma em Lingüística. Universidade Católica, Faculdade de Filosofia de Brasa. Em: <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>.

\_\_\_\_\_. Da semantica da construção à semântica do verbo e vice-versa. In: I.Castro e I.Duarte (orgs). *Razões e emoções*: miscelânea em homenagem a Maria Helena Mira Mateus, v.2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SMITH, Carlota. *The parameter of aspect*. 2ed. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1977.

TAYLOR, J.R. *Linguistics Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Clerendon Press, 1995.

TALMY, Leonard. The windowing of attention in language. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge/London: MIT Press, 2003. v.1 (Concept structuring systems).

\_\_\_\_\_. *Toward a Cognitive Semantics*, vol. 1: *Concept Structuring Systems*. Cambridge: MIT Press/Bradford, 2000a.

\_\_\_\_\_. *Toward a Cognitive Semantics*, vol. 2: *Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge: MIT Press.\_\_\_\_\_. The fundamental System of Spatial Schemas in Language. In: Hamp, Beate (ed.) *From perception to meaning: Image schemas in Cognitive Linguistics*. Mouton de Gruyter, 2000b. Versão preliminar: <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/recent/hampevi.pdf>.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1967.

WACHOWICZ, Tereza Cristina. *As leituras aspectuais da forma do progressive do português brasileiro*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

WATERS, JOHN R. Syntaxe. In: In: HEINE, BERND; NURSE, DEREK. *Les langues africaines*. Paris: Karthala, 2004.

WECHSLER, Stephen M. Serial Verbs and Serial Motion. In: BEERMANN, Dorothee; HELLAN, Lars (Eds.). *Proceedings of the workshop on Multi-Verb constructions. Trondheim Summer School 2003*. Norwegian University of Science and Technology, Trondheim, 2003.

WENZ, Karin. Iconicity in verbal descriptions of space. In: DIRVEN & PÜTZ (eds.) *The Construal of Space in Language and Thought*. Cognitive Linguistics Research 8. Berlin, New York, Mouton de Gruyter, 1996.

WILLIAMSON, KAY ; BLENCH, ROGER. Niger-Congo. In: HEINE, BERND; NURSE, DEREK. *Les langues africaines*. Paris: Karthala, 2004.



## ANEXO

Trecho de uma das narrativas do *corpus*

blòfùè klò kún sú lò  
branco vila INDET dentro LOC  
'Numa vila (vila de brancos)'

Blà viè í ní wá  
Mulher qualquer com POSS criança  
'uma mulher com seu filho'

Mè wò swà nù  
3Ss ser casa dentro  
'dentro de casa'

Bà sú wá kó lá  
Criança PROG FUT ir dormir  
'a criança estava quase dormindo'

yε ɔ kɔ suma ba i bε su  
então 3Ss ir levar criança POSS cama em cima  
'então ela foi levar seu filho para a cama'

Bà sò í sí wà nì *fènètrì*  
Criança DEM POSS pai FUT fechar janela  
'seu pai vai fechar a janela'

Ì ní kò sùmè bè sù  
POSS mãe ir levar cama sob  
'sua mãe o colocou na cama'

yè ò fà flwà viè  
depois 3Spegar papel qualquer  
'depois ela pega um livro qualquer'

Ngà ndè wò nù  
DEM historia ser dentro  
'onde ficam as histórias'

wà trà bá únè  
FUT sentar criança perto  
'ela está indo se sentar perto da criança'

ì sù ká nú sò flwá ndé  
3Ss PROG contar dentro INDICE papel historia  
'ela está contando a historia'

mò bà láfi  
enquanto criança dormir  
'enquanto a criança dorme'

yè ké kán sò ndè kañ klè bà  
então enquanto contar historia contar mostrar criança  
'enquanto ela explica a história para a criança'

lafɛ kún bà  
sono matar criança  
'a criança dorme'

yè wà làli ò  
então FUT dormir-acc PRED  
'então, ele se deita'